

Deixe o amor decidir por você...

MOSTRE-ME SEU
Amor

A. K. RAIMUNDI



Mostre-me seu amor A.K. Raimundi 2017

Copyright © 2017 A.K. Raimundi Capa: Amanda Raimundi Revisão: Margareth Antequera
Diagramação Digital: Margareth Antequera Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas.
Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.
Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Epílogo](#)

“A vida toda se resume em decisões. Pequenas decisões que nos levam para onde queremos, ou não, irmos. Ela é o recomeço, superação no que for preciso. E cada insignificante decisão tomada muda cada momento do resto de sua vida. ”

A.K. Raimundi

Prólogo

Mason Lennox 04 de Outubro de 2015

Quinta-feira, eu estava ansiando pelo final de semana. Nem tanto por deixar os ternos de lado, mas pelo sábado que combinei de sair com os meus amigos. Mesmo com todos os compromissos ou no caso de nossas mulheres e alguns com filhos, como no meu caso. Marcávamos pelo menos um final de semana, no mês, para um pequeno encontro entre nós. Seja em um bar ou num campo de golfe como era o caso nesse final de semana.

Ao todo éramos em sete, todos amigos de infância, alguns mesmo tendo seguido outros caminhos, estudado em outras cidades. Nada tinha nos afastado.

— E aí cara, confirmado no sábado, né? – Peter, ou como conhecíamos pela infância Toby, trabalhava comigo na Globe Finances, ele era um dos gerentes administrativos da empresa.

— Confirmado. Estava pensando nisso agora mesmo.

Estralei meu pescoço, voltando a me encostar na cadeira, ignorando a pilha de documentos para assinar em minha frente.

— Uma cerveja a tarde com os amigos, sem o som do bebê chorando ou mulher reclamando. – Peter ria da própria situação, ele tinha acabado de ter um filho, Brian. E sua esposa Jules estava passando pelo que nós *singelamente* apelidamos alergia e ódio pelo marido, tudo meramente explicativo, afinal ela tinha ficado com uma mini pessoa sugando-a durante nove meses.

— Meu amigo isso passa, fique tranquilo.

— Você fala isso porque a Natali é um amor de pessoa, além de Ever
NACIONAIS-ACHERON

já ter quatro anos o que facilita muito.

Soltei uma gargalhada, — Já passei por isso e você verá que passa.

— Agora entendo quando falam que “pós filhos” a vida te dá tchau.

— Dramático!

Deixei meus olhos recaírem sobre o porta-retrato de Natali com Ever, ambas rindo num balanço, Ever era cópia exata da mãe. Tirando os olhos, os olhos eram os meus.

Seus cabelos assim como na foto em cima de minha mesa eram cacheados, loiros como os raios do sol na manhã de domingo. Suspirei, agradecendo silenciosamente minha vida, pela minha mulher e minha linda menininha.

Peter fez um gesto com a mão me dispensando. — Até mais!

— Até Pet. — Retribui ainda olhando para a foto.

05 de Outubro de 2015

Entrei no quarto de Ever, seus lindos olhos castanhos estavam arregalados, os longos cílios molhados do choro recente.

— O que aconteceu minha menina?

— Ah, papai, eu tive um sonho muito ruim.

Ever logo se sentou na cama, totalmente desperta. Caminhei pelo quarto desviando dos ursinhos jogados no chão. Seu gatinho dormia tranquilamente nos pés da cama, nem ligando para agitação em volta dele.

— Conte para o papai minha menina, que sonho foi?

— Eu sonhei que nunca mais iria ver você nem a mamãe. – Seus cachinhos balançavam a sua volta, ela se jogou em meus braços, encaixando o pequeno corpo em meu colo.

— Nunca ficaria sem você minha pequena. Foi apenas um sonho ruim. – Olhei para seu rosto, sequei com a palma da mão algumas lágrimas que caíam. – Quer uma história para dormir?

— Sim, Sim!

— Ok, mas depois é para dormir.

— Tudo bem.

Peguei um livro da pequena sereia na prateleira perto da porta, voltando a me sentar na sua cama. Ever se acomodou debaixo das cobertas agarrando o pobre gato, como se fosse de pelúcia.

Na metade da história suas mãos se afrouxaram permitindo que o gato se mexesse e seus pequenos lábios rosados se abriram. Finalmente adormecida.

Deixei o livro perto do abajur, puxei a coberta. – Boa noite minha menina.

— Você a *mima* demais. – Sussurrou Natali da porta.

Virei-me sorrindo. – Mimo as duas, agora é a vez da mamãe.



— Não estão esquecendo nada? – Perguntei, sentado na mesa ampla de nossa cozinha. Natali e Ever iriam passar o final de semana em Corning, na casa dos pais de Natali. Enquanto eu iria passar o sábado com os meninos.

— Peguei tudo, Ever termine seu café temos que ir.

Natali arrumava os últimos detalhes no carro para sua viagem de algumas horas. Eu ficaria algumas horas de bobeira, até sair com meus amigos, acho que daria uma caminhada para ocupar meu tempo.

— Estou pronta, mamãe. – Anunciou Ever buscando seu gato, que afiava a unha no pé da mesa.

— Filha já conversamos, o senhor Botas ficará aqui com o papai.

— Mas mamãe ele não vai ficar bem sem mim. – Ever fez seu famoso biquinho, aquele que todas as crianças sabiam que quebrava os pais no meio.

— Deixe-a levar o senhor Botas, amor.

— Meu Deus! Quem inventou de dar um gato para nossa filha? – Ela riu sabendo muito bem que foi ela que tinha dado a ideia.

Acompanhei as duas até a entrada de casa, o dia estava meio nublado, olhei para o céu vendo algumas nuvens escuras passando em direção ao Norte.

— Me ligue quando chegarem, por favor. – Pedi beijando o topo de sua cabeça. – Parece que o tempo está virando.

— Pode deixar, se cuide.

Fiz que sim com a cabeça. Elas correram para o carro, Ever se acomodou em sua cadeira e Natali no banco da frente. Estava entrando novamente em casa quando elas me chamaram.

— Mason!

Olhei por cima do ombro vendo as duas com os sorrisos idênticos para mim.

— Amo você.

— Minhas lindas, amo vocês – Gritei com as mãos em volta da boca.



Natali e Ever tinham ido há meia hora e eu estava inquieto, não por estar sozinho em casa, mas algo estava me deixando angustiado. Troquei minha calça de pijama por um short de ginástica, estava fechando a porta quando o telefone começou a tocar. Esperei alguns segundos, parou. Ia retomar meu caminho quando ele voltou a tocar, corri de novo pelos degraus abrindo a porta, ansioso para escutar a voz de Natali, quem sabe decidiram parar para me avisar que estava tudo bem...

— *Sr. Lennox?*

A voz suave de uma mulher do outro lado da linha arrepiou os pelos do meu corpo, meu estômago deu um nó. Sabe quando você atende uma ligação e um arrepio toma sua espinha? Nesse momento eu soube que alguma coisa estava muito errada.

— Sim. – Minha voz estava fraca, quase um sussurro.

— *Aconteceu um acidente, a Sra. Lennox e sua filha...*

— O que têm elas? – Gritei desesperado. Meu corpo tremia.

— *Preciso que o Sr. se dirija ao Hospital Central.*

— Fale de uma vez? Onde está minha mulher? Minha filha?

— *Sr. venha ao Hospital, por favor.*

Eu não conseguia discutir com a mulher no telefone, corri até o aparador ao lado da entrada buscando as chaves do carro.

Uma chuva torrencial inundava Nova York, os trovões estavam em sincronia com meus sentimentos. Meu peito estava apertado, agoniado. Imagens de Natali e Ever se despedindo de mim naquela manhã. Pisei no acelerador, correndo um pouco para compensar o fato de morar um pouco afastado do centro, por escolha nossa. Para nossa filha crescer com espaço e um jardim para Natali.

Passei pelo cruzamento mesmo no sinal vermelho, estava há alguns quarteirões do hospital, a chuva castigava o carro, o para-brisa trabalhando freneticamente. Os semáforos estavam ao meu favor. E nem isso impediu que um idiota passasse pelo cruzamento atingindo-me em cheio... Lançando meu carro para o lado oposto, mesmo com o cinto de segurança meu corpo foi lançado contra as ferragens, minha cabeça bateu com força no vidro me fazendo perder a consciência...

E num breve piscar de olhos, tudo que eu tinha na minha vida, tudo que eu sabia sobre mim e sobre a vida, mudou.

16 de Fevereiro de 2016.

Imbecil!

Esfreguei o rosto limpando as lágrimas estúpidas que caíam pelo meu rosto. A raiva era muito bem-vinda nesse momento, era como um tipo de droga anestesiando todo meu corpo do que tinha restado da minha vida.

Se eu podia chamar isso de vida.

Na tentativa de me afastar de tudo a cadeira tinha ficado presa entre os móveis pesados de madeira. E, tudo piorou quando tentei arremessar um vaso de cristal que estava perto de mim no aparador. Isso levou a minha queda.

Nada pior poderia me acontecer.

Que ótimo, fui reduzido a uma merda de ser humano, agora além de tudo ainda tinha caído de cara no chão e mal conseguia me erguer.

Capítulo 1

Lisa Hope 12 de Junho de 2017

Mal o relógio marcou nove horas e a pequena população de Corning já mostrava as caras pelas ruas, acelerei minha corrida passando por ruas ladeadas por grandes árvores, as entradas preguiçosas para casas grandes e algumas antigas, conservando a originalidade da minha pequena cidade.

Parei um pouco tomando um gole de água, muitos de meus amigos e familiares questionaram minha decisão de me mudar para a famosa Cidade Cristal, afinal o que uma fisioterapeuta como eu faria numa cidade pequena? Além de cuidar dos velhinhos locais? Mas eu gostava de um dia ter largado a vida corrida na cidade grande e me estabelecer em algo assim. Todos, todos mesmo conheciam as pessoas pelos nomes, ainda mais se você é algum “forasteiro”, como dizem os moradores.

A Sra. Lakes saiu vindo ao meu encontro com um sorriso singelo, bem conhecido como aquele sorriso de fofoca.

— Bom dia, Lisa. — Ela colocou aquele cachorro sinistro que ela chamava de filho no chão.

— Bom dia, Sra. Lakes.

— Você viu que tem morador novo no casarão da Glue Chip?

Suspirei internamente, sabia que ela só estaria polvorosa assim se tivesse uma fofoca boa para espalhar por aí.

— Não, Sra. Lakes, não sabia.

— Menina, você deveria estar mais inteirada na sua vizinhança, afinal é apenas três ruas depois daqui... — Ela pegou novamente aquele projeto de cachorro no colo. — Sabe, Suzie viu chegando ontem no meio da noite, três carros meninas, ela disse que pareciam figurões importantes. Aposto que é

algum magnata tentando formar um crime organizado em nossa pequena Corning.

Segurei a vontade de rolar os olhos com essas maluquices.

— Imagino que são apenas pessoas com mais posses. — Olhei para o relógio em meu pulso, tinha que dar um jeito de sair daqui. — Sra. Lakes eu realmente preciso ir.

Não esperei uma resposta, acenei retomando meu caminho. Não sem antes escutar seu resmungo. — *Menina mal-educada.*



Eu havia me mudado há três anos para Corning e, mesmo assim não paravam de me ver como uma pessoa de fora. Não que me sentisse como se fosse parte das mexeriqueiras que eram as vizinhas, mas eu gostava daqui.

Desviei meu caminho seguindo pela rua lateral de minha casa. A Rua Glue Chip era a mais linda, não me cansava de passar por ela em minhas corridas matinais para admirar o casarão elegante e original tomando quase duas ruas.

Quando me mudei em uma de minhas primeiras passagens por aqui comprovei que a elegante casa sempre ficou fechada, com janelas e o que pareciam pesadas cortinas brancas tampando a visão. O casarão que tomava boa parte da rua, não tinha outras residências por perto, tinha uma espécie de jardim particular com um pequeno portão de ferro fundido beirando a calçada.

Parei um pouco olhando a casa que eu havia me acostumado a ver toda fechada, hoje estando com as portas francesas abertas, cheguei mais perto do portão de ferro preto. Vendo que tanto a Sra. Lakes como a sua amiga fofoqueira Suzie não tinham mentido sobre os potentes carros parados na garagem. Quem será que estaria morando ali? Uma pequena movimentação na parte da frente da casa fez com que eu saísse de meu transe e seguisse meu caminho, não queria dar motivo para os novos vizinhos terem a mesma ideia que eu tive quando vi as senhoras olhando de esguelha para mim.

Enquanto meu ritmo aumentava novamente para a corrida eu olhava a paisagem que se estendia em minha frente. Era lindo, é claro. Tudo era verde, as árvores tinham musgo nos troncos, o clima úmido mesmo com o sol aparecendo entre as nuvens, para mim Corning sempre estava assim, mesmo que o Sol estivesse forte, nunca estava forte o bastante para você se aventurar a sair sem um casaco à tira colo.

Minha casa era modesta, porém muito confortável, uma casinha de dois quartos. Ali, na frente da casa meu Miata vermelho estava estacionado precariamente. Relíquia de minha vida corrida em Nova York.

Não havia dormido bem na noite passada. Não sei se pelos constantes pensamentos e pesadelos que eu poderia facilmente culpar aquele filme idiota de suspense, que decidi assistir sozinha, que tinha uma escada de madeira que rangia. Ou se foi pela junção disso com a chuva forte que castigava minha janela sem piedade, aumentando ainda mais a sensação sinistra que se instalou em mim.

Parei em frente à cafeteira, depositando uma boa dose de café moído e água, apoiada no balcão de mármore. Olhando ao longe na janela com vista para um pequeno jardim, a grama já se rebelava mostrando que precisava de um bom corte. Faria isso no final de semana.

Peguei uma xícara grande, colocando um pouco do café que já havia passado e leite, uma dose generosa de açúcar e me sentei de frente para a lareira. Havia uma fileira de fotos. Algumas minhas com meus pais, outras minhas na formatura, outras com meus amigos de Nova York, e as mais recentes com meus amigos de Corning, Lanie e Petrus eram praticamente meus irmãos. Tínhamos nos tornado amigos logo quando comecei a me aventurar pelo pequeno centro da cidade. Lanie trabalha num café local, enquanto seu irmão Petrus tocava em uma banda de garagem com tudo para se tornar uma banda conhecida.

A chuva tinha retornado, não forte o suficiente para ensopar minhas roupas, mas notável o bastante para deixar o cabelo *engruvinhado* e totalmente rebelde. Troquei meus tênis por um par de botas, um casaco grosso, deixei a louça na pia mesmo e sai novamente de casa. Corri até o

calor agradável que estava dentro de meu carro. Mesmo com dias parado na frente de casa, o carro ligou com facilidade, soltando seu rugido baixo.

Nem mesmo na chuva a população de velhinhos egocêntricos ficava protegida no calor de seus lares, o café onde Lanie trabalhava no centro estava cheio, reconheci alguns dos rostos sentados nas mesas de madeira e no balcão de madeira escura, acompanhando a decoração em detalhes verdes e brancos.

— Elisabeth Hope! – Lanie me saudou gritando do outro lado do aconchegante café assim que entrei, ignorando os clientes que lançavam olhares de reprovação para nós.

— Lanie, Will – Cumprimentei o gerente que estava no caixa.

— Garota, acho que você está com sorte. – Lanie depositou um beijo em minha bochecha me marcando com seu batom vermelho sangue.

— Pois então me fale, quem sabe não ganhei na loteria e posso viajar o mundo todo.

Will riu juntando-se a nós.

— Café, gracinha? – Perguntou sorrindo amplamente.

— Ei camarada, tire seus olhos e testículos de perto da minha amiga.

Lanie nunca foi dada a cerimônias, sua voz alta e seus pensamentos quase nunca refreados eram um dos vários motivos que me fez ir logo de cara com ela, e querer ser sua amiga.

Mas para a velha e tradicional “população da terceira idade” nós não passávamos de mulheres promíscuas.

— Lanie, me conte logo, ainda tenho que ir à casa dos Maldox. – Dei de ombros quando vi o olhar enojado dela. – Ele é bonzinho, o problema é a esposa. Última sessão de fisioterapia.

— Você com certeza já deve saber sobre o casarão.

— Sim, a Sra. Lakes, gentilmente me passou a informação.

— Fofoqueira dos infernos!

— Lanie... – Alertei com os olhos para algumas senhoras prestando atenção em nós.

Ela lançou apenas um olhar mal-humorado para elas, fazendo rapidamente as madames olharem para outro lugar, fingindo total falta de interesse.

— Um bonitão veio aqui no café bem cedo, entre um papo e outro disse que precisava de uma profissional da sua área, parece caso de acidente, o parrudão ali não deixou eu entrar em detalhe. – Ela apontou Will que sorria e balançava a cabeça para mim, ignorando as ofensas de minha amiga.

Lanie tinha mesmo sorte de Will ser tranquilo e ainda manter seu emprego, se fosse outro, com a língua afiada e os pensamentos soltos de minha amiga, estaria na margem dos desempregados.

— Acidente, interessante... – Cheguei mais perto dela, atenta agora com a conversa. – Ele deixou algum meio de contato? Tem certeza que é fisioterapia?

— Você acha que sou idiota? Passe na casa, fale sobre o que te contei, quem sabe não é ali que está seu pote de ouro depois do arco Iris?

— Se eu não conhecesse você, falaria que está acreditando em contos de fadas, amiga.

— Vai à merda Hope! Sabe que não curto isso.

Gargalhei com sua explosão. Passei a mão em minha bolsa já me levantando.

— Tenho que ir, mas tarde nos falamos.

— Com certeza! Beijos gata.

Sai acenando para suas maluquices, Lanie e seu jeito.

Enquanto fazia a sessão com o Sr. Maldox pensava no que Lanie
NACIONAIS-ACHERON

havia me contado, seria interessante bater na porta do grande casarão apenas por curiosidade e, que mal havia nisso. Ele poderia apenas dizer que não estava interessado, como outro cliente qualquer. Perguntar não arranca pedaço, não é?

Capítulo 2

Lisa Hope

Estacionei meu carro em frente ao grande portão de ferro preto, que agora estava aberto permitindo passagem, olhando para dentro da propriedade e tomando coragem para descer.

Respirei fundo antes de correr para fora do carro, percorrendo com cuidado e agilidade, tentando o máximo fugir da chuva que tinha aumentado em grande escala desde que sai do café. Um rapaz alto, vestido de terno o que era incomum por aqui abriu a porta no momento que pisei na varanda ampla.

— Oi.

— Em que posso ajudá-la srta.

— Hum... – engoli em seco. – Uma amiga me disse que estão precisando de profissionais de fisioterapia?

— Ah claro, entre, vou informar o Sr. Lennox de sua presença.

— Obrigada.

— Seu nome?

— Elizabeth Hope.

Entrei admirada com a sala de espera ricamente decorada. Um corredor largo dava para duas portas grandes, uma que o rapaz de terno passou e fechou atrás de si, me deixando no hall pingando água no piso de madeira. Passei as mãos pelo meu suéter grosso e minha calça jeans, tentando melhorar a aparência, isso porque não tive nem a oportunidade de encontrar um espelho e ver o estado de meu cabelo.

— Senhorita? – O rapaz que abriu a porta para mim surgiu do nada no corredor, fazendo-me tomar um susto. — O Sr. Lennox está esperando por

você.

Segui pelo corredor que ele havia indicado, entrando em um escritório todo revestido de madeira, uma mesa grande e com aspecto de pesada estava do outro lado, alguns quadros que deveriam ser de alto valor, decorando a parede e tornando o ambiente mais sociável.

— Srta. Hope, certo?

Virei admirando um homem grisalho e muito bonito parado perto das poltronas, casaco de cashmere azul combinando perfeitamente com os óculos quadrados no rosto.

— Isso, Elizabeth Hope, Lisa. – Estendi a mão pegando a dele.

— Sou, Charlie Lennox.

— Muito prazer Sr. Lennox.

Sentei-me em uma das poltronas que ele indicou, colocando a bolsa em meu colo.

— Minha amiga informou de uma possível vaga de emprego.

— Sim, estávamos procurando um profissional que já reside por aqui, meu filho necessita de um fisioterapeuta, alguém que o acompanhe por algum tempo.

— Entendo, desculpe a pergunta, mas seu filho sofreu algum acidente?

— Sim. – Ele se aprumou na outra poltrona, o assunto devia ser delicado para ele, imagino para sua esposa. – Sofreu um acidente grave de carro.

— Eu sinto muito.

Ele me deu um sorriso afetado, daqueles que eu costumava a ver no hospital que trabalhei, quando você anunciava as sequelas para as famílias, e até mesmo para os acidentados. Muitos entravam em estado de fúria com a notícia, outros não demonstravam nada. E eram esses que tinham mais

problemas, eles não aceitavam e por consequência tinham que ter um acompanhamento constante de médicos e psicólogos.

— Você é uma profissional formada?

— Sim, trabalhei por três anos no Hospital de Mount Sinai em Nova York.

— Muito bom saber Srta. Hope. – ele deu um sorriso. – Mason, ele é meio difícil. Não está superando muito bem essa situação, também residíamos em Nova York, porém ele quis se afastar de tudo e todos.

— Essa é uma fase de transição. Muitos pacientes que tratei não aceitavam sua condição.

— Espero que seja isso mesmo, você gostaria de conhecer Mason? – Ele perguntou se levantando, segui seus passos também ficando de pé.

— Claro, posso enviar por e-mail meu currículo se o senhor desejar, eu faço algumas sessões de fisioterapia com moradores, mas nada fixo.

— Meu intuito era primeiramente ver se nessa cidade existia um profissional capacitado para ficar com ele, não posso permanecer aqui. Tem os negócios em Nova York e também não posso deixá-lo sozinho. – Ele indicou para o corredor que tinha entrado, logo depois indicando outro. – Temos toda uma equipe pronta para ele, porém os médicos aconselham um acompanhamento constante de fisioterapia, mesmo com o grave acidente ele tem quarenta por cento chances de recuperar um pouco os movimentos.

— Isso é muito bom, Sr. Lennox. – Dei meu sorriso profissional, algo costumeiro quando conversava com um paciente ou familiar de um, estava no meu papel de Dra. Hope. Nem percebi que atravessamos uma grande sala, parando em um complexo dividido com uma porta francesa grande.

— Mason, tenho uma visita comigo, podemos entrar?

Sr. Lennox parecia extremamente cansado, seus olhos castanhos, talvez um marrom meio chocolate estavam com profundas olheiras, seu rosto mostrava uma barba por fazer, mas, contudo, mostrava-se um homem elegante.

Um rapaz negro, alto e com braços musculosos abriu as portas o suficiente para eu ver outra pequena sala de estar, porém uma cópia daquela que passamos, por cima do ombro um amplo rack e uma TV de tela plana, o noticiário passava no volume baixo. — Desculpe Sr. Lennox, estava terminando de arrumar o Mason.

— Sem problemas Clark, esta é a Srta. Hope, ela será a fisioterapeuta do Mason.

— Um prazer em conhecê-la Hope. — Ele sorriu apertando minha mão.

Meu Deus que homem, parecia um deus grego, sua musculatura brincando por baixo da camisa branca agarrada em seu peitoral.

— Apenas Lisa.

— Devo avisar Lisa que o Sr. Lennox está de mau humor, mas... Não é sempre. — Clark deu uma risadinha baixa, o que contrariava o que tinha acabado de falar, só o que me faltava era lidar com um mal-humorado, já não bastava os velhos que atendia durante a semana.

— Mason, temos visitas. — Clark virou-se para a sala, permitindo que entrássemos com ele.

— Mande-os embora! — Trovejou uma voz grave e rouca da sala, alta o suficiente para deixar todos envergonhados, se não soubesse que ele era filho do homem em minha frente, jurava que ele era outro homem de meia idade mal-humorado.

— Tenha modos, Mason. Esta é sua nova fisioterapeuta e, por Deus, tente não transformar a vida dela num inferno.

Dei um passo para frente encontrando os olhos raivosos e infernais do homem sentado no sofá, por debaixo de uma cabeleira bagunçada e uma barba grande, ele parecia até que fora bem bonito um dia, seus braços estavam cruzados sobre o peito contemplando sua careta feia. Suas pernas cobertas por uma manta fina, daquelas que nossas avós davam para os piqueniques.

— Muito prazer Sr. Lennox, meu nome é Elizabeth Hope, Lisa.

— Já viu o grande espetáculo do coitado do paraplégico? Pode ir agora.

Olhei sem graça para Clark e para o Sr. Lennox, notando pela primeira vez uma moderna cadeira de rodas parada na parede oposta, então essa era sua deficiência, paraplegia.

— Mason! Por Deus...

Levantei a mão interrompendo o que Charlie dizia, acrescentei um sorriso me virando para o desagradável Sr. Mason Lennox. — Desculpe Sr. Lennox, tratei muitos pacientes, muitos até com problemas mais sérios que os seus. E de idades bem inferiores... – Seu rosto se contorceu em uma careta maior. E para meu espanto nenhum dos três homens me interromperam. — E devo também acrescentar que todos sabiam que *chiliques* eram coisas de crianças mal-educadas, então se o senhor deseja sair dessa situação tem que colaborar com meu tratamento. Senão será apenas um “coitado paraplégico” como você mesmo se denominou.

Suspirei, jogando a irritação para longe.

— Mason às vezes é um homem perverso Srta. Hope. – Clark tentou suavizar o ambiente.

— Imagino que a situação não seja fácil, porém você aprenderá comigo que autopiedade não é uma das coisas que eu cultivo em meus pacientes, e, não costumo me assustar com tons de voz agressivos. E tenha certeza até mordidas já enfrentei de pacientes. – Comentei lembrando dos meus pacientes mirins, Gabriel era o mais terrível, ele sempre me mordia quando forçava ele a realizar os exercícios.

Charlie Lennox estava o tempo todo calado, olhando do filho para mim, posicionada entre a porta, em minha calça jeans ensopada, minhas botas de cano longo e meu suéter cinza maior que meu corpo.

Olhei para o relógio em meu pulso novamente. – Sr. Lennox se

desejar posso começar amanhã mesmo pela manhã, aí poderemos acertar os detalhes finais.

— Claro Lisa, eu levo você até a porta.

Estávamos seguindo pelo corredor quando eu jurei escutar uma troca entre eles rapidamente quando me afastava do complexo que tínhamos entrado.

— *Você conseguiu uma mulher mais turrona que você Max!*

— *Vamos ver quanto tempo ela dura.*

Capítulo 3

Lisa Hope

Que homem petulante! *Argh!* Bati a porta do carro com força além do necessário.

Fiquei parada alguns instantes. Olhando a mansão em seu estilo antiquado, mas de extremo bom gosto.

Dirigi pelos quarteirões, ignorando realmente meu caminho. Sempre que tinha um paciente em casos assim como o de Mason Lennox eu sentia pena, um sentimento normal para quem via uma situação como essa. Imagine-se, vivendo sua vida da melhor forma possível, andando, falando, enxergando e um dia, como um simples acordar não podendo fazer mais nada disso?

Nada justificava a grosseria daquele homem, mas quem não ficaria de mau humor? Pelo pouco que o Sr. Lennox, pai de Mason me explicou ele tinha uma vida e tanto em Nova York.

Olhei para os dois lados da rua antes de subir com meu carro na rampa de acesso, não era por que morava numa cidade, até pacata, que o cuidado tinha ficado de lado, muito pelo contrário, aqui as crianças achavam que não tinham limites ou problemas, os pais descansavam em suas salas de estar e as crianças botavam o terror pela vizinhança.

— *Lisa, você não me ligou mais. Quando vai vir me ver?* – A voz de minha mãe estava entre irritada e saudosa, decidi optar pela segunda. Joguei-me no sofá ligando a TV no canal culinário que tanto gostava.

— Não sei mãe, estou com um paciente novo.

— *Pacientes, pacientes!* – Explodiu.

Minha mãe não entendia minha decisão de vir para cá e piorou quando eu fui visitá-la no verão.

— Mamãe, seja boazinha. – Prendi o telefone entre a orelha e o ombro jogando minha bota longe, precisava de um banho quente com urgência, o frio da chuva tinha se instalado em meus ossos.

— *Queria ter você comigo, não é nenhum pecado, sabia?*

Revirei os olhos, — Vamos ver o que eu posso fazer. *Tá bem?*

— *Não adianta mesmo eu falar, você não me escuta.* – Reclamou.

— Mãe, conversamos sobre isso depois, deixei a comida no fogo.

— *Tudo bem já entendi, não precisa me dispensar.*

— Amo você mãe!

— *Também te amo, Elizabeth.*



Como todas as noites no outono a chuva começou fraca ganhando proporção gigantesca para uma cidade pequena. Peguei um livro, uma dose extra de café e sentei próxima a janela. Meu jardim não tão bem cuidado assim, começava a formar poças de água.

Eu nunca fui uma amante do verão adorava a neve, frio e a chuva.

Tinha algo especial e mágico na chuva, sabe aqueles filmes antigos que as mocinhas sempre eram surpreendidas na chuva por seu príncipe encantado e ficavam minutos a fio se beijando debaixo da chuva... Pois é, eu era romântica, talvez de uma forma incurável.

Um grande vício? Livros, amava meus livros como se fossem grandes filhos para mim. Fiz questão de embalar todos e trazer em minha mudança, nem ligando para o valor extra que me cobraram. Meus livros iriam comigo para onde for.

Abro meu exemplar velho do *Morro dos ventos uivantes*, se existia uma história de amor sofrido era esta. Tomo um grande gole do meu café, antes de retomar minha leitura.

" — Muitas vezes provocamos os fantasmas e nos desafiamos mutuamente a andar e chamar os mortos por entre as sepulturas. Mas tu, Heathcliff, se te desafiar agora, ainda terás coragem de fazê-lo? Se tiveres, ficarei contigo. Não quero jazer ali sozinha. Podem enterrar-me a sete palmos de profundidade e fazer desabar a igreja sobre mim, mas não descansarei enquanto não estivermos juntos. Jamais!"

Já passava da uma da madrugada, a chuva tinha ficado um pouco mais fraca, algo perto de uma garoa. Quando larguei meu livro na mesinha de madeira delicada perto de minha poltrona, meu café tinha me abandonado a um bom tempo e com preguiça de fazer outro deixei para lá, me contentando apenas com a leitura.

A rua ladeada de árvores projetava sombras sinistras, o vento contemplava essa paisagem de filme de terror. Um movimento na escuridão entre as luzes dos postes chamou minha atenção, curvei meu corpo próximo da janela olhando com atenção.

Vi a figura mudar para minha calçada ainda confusa pela chuva e a noite não fornecer detalhes sobre quem era. Quando um raio atravessou o céu pude ver o reflexo da cadeira de rodas equipada que tinha visto hoje mais cedo.

Fiquei de pé com um pulo buscando a manta do sofá, abri com cuidado a porta da frente olhando o vulto se afastar com dificuldade pelo vento e a chuva. Ele só pode estar louco! Desci os degraus, correndo para o portão pequeno, tomando cuidado para não escorregar nas poças que a chuva tinha deixado por toda a entrada de minha casa.

O vulto já estava longe, quase em frente à casa da linguaruda da senhora Janice. Ela teria assunto para dar e vender amanhã, se tivesse espiando a janela como eu estava há alguns segundos.

— Ei! – Gritei tentando ser ouvida no barulho alto da chuva sobre a
NACIONAIS-ACHERON

calçada de cimento e o farfalhar das árvores. – Ei, estou falando com você!

Ele parou, mas não se virou. Corri até ele comprovando que era o único louco o suficiente para sair no meio dessa chuva, ainda mais desacompanhado. Meu cabelo colava em meu rosto, a manta começava a ficar encharcada.

— Você está maluco?

— Pronto se não bastasse aturar você transitando pela minha casa ainda tenho que aguentá-la me seguindo?

— Você só pode estar brincando, né?

Tirei a manta dos meus ombros, colocando envolta de Mason.

— Me deixa!

— Para de ser irracional, o que você está fazendo debaixo desse pé d'água?

Ele me olhava com raiva, até podia sentir um pouco de receio se ele não tivesse na cadeira de rodas.

— Venha, vamos dar um jeito nessa roupa toda ensopada. – Destravei o botão para poder manusear a cadeira sem que ele me atropelasse ou passasse por cima do meu pé de propósito.

— Me deixa! – Mason gritou de novo. Olhei para a rua vendo se não tinha atraído a atenção de nenhum fofoqueiro.

— Olha aqui, — disse abaixando ao nível de seus olhos. — Você não está em posição de falar nada, eu não tenho culpa que tenha decidido passar justo em frente de minha casa, mas de maneira nenhuma vou deixá-lo aqui para pegar uma gripe ou coisa pior.

Ele revirou os olhos, virando o rosto me ignorando por completo.

— Seu moleque mimado, isso que é! Está na cara que não conhece a cidade, mas vou te informar uma coisa, eu não gosto de ser motivo de fofoca dessas velhas mexeriqueiras e se ficarmos aqui ensopados, correndo o risco

de ficar doentes ainda sairemos na primeira página de fofoca delas no café da manhã.

— Como se eu me importasse com alguma coisa. — Mason resmungou.

Sua boca se torcia toda vez debaixo da espessa barba quando ele iria soltar suas farpas.

— Você deveria ter ganhado algumas palmadas quando era pequeno!

A frieza no olhar de Mason suavizou por um segundo, como se um sorriso pudesse aparecer a qualquer momento. Engano meu, logo sua carranca voltou para o lugar.

Olhávamos um para o outro, nosso rosto tão próximo que se eu avançasse um mínimo passo poderia sentir o sabor de sua boca na minha, sugar minimamente as gotas da chuva que caíam ali.

Respirei fundo encarando seus olhos castanhos, sérios e revoltados para mim. Ele não abriu a boca para reclamar ou dizer algo contrário. Voltei para suas costas nos levando de volta, como não tinha ideia melhor, voltei para minha casa.

Corri escancarando a porta, como não tinha uma rampa de acesso teria que ajudá-lo a ficar de pé para subir os degraus.

— Você terá que me ajudar.

— Hãhã, quer que eu saia andando, senhorita? — Ironizou.

— Não, apenas que não seja um peso morto.

Passei meu braço por sua cintura, sentindo pela primeira vez a montanha de músculos por baixo do suéter molhado, o tronco do que um dia foi um homem forte e imponente, transformado em um rancoroso e mal-educado Sr. Lennox.

— Jogue seu peso sobre mim, vamos com calma.

— *Tá bom.*

Juntos, conseguimos deixá-lo de pé apoiado totalmente em meus ombros, com a mão livre forcei sua perna esquerda para o primeiro degrau, indo passo a passo, devagar subindo os três pequenos degraus que agora pareciam intermináveis.

— Pronto. Vou sentá-lo nesse banco para buscar a cadeira.

Mason passou as mãos pelo cabelo e barba por fazer mantendo o silêncio entre nós. Voltei para a chuva que estava ficando mais forte, juntando minha força para carregar a pesada cadeira para a varanda, corri para a cozinha atravessando a casa, retirando tudo que pudesse atrapalhar nossa passagem. Trazendo alguns panos para secar pelo menos um pouco sua cadeira.

— Você não precisava fazer nada disso. – Sua voz rouca soou até mim por cima do barulho da chuva.

— Não deixaria você morrer na chuva. Você nem sabia para onde estava indo. – Aleguei.

— Eu estava bem, não precisava de ajuda.

Reergui-me jogando os panos de lado. – Você é mal-agradecido. Isso sim, venha vamos voltar para a cadeira.

Empurrei Mason para dentro de minha casa, coisa que nunca me passou pela cabeça. Essa cena, o fato de ter esse homem frio aqui comigo, em meu pequeno refúgio.

Deixei-o perto da lareira para se esquentar.

— Sua casa é bonita.

Levantei os olhos surpresa com sua primeira gentileza. – Obrigada. Não é nenhum casarão, mas é meu cantinho. – Sorri suavizando nosso pequeno confronto.

Ele retribuiu o sorriso por um momento, logo se fechando na carranca mal-humorada novamente.

— Café ou chocolate quente?

— Chocolate está de bom tamanho.

Voltei para a cozinha, despejando o leite na leiteira colocando em fogo baixo.

— Quanto tempo mora aqui?

— Três anos.

— Por que decidiu morar aqui? É tão pacato.

Peguei-o fazendo uma careta para completar sua fala, dei sua caneca de chocolate, segurando a minha própria caneca fumegante.

— Não sei porque exatamente, apenas queria distância de toda a loucura da cidade grande. Um novo começo...

— Hum...

Ficamos um momento em silêncio bebericando nosso chocolate, às vezes nos encontrando em olhares. Mason ficava ainda mais bonito assim, seu cabelo úmido caindo no rosto, à barba já crescida. Negligenciando a beleza que deveria ter esse rosto.

— Vou ligar para seu pai, ele pode vir te buscar.

— Espere um momento. – Ele pigarreou – não quero atrapalhar claro, mas não quero enfrentar meu pai.

Sorri internamente, não tinha certeza de sua idade, mas ele pareceu um adolescente assustado com o fato do pai pegá-lo em sua travessura.

— Posso ligar para seu médico. Como é mesmo o nome dele?

— Clark. – Mason esboçou um sorriso de cumplicidade. – E, ele não é meu médico, somente um amigo e ajudante.

— Devo ficar atenta a vocês dois no futuro? – Perguntei sorrindo também.

— Ele é mais fácil de ignorar do que meu pai.

— E sua mãe? Ela vai ficar pela cidade também?

Vi sua feição se fechar no mesmo instante. – Minha mãe faleceu quando era pequeno.

— Sinto muito.

Mason tomou um gole do chocolate ignorando minhas palavras, me ignorando mais uma vez.

— Com o tempo perceberá que até mesmo meu pai não tem paciência para um aleijado.

— Você deveria ser menos duro com você mesmo.

— Vou ligar para Clark, não quero incomodá-la mais.

— Hã... Vou buscar o telefone.

Vasculhei a sala com os olhos encontrando o telefone debaixo de algumas almofadas na outra poltrona.

— Você gosta de clássicos?

Virei curiosa por sua pergunta. Mason segurava o livro que tinha abandonado na cadeira em frente da janela quando o vi debaixo da chuva.

— Gosto de livros, sem um gênero definido. Meus preferidos são romances.

— *"Não acredites numa só palavra que ele diz. Ele não é um ser humano. É uma criatura maquiavélica e mentirosa, um autêntico monstro."* – Citou um trecho do livro.

— Gosta de ler Sr. Lennox?

— Um pouco. – Confessou dando de ombros.

— *"Beija-me e não me deixes ver os teus olhos! Perdoo-te o mal que me fizeste. Eu amo quem me mata. Mas... como poderei perdoar quem te*

mata?" – Sussurrei, não sei por que falei isso, nem por que citei esse momento do livro com ele, apenas veio em minha mente e eu acabei falando.

Ele me olhava com interesse, fazendo minhas bochechas ficarem quentes e provavelmente vermelhas de vergonha. Maldita língua solta Elizabeth!

— É melhor eu avisar onde você está.

— Sim, melhor Srta. Hope.

Capítulo 4

Lisa Hope

Hesitei do lado de fora da grande sala, o Sr. Lennox não estava presente, segundo o que o segurança me disse ele tinha retornado para Nova York e Clark não havia chego.

Mason ainda estava dormindo o que me deu um tempo livre para olhar por aí, na sala uma das paredes era coberta por uma estante com livros, que logo reconheci os títulos de alguns, fiquei curiosa com outros e com a mão coçando para me enfiar em um cantinho para lê-los.

Alguns porta-retratos estavam expostos, várias fotos de Mason com amigos e uma com o pai, também havia algumas dele fazendo esporte. Nas fotos ele era outro homem, a barba que hoje estava alta e revoltada cobrindo o rosto de forma desgrenhada, nas fotos estava bem aparada, algumas nem estava presente. Os cabelos não estavam desalinhados, mais não tão curtos, mantendo o mesmo estilo que ele usava hoje.

— Espero que esteja divertido.

— Eu... Estava apenas olhando.

— Sim, estava apenas olhando, matando sua curiosidade como tantos outros vinham para saber como eu que sempre comandeí minha vida, virei um aleijado qualquer.

Ele não me deu chances de responder, apenas seguiu pelo corredor oposto que tinha vindo sumindo de vista.

Clark chegou algumas horas depois assumindo o posto enquanto eu almoçava. Corri até o centro para me encontrar com Lanie, o termômetro marcava 9 graus, estava realmente congelante hoje.

Estacionei meu Miata em frente a oficina que Petrus fazia um trabalho extra, desliguei o motor sorrindo para ele parado ao lado de minha porta.

— Como vai caipirinha?

— Oi selvagem. – Dei um abraço rápido e caloroso nele.

— Como você está? É verdade que está trabalhando para o forasteiro?
– Suas mãos continuavam afagando meus braços.

— Petrus, coitado!

— Ah caipirinha, você sabe como sou, um morador nato de Corning.

Sua risada rouca e alta nos fazia rir também. – Sim, um fofoqueiro nato.

Atravessei a rua ainda escutando sua risada quando entrei no café.

— Lis!

— Will, um chocolate bem quente e aquele *croissant* tradicional.

— É para já, gracinha. – Lançou uma piscada para mim e sumiu de vista.

Retirei meu cachecol e minha touca, libertando meus cabelos ruivos, que estavam uma verdadeira confusão devido ao vento e a garoa constante.

Sim eu era ruiva natural, aquela que tinha os cabelos da cor de água de salsicha e sardinhas pelas bochechas. Na adolescência isso tinha sido motivo para diversos apelidos não tão carinhosos, mas mesmo hoje com meu cabelo estando revoltado e indomável não mudaria coisa alguma nele. E, mesmo com os constantes contratempos que todas as adolescentes “não populares” enfrentavam, eu nunca deixei de gostar de minha aparência. Nem mesmo com o caos que vivia em casa com a minha mãe...

— Fala Hope.

Virei-me no banquinho sorrindo para Lanie que entrava balançando as
NACIONAIS-ACHERON

roupas da chuva.

— Vim encontrar você.

— Fui ali rapidinho. – Suas bochechas ficaram rosadas relembrando de algo.

— Ali? – Apontei para a loja do Sr. Flin, onde Caleb o ex-namorado de Lanie trabalhava.

— Não me enche garota!

Ela pulou por cima do balcão ignorando tudo e todos, Lanie era assim, não ligava muito para regras e sentia um prazer em quebrá-las.

— Gracinha, espero que goste. – Wil depositou em minha frente o copo fechado com meu chocolate e o saco pardo com o delicioso *croissant* de queijo dentro.

— Obrigada, Will.

— Como anda as coisas lá na Glue Chip? Eles já tentaram morder você?

— Olha, quase viu amiga.

— Me conte tudo. Como é o morador? É velho? Tem mulher? Quantos filhos? E o acidente?

Lanie disparou a falar como uma maritaca.

— Calma, calma! – Olhei o relógio vendo que já estava em cima da hora. – Bom dizendo rapidamente, é um cara grosseiro e mal-educado, acredita ter o rei na barriga e gosta de fazer os outros ter pena dele. O Sr. Lennox, pai dele, não fica muito por aqui pelo que percebi, eles são de Nova York como eu. Assim como toda a sua equipe.

— Nossa, imagino que ele seja bom de cama, para ter um rei na barriga ou é muito rico e metido ou sabe usar o instrumento.

— Lanie!

Rimos juntas dos absurdos que ela falava.

— Ah amiga, vai dizer que você não deu uma analisada no produto.

— Garanto que não tive muitas oportunidades mais assim que fizer conto para você. — Levantei, cobri minha cabeça com o gorro e preendi o cachecol envolta de mim. — Preciso ir, nos vemos mais tarde?

— Claro. Passo na sua casa, garota.

Despedi-me de todos com um aceno voltando para o terrível e constante mau humor de Mason Lennox.



Clark estava sentado no sofá, um jogo de beisebol passando na TV, olhei para os lados procurando por Mason e logo o encontrei, sentado perto da estante com um livro nas mãos. Fixei os olhos tentando ler o título, mas não consegui.

— Lisa, tudo bem?

— Sim. — Virei novamente para Mason. — Vamos dar uma volta? Começar realmente seus exercícios?

Ele ergueu a vista de seu grosso livro, como se tivesse notado pela primeira vez minha presença no meio da sala.

— Volta? O que você tem em mente?

— Como sei que adora passeios pelas pequenas cidades, ainda mais a noite. — Segurei o sorriso, ignorando a carranca dele assim como o riso baixo de Clark no sofá. — Vamos até o parque.

— Claro, o pequeno amontoado de árvores que vocês chamam de parque? — Ele era dissimulado, falando como se considerasse realmente a ideia, mas já me preparei para sua retaliação. — Nada seria mais interessante do que ver árvores, os vizinhos fofoqueiros e enfrentar o frio lá fora.

— O que você costuma fazer então, Sr. Lennox?

Estava perdendo a paciência com este homem.

— Eu não faço nada. Passo minha medíocre vida sentado, existindo apenas.

Clark olhou para trás reprovando o que Mason havia dito. Engoli em seco pensando no que faria já que nada agradava esse homem.

— Tudo bem Mason, vamos para a varanda dos fundos então começar seus exercícios, porque se você desistiu da vida, não serei eu a esfregá-la na sua cara.

Ele virou o rosto para o lado, lançou seu livro para a poltrona próxima me ignorando completamente.

— Acredito que você possa encontrar o caminho sozinho. – Passei por ele deixando as portas francesas aberta, seguindo para a outra sala. Que era ainda maior que esta, que dava passagem para o amplo deck, onde tinha pensado em fazer a fisioterapia de Mason.

Estava organizando alguns pesos quando ouvi o barulho da cadeira de Mason passar pela porta. Tinha tido oportunidade mais cedo em analisar o relatório médico, a lesão de Mason, mesmo tendo atingido a L3, não foi uma lesão completa como os médicos chamam, Mason ainda tem um pouco de sensibilidade nas pernas, mesmo os movimentos precisando de total ajuda, o médico que o acompanhava desde acidente tinha grandes expectativas para ele um dia poder andar novamente. Era aí que eu entrava...

Já tinha lidado com alguns pacientes com lesão na medula, e, posso dizer que estava até confiante na situação de Lennox, se não fosse o mau humor e as piedades ele seria fácil de lidar.

— Estou aqui.

— Ótimo, não sei como estava seu avanço com a última fisioterapeuta, por isso programei algo leve. – Peguei dois pesos de um quilo cada, aqueles parecidos com o de academia que colocávamos na perna para malhar.

Agachei de frente para ele, que me encarava o tempo todo. Retirei seus pés do apoio. – Você sente meu toque?

— Um pouco.

— Sua lesão é o que chamamos de incompleta.

— E devo ficar contente com isso por qual motivo? Já escutei diversos médicos dizendo isso e continuo aqui. – Disse fazendo um sinal para a cadeira.

— Talvez pelo breve motivo que com fisioterapia, um acompanhamento correto e talvez pelo simples fato de você não fazer todas as pessoas que tentam ajudá-lo quererem sair correndo, você possa ter uma mínima melhora e quem sabe um dia poder sair da cadeira.

— Eu coloco medo em você, Lisa? – Seu rosto mesmo sério tinha um leve toque de humor mórbido, mais um mínimo sorriso pintou em seus lábios.

Parei o que estava fazendo para olhá-lo nos olhos. – Se você tivesse uma ficha criminal extensa, talvez ser acusado de homicídio. Eu poderia ter medo.

Mason ficou em silêncio. Seus lábios comprimindo o sorriso que queria escapar.

— Você não tem nenhuma das alternativas Sr. Lennox, portanto não tenho medo do senhor. – Continuei.

— Porque você mora em Corning? Sinceramente essa cidade é como um buraco negro.

— Você tem rancor sobre tudo?

— Boa Elizabeth, me pegou. – Ironizou.

Arrumei o caminho, tirando qualquer coisa que fosse um empecilho para ele, coloquei o andador em sua frente.

— Você morava em Nova York, eu li na sua ficha.

Respirei fundo antes de responder. – Sim, cresci em Nova York. Mudei para Corning faz três anos.

— Ainda não entendo o porquê.

— E nem entenderá Sr. Lennox, a vida tem disso. – Dei de ombros. – Agora quero que você tente ficar de pé, vamos tentar alguns exercícios de reflexo.

Como ele não fez nenhum movimento além de continuar me encarando eu completei. – Clark me disse que você conseguia ficar de pé com certa ajuda.

— Seria uma surpresa saber que não sou tão inválido?

Adotei novamente minha postura fria. – Olha Mason, eu estou farta da sua autopiedade, estou tentando fazer meu trabalho.

Levei o andador para sua frente, ajudei a firmar seus pés no chão tirando o apoio do caminho. Mason, não trocou mais uma palavra comigo ou qualquer olhar, segurou o andador com tamanha força que notei os nós dos seus dedos ficarem brancos devido ao esforço. Quando perguntei se queria ajuda ele apenas me ignorou, e quando instrui os pequenos movimentos que eu queria que ele fizesse, mas para avaliar mesmo o quão longe ele poderia ir, ele não reclamou de dor, não abriu a boca para dizer nada, nem satisfatório e nem de reprovação.

Clark tinha se juntado a nós na varanda quando já estava arrumando as coisas para ir embora, Mason continuava calado, apenas acompanhando meus movimentos com os olhos, ou me olhando pelo canto do olho quando ficava fora de sua linha de visão.

— Lisa, você quer jantar por aqui? Acredito que a Sra. Macley está fazendo alguma coisa.

Terminei de guardar minhas coisas na bolsa e conferir o celular antes de recusar o convite. – Não posso, tenho um compromisso esta noite.

Mason ainda me olhava, seu semblante sério, uma verdadeira cara de poucos amigos.

— Uma pena. Ia convidá-la para tomar uma cerveja. – Clark exibia a bela fileira de dentes brancos, todo simpático. – Não conheço ninguém daqui, estou me sentindo sedento por amizades. – Completou rindo.

Sorri simpática para ele, ao contrário do meu suposto “chefe”, Clark era simpático e agradável, sempre tentando se desculpar pelos atos de Mason. Eu ainda não o conhecia bem, mas já havia notado que existe mais do que tratamento entre paciente e enfermeiro. O próprio Mason me disse que eles eram amigos, mas eu via que era mais para grandes amigos, do que simples amigos.

— Uns amigos me convidaram mais cedo para uma noite de filmes e vinho, quem sabe outro dia.

Joguei a alça da bolsa no ombro. – Melhor eu ir, volto amanhã.

— Até mais Lisa.

— Até Clark.

Virei-me para Mason. – Até amanhã.

Ele simplesmente virou sua cadeira desaparecendo do outro lado da varanda onde eu nem fazia ideia de onde iria dar, continuando a me ignorar.
Imbecil!

Capítulo 5

Lisa Hope

Jantei sozinha, com o olhar perdido na janela da cozinha, o pensamento longe demais para meu gosto. Mais ou menos a quatro ruas da minha casa, mais ou menos perdido em um casarão de um homem que não se encaixava de forma nenhuma com o termo “gentil”. Mason Lennox, por que mesmo sendo rude e completamente ingrato com quem só estava fazendo seu trabalho, eu não conseguia tirar você dos pensamentos desde que nos encontramos na chuva?

Tinha perdido completamente a noção do tempo que fiquei sentada assim, um prato de lasanha pré-assada, vazio, o estômago cheio e os pensamentos? Esses nem deram as caras, queria ler um livro, mas desisti. Pensei em prestar atenção no noticiário, mas esse também não estava me fazendo virar a cabeça em direção a sala.

O barulho de alguém batendo na porta me fez dar um pulo da cadeira, o coração a mil no peito por ter sido surpreendida. Fui até a porta, tentando dar um jeito na minha aparência, mesmo não tendo sucesso nenhum. Meus cabelos em um coque completamente bagunçado, meu suéter era grande demais, para dizer alguma coisa sobre meu corpo, e minha calça preta de ginástica estava tão velha que eu sabia, mesmo não sendo possível vê-la. Que ela tinha um pequeno, talvez médio buraco nos fundilhos.

— Boa noite garota, trouxe nosso moção. – Lanie disse sacudindo a garrafa de Tequila em suas mãos.

— Como rejeitá-lo? – Olhei para trás de Lanie notando que Petrus não estava.

— Ah, ele está de gracinha com a filha da bibliotecária. – Disse passando por mim.

NACIONAIS-ACHERON

— Essa é nova. – Brinquei.

Fechei a porta dando mais uma olhada para a rua vazia, as luzes da minha vizinha fofoqueira ainda estavam acessas, mais a frente o filho dos Garnet passeava com o cachorro, já sumindo de vista na esquina.

Lanie deu um sorriso amigável me passando um copo generoso de tequila, erguendo o próprio copo em um cumprimento e bebendo metade. Tomei um gole grande, sentindo o álcool queimar minha garganta.

Nos largamos em meu sofá, conversando sobre as besteiras do dia a dia, sobre os vizinhos, esse era o bate-papo preferido de Lanie, afinal ela havia crescido aqui. Então basicamente conhecia o podre de cada vizinho.

—... ele trocou a mulher pela assistente, imagina como isso foi um buchicho pela cidade? – Ela me tirou dos meus devaneios.

— Uma pergunta aleatória?

— Manda. – Ela dobrou os joelhos, sentando sobre eles.

— E aquele carinha ruivo que você estava saindo?

— Dig?

— Acho que é, não lembro o nome dele, apenas sua cara cheia de sardas. – Disse rindo.

— Ele era muito esquisito.

— Desde quando você dispensa alguém? Achei que gostava de relações curtas e rápidas. – Debochei.

— Às vezes garota, também não me achei no lixo, né. Uma garota precisa de três coisas para viver bem. – Ela fez sua pausa dramática, tomando mais um gole da tequila. – Um pau, Netflix e uma cerveja.

— Você é a única mulher que conheço que se parece com um homem.

— Você pensaria como eu, se não fosse seus romances cheios de *frufus* e príncipes encantados. Estamos em Corning querida, aqui o máximo que encontrará são homens velhos, e os novos? Grosseiros como

caminhoneiros.

Eu ri, não só pelo álcool que já fazia efeito em meu corpo, me deixando mais leve. Mas pelas verdades sem filtro que Lanie soltava. Corning era assim, os homens de vinte e poucos anos tinham aprendido bem com seus pais, eram grosseiros e mal educados. Se achavam os donos da cidade em suas turminhas.

Corning era dividida por três classes, os ricos que moravam perto da colina, entre a rua Glue Chip e Dalin Corn. Da rua onde eu morava até o centro era o que podíamos dizer que ficavam os de classe média e depois do centro até a entrada da cidade eram classificados como imigrantes.

Eu achava aquilo uma tremenda besteira, Lanie e Petrus moravam depois do centro, a mãe de Lanie era americana e o pai descendente de japonês, por isso os olhos claros com cantinhos puxados.

Esvaziei o copo colocando na mesinha de centro.

— E como anda no bairro dos ricos?

Não, não, não! Não me lembre dele.

— Ele não é nada diferente dos velhos mal-humorados que eu já cuidei. – Tentei sorrir, para ela não desconfiar o rumo que meus pensamentos seguiam. – Na verdade, acho até pior.

— Aff amiga, pelo menos ele é bonito. Já viu ele sem roupa?

— Lanie! Pare de dizer absurdos!

Ela encolheu os ombros.

— Você podia trazer uma foto dele para mim, afinal ninguém sabe como ele é.

— Pelo que notei ele não sai de casa.

— Credo! Um recluso.

Eu ri encostando minha cabeça no sofá.

— Um brinde para Deus que nunca manda homens gostosos para nossa pequena e pacata cidadezinha.

O resto da noite se resumiu em conversas fiadas, uma garrafa de tequila vazia, na TV passando um filme sem nexo. E meus pensamentos, finalmente tranquilizados por boa companhia e uma forcinha do álcool.

Na manhã seguinte acordei com o despertador do outro lado do quarto, peguei o travesseiro jogando em cima dele, tombando as coisas da escrivaninha. Vou apenas ignorar o dia claro ultrapassando a cortina, como um vilão vindo me atormentar. Pronto para pular e gritar que mais um dia já esperava por mim lá fora.

Capítulo 6

Lisa Hope

Uma semana passou de forma torturante, e com ela uma espécie de rotina. Todos os dias era a mesma coisa, eu chegava por volta das dez horas da manhã no casarão, algumas vezes pegava Mason, Clark e até mesmo seu pai tomando café. Depois Clark e eu conversávamos como estava sendo os progressos de Mason. Até agora poucos, mesmo com a fisioterapia e Clark o incentivando do outro lado ele ainda estava com muitas dificuldades.

Clark havia me passado sobre a viagem de Mason para Nova York com seu pai na próxima semana, algo de rotina.

Depois de tudo passado, Sr. Lennox sempre saía e voltava no final da tarde, Clark aproveitava as horas de que estava por lá para cuidar de outras tarefas. Geralmente era neste momento que Mason deixava claro que minha presença estava o incomodando, ele abandonava seu lugar cativo perto da estante de livros e sumia por um corredor escuro. Que eu ainda não tinha explorado e nem tinha muita curiosidade no momento.

Com o passar dos dias percebi que Mason Lennox estava determinado a ficar sozinho e se isolava de todos, principalmente quando seu pai estava presente. Reparei que ele estava tentando a todo custo ficar o mais desgrenhado possível, em um dos dias ouvi até um pouco da conversa entre ele e Clark.

— *Você precisa dar um jeito nessa sua cara.*

— *Para que?*

— *Quem sabe para não parecer um monstro?* – Clark reclamava. – *Cara você está com uma barba enorme.*

— *Se eu me barbear ou cortar o cabelo vai mudar alguma coisa?* – Pela voz grave de Mason ele estava completamente de mal humor.

— *Não, não vai.* – Ouvi barulho de passos no corredor proibido – como eu chamava o corredor sem qualquer tipo de luz ou claridade que Mason percorria quando se isolava. – *Isso não trará ninguém de volta, você não teve culpa.*

Eu queria ouvir mais, principalmente depois do que Clark tinha falado, mas eles estavam saindo e eu decidi correr de volta para a saleta e esperar pela raiva que Mason lançaria para mim.

Eu não queria nutrir um sentimento de pena por ele, mas tinha dias que eram difíceis. Quando ele ficava parado em frente a janela, com o olhar perdido, pensava que ele tinha tristezas enormes guardadas apenas para ele. E, com o passar dos dias eu percebi que sua constante raiva não se tratava apenas por estar preso em uma cadeira de rodas, afinal ele tinha a grande possibilidade de voltar a andar. Tinha alguma coisa a mais, algo que ele guardava só para ele, como um ato de punição.

Mas, senhor, isso não é motivo para ser horrível com as pessoas. Ele mal trocava olhares com seu pai e sempre era muito frio quando conversavam sobre algo. Desse eu realmente tinha pena, seu único filho o tratava como um nada, muitas vezes permanecendo trancado em algum lugar quando seu pai estava por aqui.

Com Clark ele até era mais amigável por assim dizer, ou era o Clark mesmo que tornava tudo leve. Eu me sentia melhor quando Clark acompanhava as sessões com Mason, parece que ele dava uma segurada no gênio dele.

E em meio a tudo isso, eu ficava mais e mais feliz por me trancar em casa na companhia dos meus livros, com todos os clichês que uma mulher gosta. Nada de homens que odiavam a própria vida e por consequência quem queria ajudá-los.

Na quinta-feira, acordei decidida que faria um dia diferente. Apareceria apenas à tarde na casa dos Lennox, passei a manhã transitando pela feira, com Lanie e Petrus, rindo de suas constantes provocações, tomamos café, entramos na biblioteca para provocá-lo sobre sua nova

namoradinha e então nos despedimos em frente ao trabalho de Lanie.

Deixei meu Miata como sempre na frente do amplo jardim, quem sabe eu não conseguia arrancar Mason de dentro de casa, o dia estava bom. Por que não?

Antes mesmo de abrir a porta grande de madeira eu escutei a voz alterada de Mason.

— E veio fazer o que aqui?

— Mason você precisa parar de lidar como uma criança birrenta.

Segui para sala vendo Mason perto das janelas com Clark ao seu lado, o homem com quem Mason praticamente gritava estava parado de frente para o sofá o que me dava uma visão de seu perfil. Seus cabelos eram de um loiro bem claro, porte grande, seu corpo não estava nem para o muito magro e nem para o musculoso. Estava na média.

— O que eu faço, acredito que não seja da sua conta Bernard. – Os olhos de Mason queimavam, se ele andasse já teria acertado um soco na cara do outro homem.

— Eu também perdi Mason, não venha me culpar por sua dor. Eu tanto quanto você não queria que elas tivessem partido. Mas você não pode se refugiar aqui como se ninguém mais existisse.

— Saia, agora. – Mason gritou.

— Mason! – O Sr. Lennox tentou repreender mais se calou quando o filho lhe lançou um olhar duro.

O olhar de Mason assim como dos outros que estavam na sala se viraram notando minha presença.

— Me desculpe volto outra hora. – Agarrei a alça de minha bolsa e escapuli dali.

Em minha pequena fuga acabei parando na cozinha, a senhora Macley, uma mulher de idade avançada e rechonchuda estava ocupada com as panelas que soltavam vapores e cheiros deliciosos pela cozinha.

— Oi. — Cumprimentei acanhada.

— Menina Lisa, entre... — Ela sacolejava sua colher de pau de um lado para outro. — Deseja alguma coisa?

— Não, apenas queria sair da linha de frente. — Indiquei o confronto que presenciei a poucos minutos na sala.

Ela tampou as panelas se virando para mim.

— Sei bem, o Sr. McHugh chegou bem cedo e meu Mason não gostou nadinha.

Sra. Macley como gostava de ser chamada era a única que Mason não soltava seus espinhos. Muito pelo contrário, ele tinha olhos pidões e carinhosos quando ela estava presente.

— Sra. Macley, poderia fazer uma pergunta?

Puxei uma banquetta sentando perto do balcão de madeira trabalhada.

— Desde que não seja algo indecente, minha querida.

Ri negando com a cabeça, — Seria algo sobre Mason. — Ela largou o pano sobre os ombros roliços olhando para mim. — O que realmente aconteceu, eu acho ele tão distante e frio em alguns momentos, e, quando ele sorri logo muda. Como se não permitisse que isso acontecesse.

— Meu menino sofreu demais, mas ele não permite seguir em frente. — Ela fez uma pausa conferindo que ninguém estava vindo. — Mason perdeu a esposa e a filha, menina Lisa.

Aquilo me chocou, aquelas pequenas palavras voaram até mim como dois socos no estômago. — Como assim? Em seu acidente? Sr. Lennox disse que Mason sofreu um acidente de carro.

— Sim, mas elas não morreram nesse acidente, — Ela pegou um copo de vidro com um resto de café que tinha ali, se sentou do outro lado do balcão em minha frente. — A sra. Lennox estava viajando para a casa dos pais e Mason tinha ficado, quando ele recebeu a notícia saiu como um louco, bem, você pode imaginar. Ele corria, no dia estava chovendo e então um carro

bateu nele.

— Meu Deus, sra. Macley. — Meu corpo tremia, um calafrio se instalou dentro de mim. — Mason...

— Mason mal pôde ir ao enterro das duas, ele passou vários dias no hospital.

Todo ar parecia ter sido sugado da cozinha. Meu cérebro devia ter congelado, pois mesmo com milhares de perguntas e coisas passando pela minha cabeça, não conseguia dizer nada. A Sra. Macley não pareceu se importar, quando o som de passos aumentou no corredor ela simplesmente se levantou e retomou seus afazeres.

— Lisa, te encontrei.

Sorri mecanicamente para Clark. — É estou aqui.

— Lisa, sinto muito mais Mason não está num bom dia, poderíamos deixar para amanhã a sessão?

— Hã... Sim... Eu... — Respirei fundo olhando de Clark para a senhora rechonchuda cuidando de suas panelas. — Tudo bem, amanhã eu volto.

— Você está bem, Lisa? — Clark questionou, uma de suas mãos em meu braço.

— Sim, estou sim.

Dei um breve aceno para os dois, refazendo o caminho até a porta de entrada o mais rápido que conseguia, e corri ainda mais quando vi de relance Mason em sua cadeira, jogando um objeto de vidro longe. O som de vidro estilhaçando ecoou alto pela casa, como se pudesse acordar um gigante. Isso bastou para me fazer querer o aconchego do meu carro e de minha casa mais que tudo.

O dia que tinha amanhecido convidativo parecia ter esfriado uns dez graus, uma névoa envolvia o céu, como se tivesse ligado ao humor negro do dono desse casarão.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 7

Lisa Hope

Depois de dias do céu completamente encoberto, umidade no mais alto nível, hoje tinha amanhecido com sol.

E hoje, mesmo com esse sol fraco me dando bom dia pela janela do quarto, eu não queria sair de lá, não queria entrar em meu carro e dirigir quatro ruas, parar em frente ao casarão e aturar as inconstâncias do humor de Mason. Era um saco chegar dia após dia e ser tratada como se você fosse um nada, e, isso piorou muito depois da visita inesperada daquele homem. E mesmo não querendo, larguei meu cobertor, fiz minha higiene, e entrei no carro.

Tudo em modo automático.

Passei pela porta pesada de madeira da casa onde todos de Corning evitavam até parar. Notando que algumas coisas haviam mudado, as cortinas que sempre ficavam fechadas a pedido de Mason hoje estavam abertas, assim como as portas que davam acesso para o jardim.

Clark não estava na saleta e também não conseguia ver nenhum sinal de Mason, deixei a bolsa perto da poltrona pegando apenas meu instrumento de trabalho e segui para a varanda, quem sabe os raios tímidos do sol não animassem o humor desse homem e me deixasse fazer o meu trabalho.

O barulho de música por perto me fez seguir por outro caminho, eu não podia dizer que era bisbilhoteira, mas quem nunca invadiu de certa forma a privacidade de alguém? Era como ir ao banheiro de uma casa e fuçar nos armários, todos já tinham feito isso. Pelo menos uma vez na vida.

Segui pelo corredor escuro, tinha alguns quadros com fotos de Mason e seu pai, nas poucas semanas que estava trabalhando para eles, não tinha visto nenhuma fotografia da senhora Lennox. Mason havia me contado em uma de nossas sessões que ela tinha morrido quando ele ainda era um

NACIONAIS-ACHERON

menino, mesmo sua voz fria falando que não se importava eu pude ver a dor em seus olhos.

Mason no fundo era um homem marcado pela perda não só da mãe e pelas consequências do destino. Como descobri recentemente, mas sua alma era marcada por outras duas perdas.

Empurrei a porta, tentando não fazer muito barulho. Um quarto branco, com mobílias em tons claro, combinando perfeitamente com a escolha dos tons verdes espalhados em objetos. Colcha de cama, almofadas e até alguns bibelôs.

A cortina branca esvoaçava trazendo o vento para dentro do quarto, a música mesmo com breves pausas vinha dali, quem estivesse tocando não sabia de minha aproximação. Dei uma olhada para o corredor, encostei um pouco a porta, para não revelar minha presença caso alguém passasse por ali.

Na cômoda do lado da porta tinha alguns porta-retratos, Mason estavam em alguns, junto com uma menina de no máximo seis anos. Os olhos eram idênticos, menos o cabelo dourado longo caindo em perfeitas ondas. Eles poderiam facilmente ter saído de um comercial de margarina, a mulher loira que estava com os dois ou só com a menina em algumas fotos. Era igualmente bonita, parecia um anjo, suas feições doces e muito maternais. Isso só aguçou minha curiosidade para o que estava descobrindo sobre Mason.

Parada entre a cortina e a porta de vidro aberta eu conseguia ver Mason sobre sua cadeira, um violão no colo, os casacos pesados que ele sempre vestia tinham sido substituídos por uma simples camisa azul, de mangas curtas, deixando os músculos que antes eram apenas uma especulação para mim agora a mostra. Encostei-me à porta, a mais silenciosa que pude, apenas observando aquela cena em minha frente. Mason estava sem barreiras, tocando para ele, dizendo tudo que passava em seu peito.

Era uma música triste, repleta de sentimentos.

— *A vida pode te derrubar, então eu apenas anestesia como eu a sinto* — Ele fez uma breve pausa ajeitando a mão sobre o violão. — *Eu a afogo em bebidas e comprimidos vencidos, e todos os que me amam, eles apenas me deixaram numa prateleira...* — Ele ergueu a vista olhando para além do quintal, olhando a paisagem que se desenrolava no fundo.

Era realmente uma visão linda. Um homem, seu violão e as árvores altas do bosque atrás das grades de ferro da propriedade.

Ele dedilhou mais alguns acordes e sussurrou o que eu imaginei ser o fim da música. — *Sem despedidas.*

Eu não queria incomodar, principalmente depois de ver, mesmo que por breve momento o verdadeiro Mason, mas meu plano de sair sem ser notada foi frustrado. Meu pé enroscou na barra da cortina me fazendo bater o quadril na porta de vidro e chamar a atenção de Mason para a porta.

— Desculpe, desculpe...

— Não precisa se desculpar Elizabeth. — Ele deixou o violão encostado na proteção da varanda. — Eu sabia que estava aí.

— Você sabia? — Minha voz saiu enrolada, patética.

Um sorriso apareceu em seus lábios. — Eu não posso andar, mas ainda tenho ouvidos. E posso dizer que com a falta de um dos elementos os outros se tornam mais perceptíveis.

— Hum, desculpa novamente. — Minhas mãos suavam, eu parecia uma adolescente pega roubando algo da loja de doces. — Não queria incomodar você, eu queria saber apenas da onde vinha a música.

Ele virou sua cadeira em minha direção, fazendo os músculos agora bastantes notáveis, ficarem ainda mais bonitos devido ao esforço.

— Acho que você acabou encontrando. — O riso irônico não saía de seu rosto.

— A música é linda.

— Ed Sheeran. — Ele viu a confusão em meu rosto. — Você nunca ouviu Ed Sheeran?

— Não. — Dei de ombros como se isso não importasse, mesmo querendo correr até minha bolsa e pesquisar no Google o trecho que ele cantou.

— Você adora ler, mas não conhece música boa?

— Meu pai dizia que música, política e futebol não devemos discutir.

— Dizia? — Ele ergueu a sobrancelha curioso. — Ele morreu?

— Não, meus pais são separados e para encurtar a história eu não o vejo há alguns anos.

Ficamos alguns momentos nos olhando, nenhum dos dois queria quebrar o contato visual.

Pigarreei quando seu olhar ficou profundo demais, como se ele estivesse lendo minha mente, meu corpo e minha alma. — Eu... Na verdade, eu vim chamar você para seus exercícios, mas se não quiser... — Pigarreei novamente. — Eu posso dar uma folga hoje.

— Ou podemos apenas sentar na varanda, quem sabe eu até toque para você.

Olhei surpresa para Mason, que rapidamente desviou o olhar e completou. — Claro, para aprimorar seu péssimo gosto musical.

— Quem disse que meu gosto musical é péssimo?

— Eu afirmo que é. — Mason aproximou-se de mim, eu me vi encantada com o brilho dos seus olhos nessa manhã. — Você não conhece Ed Sheeran e aposto que nem deve saber quem é Imagine Dragons.

— Isso é uma banda? — Perguntei rindo.

Mason ergueu a sobrancelha fazendo uma cara de espanto. — Lis pegue meu violão e puxe uma cadeira minha cara.

Estava surpresa, acima de tudo pelo bom humor dele, só esse motivo
NACIONAIS-ACHERON

já me deixava com vontade de fazer uma “dança da vitória”. Era um milagre. Pelo tempo que passamos juntos ele parecia se punir quando esse seu lado se mostrava, mesmo minha curiosidade estando a mil para questioná-lo sobre a mudança eu não queria o velho conhecido mau humor de volta.

Corri para dentro do quarto trazendo comigo uma cadeira, coloquei-a perto dele junto com seu violão.

— Você sabe tocar?

— Quando era pequena eu fiz algumas aulas, mas acabei deixando de lado.

— Fazia um tempo que não tocava... — Seus olhos ficaram com uma sombra de tristeza por um momento, eu abri a boca para soltar minha curiosidade mais ele começou a tocar e eu me calei de novo.

Sua mão passava suave pelas cordas, tirando um som harmonioso, meus olhos não descolavam de sua mão, acariciando as cordas como se fossem uma coisa delicada. Por um instante, um pequeno instante. Imaginei essas mesmas mãos, nesse mesmo movimento suave percorrendo meu corpo. Poderia até ser num dia como esse, com o sol sobre nós, poderia até ser nessa cama que estava logo ali, coberta por um cobertor grande e de aparência fofa.

Elizabeth! Que pensamentos são esses? Suspirei mais para mim mesma do que para que Mason ouvisse. Ultimamente estava difícil controlar certos pensamentos.

—...*Lá vai ela na minha frente, pegue minha vida e me liberte novamente.*

Mason parecia livre quando tocava, sua expressão se suavizava.

— *Nós construiremos uma memória com isso. Então nós desmoronamos e partimos o coração um do outro... Se quisermos viver um amor jovem, melhor começarmos hoje...*

— *Tem que ficar fácil, mais fácil, de alguma forma...* — Ele continuou olhando para mim que o admirava como uma tola agarrando os joelhos e babando internamente por esse monstro grosseiro vestido de

príncipe pela primeira vez. — *Hoje não... Hoje não...*

— Uau, essa música é linda. — Comentei. — Triste, mas linda.

— Dificilmente as melhores músicas são alegres.

E o sorriso ainda estava ali, se mostrando para mim.

— E aquela que você tocava quando entrei também é linda.

— Espera aí, eu vou tocar uma que você pode gostar — Ele tirou a alça do violão do seu corpo, olhando em volta. Colocou um negócio mais parecido com um pregador de roupa preto no começo do violão, voltando a dedilhar e arrumar.

— *Porque éramos apenas crianças quando nos apaixonamos não sabendo o que era... Eu não vou desistir de você dessa vez, mas, querida, apenas me beije devagar. E, em seus olhos, você está segurando o meu...*

— Linda. — tudo que conseguia dizer. A música era perfeita, algo que eu escutaria diversas e diversas vezes. Mason sorriu, diminuindo o ritmo que tocava.

— *Bem, eu encontrei uma mulher. Mais forte que qualquer um que eu conheça...*

— Mason, Mason... Onde você está?

O Sr. Lennox chamando por Mason nós causou um sobressalto, e acabou levando nosso clima e olhares reveladores, para o espaço.

— Aqui está você! — Ele olhou por um momento a cena, para quem olhava de fora não passava de duas pessoas escutando música e curtindo o desenrolar da tarde. Mas para mim, ali era muito mais que isso. Ali estava um homem que eu tentava por todos os momentos entender, e em um dia qualquer como esse, deixava tanta amargura de lado e se sentava ao meu lado com um violão em mãos e algumas canções sobre amor e despedidas.

E quanto a mim? Eu nem queria escutar meu coração acelerado e batendo forte em meu peito enquanto olhava para ele, admirando o homem que tentava se esconder por trás de diversas muralhas.

Capítulo 8

Lisa Hope

Ainda podia sentir meu coração batendo forte no peito a cada passo que dava me afastando do quarto de Mason.

Desfiz o coque bagunçado amarrando os fios alaranjados em um rabo de cavalo, tentando conter a agitação que passava por minhas veias. Clark estava todo arrumado organizando algumas coisas numa pequena mala preta.

— Lisa, não sabia que estava aqui.

— Estava com Mason. – Anunciei.

— Espero que ele esteja de bom humor, temos que ir a Nova York.

— Meu Deus, esqueci completamente que era o dia da viagem.

Clark ajeitou alguns objetos pessoais dentro da bolsa, seus sorrisos sempre amplos e carregados de uma fileira enorme de dentes brancos se mostravam para mim.

— Ele está de bom humor pelo que notei.

— Ah, isso eu já esperava. – Clark parou sentando-se na poltrona. Ele parecia mais um deus Negro do que um enfermeiro, sua pele parecia chocolate derretido. – Hoje é um dia especial para ele.

— Dia especial? – Minha maldita curiosidade que não conseguia ser contida.

— Sim Lis... – Meu corpo se arrepiou com a voz grave de Mason surgindo na sala, e de novo ele tinha me chamado de Lis, não apenas Lisa ou Elizabeth como alguns amigos me chamavam. Mas, ele criou algo dele, algo que essas simples letrinhas em sua língua pareciam uma luz me atraindo como um vaga-lume alucinado.

— Desculpe Mason. – Logo tratei de me desculpar.

— Você anda pedindo desculpas demais por um dia.

E de novo aquele sorriso.

— Talvez ela esteja acostumada a andar com feras por aí. – Clark fez questão de se divertir à custa do meu embaraço.

Mason lançou um olhar mortífero para ele que riu ainda mais pegando sua bolsa, pelo canto do olho vi o Sr. Lennox vindo para a pequena saleta.

— Não quer ir para Nova York conosco?

— Não, obrigada.

— Nunca vi alguém gostar tanto de uma cidade pequena como você Lisa. – Clark comentou, como sempre dando um jeito de tocar em meu ombro.

— Eu apenas não quero dar uma desculpa para minha mãe e nem velhos amigos me encontrarem. – Dei de ombros. – Todos têm seus demônios.

Mason ainda me olhava, sua boca um pouco comprimida, um pequeno vinco na sobrancelha como se ele tivesse focado em algum pensamento.

— Bom, então vamos indo meninos. Estamos com horário apertado.

— Até mais, Lisa.

— Até Sr. Lennox, Clark. – Despedi-me ainda com o olhar colado no de Mason.

Tinha ficado apenas nós dois na sala e o ar parecia ter mudado completamente, parecia estralar.

— Vejo você amanhã?

— Amanhã é sábado.

— Sêrio? Juro que não tinha notado esse detalhe... Vejo você amanhã?

Engoli em seco, os lábios secos e o desejo pintando novamente em meu corpo.

— Talvez. – Sussurrei.

— Ótimo, tenho planos para nós. – Falou já seguindo para a entrada, deixando-me para trás.

Escutei as portas do carro batendo e ele se afastando pelo caminho de carros, deixando-me sozinha no casarão. Ninguém nem se importaria se eu andasse pela propriedade, era isso ou ir para casa e ficar sentada no meu sofá, pensando besteiras. Segui pelo corredor escuro que recentemente descobri que dava acesso ao quarto de Mason, abri novamente a porta. Olhando com mais atenção, no canto oposto do quarto tinha uma poltrona velha e sobre ela uma manta cuidadosamente dobrada. Uma luminária com aparência antiga estava em um dos criados-mudos.

O quarto estava quente, as portas da varanda estavam fechadas, provavelmente Mason ou o Sr. Lennox tinham fechado antes de sair. Pelo vão da cortina dava para ver o mundo lá fora, o céu ainda estava com o sol fraco, mais nada que desse a entender que a noite não seria fria como tantas outras. A questão de clima em Corning era brusca, mesmo que o sol nos agraciasse com sua presença, logo ele sumia. Sempre foi assim.

Voltei minha atenção para a cômoda com as fotografias da mulher e filha de Mason. Um porta-retrato estava com um desenho repleto de rabiscos e corações, feito pela sua filha. Recordações estavam expostas ali, como um grande santuário.

Ninguém poderia culpá-lo por fazer isso, pelo que a Sra. Macley contou aos sussurros na cozinha ele não só tinha perdido a mulher e a filha como também seus movimentos, eram poucos homens que aguentavam tantas bordoadas da vida de uma vez.

“Quantas vezes meu coração pode ser destruído e continuar

batendo? ” – Lembrei dessa citação, se não me engano era de um livro, a donzela dizia isso quando se via perdida sem o seu amor. No caso, nesse momento essa citação se encaixa muito com a vida de Mason.

Abri a primeira gaveta vendo alguns dos suéteres que Mason usava tanto no dia a dia, fechei antes que tivesse o impulso de pegar um e cheirar como uma maníaca perseguidora.

Na segunda estava uma pequena coleção de livros, esses sim fizeram minha mão voar para dentro vendo as várias lombadas, lendo o título de cada um. Reconheci alguns autores que eu mesmo tinha em casa, Emily Brontë, J. K. Rowling, E. L. James. Esses últimos realmente me surpreenderam, ele lia romances eróticos, e ao fuçar com mais curiosidade na gaveta encontrei vários espalhados debaixo de alguns títulos.

Sorri igual uma idiota que encontra um tesouro que não lhe pertence, fechei essa gaveta também indo me sentar na cama, passei a mão pelo cobertor, sentindo a maciez do tecido, pensando se era aqui que ele se deitava, o quarto mesmo vazio e sem a presença dele ainda tinha um pouco do seu perfume nas coisas.

Todos na cidade falavam mal do casarão, sobre o fato dos donos nunca terem socializado com ninguém, isso somente já dava mais do que um murmurinho e o fato de algumas de minhas vizinhas me verem entrando e saindo daqui, foi o fogo que faltava para aumentarem as fofocas aonde quer que fosse.

Eu tinha visto esse lado grosseiro e recluso de Mason Lennox, mas também conheci um lado que ninguém mais viu. Vi tanto do seu lado monstro como do seu lado humano, vi seu lado explosivo e também tinha visto seu lado solitário. Vi em seus olhos a dor de perder, não só sua esposa como sua pequena filha, como também o rancor por não poder andar.

E no fim, era como aquele ditado. *“Se não sabes de cor as pedras do meu caminho, não me jugues por tropeçar de vez em quando.”*

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 9

Lisa Hope

Cai na cama “morta” de cansaço, depois de ter saído da casa de Mason precisava ocupar minha cabeça.

Dediquei-me a uma faxina completa em toda minha casa, tirando os livros de lugar e arrumando por gêneros, mudei a sala, meu quarto e assim consegui ocupar minha cabeça com pensamentos que envolviam a casa e meus afazeres.

Por isso agora me jogava finalmente em minha cama, ainda sentindo o cheirinho de limpeza por todo ambiente. A voz de Mason tomou meus pensamentos quando fiquei deitada olhando para o teto, geralmente aos finais de semana eu não ia ao casarão, por isso fiquei tão surpresa dele fazer esse tipo de pergunta.

Não sei se em meio dos pensamentos rodando minha cabeça eu adormeci ou foi apenas um cochilo. Um baque forte soava no fundo do meu consciente. Constante. *Pac. Pac. Pac...*

Grunhi virando na cama e puxando o edredom para cima.

Pac. Pac. Pac...

Suspirei, abrindo o olho, tentando focar onde eu estava. Tinha dormido do mesmo jeito que me joguei na cama, olhei em direção a janela grande ainda com a cortina aberta e a luz do quarto acessa. Pela escuridão a hora já avançava noite adentro.

Pac... Pac... Pac...

Que merda de barulho era esse? Andei até o sofá que tinha embaixo da janela, a entrada de casa estava escura e sem ninguém a vista. Dei mais uma olhada antes de abrir a janela. O vento frio entrou no quarto fazendo minha pele se arrepiar.

NACIONAIS-ACHERON

Não vi nada vindo em minha direção e muito menos quem jogou, apenas senti algo duro batendo no canto de minha testa e algo quente começar a descer pelo ferimento.

— Quem foi que jogou essa pedra? Retardado! Apareça! – Gritei para a noite.

Escutei uma risada grave, olhei para o meio do jardim vendo algo prateado reluzir na luz da lua.

— Seu *merdinha*, não tem o que fazer? Eu vou avisar a sua mãe sobre isso!

Eu gritava, não me importando que os vizinhos pudessem sair, seria até bom, assim o casal certinho veria quem era esse seu filho. Porque com certeza era o filho dos Olsen, ele era um verdadeiro peste e não seria a primeira vez que ele invadia meu jardim para destruir minhas plantas.

— Desculpe, não queria acordar o dragão. Mas, acredito que terá um pouco de dificuldade em contar minha travessura para minha mãe. – Escutei sua risada meio rouca novamente.

Mason?

Apertei mais a vista, apoiando as duas mãos no parapeito da janela, sua forma começou a ganhar mais cores quando saiu do seu esconderijo. Ele vestia um suéter branco, os cabelos rebeldes por causa do vento.

— O que você está fazendo aqui? Ficou maluco?

— Talvez.

— Você estava jogando pedras na minha casa? Agora além de me tratar mal ainda quer ser acusado de destruir minha casa?

— Calma aí, eu só queria chamar você. – ele deu de ombros. – O acesso é meio difícil para alguém como meu.

— Meu Deus, desculpa. Já estou descendo.

Corri pelo quarto ainda escutando a risada grave dele, pareciam dois adolescentes saindo escondido dos pais na calada da noite. Vesti a primeira calça jeans que avistei na cadeira e um moletom por cima da blusa do pijama.

Desci voando pelas as escadas, tropeçando aqui e ali por conta de minha pressa. Parei alguns segundos na porta tentando acalmar minha respiração. *Que isso Elizabeth? controle-se. Ele é apenas seu paciente, talvez um possível amigo quando está de bom humor, não fantasie sobre isso.* – Meu consciente tentava me colocar juízo, por mais que eu acreditasse que ele tinha se perdido por inteiro, com o breve momento que eu troquei com Mason pela manhã.

Isso é coisa da sua cabeça, o cara é todo quebrado por dentro! – E de novo ele me advertia.

Dei de ombros para meu subconsciente abrindo a porta.

— E o dragão saiu de sua torre. – Mason sussurra.

Ergo uma das sobrancelhas sentindo uma fígada aguda na testa. O sorriso de Mason esmorece um pouco.

— Eu machuquei você?

Toco minha testa sentindo o filete de sangue já seco. – Um pouco, eu abri a janela bem na hora que você jogou a pedra.

— Desculpe Lis, eu só queria chamar sua atenção. – Ele força os braços na cadeira como se quisesse levantar, seu quadril até se ergue um pouco com o impulso de seus braços, mas volta a tombar na cadeira.

Desço os degraus da frente chegando perto dele.

— O que você está fazendo aqui? Passeios noturnos de novo? – Brinco, tentando suavizar o momento.

— Eu queria... Sabe, falar com você.

Sorri mesmo sabendo que não deveria me agarrar nesse tipo de emoção.

— Poderia ter esperado amanhã.

— Sim, — ele fez uma pausa. — Mas aí não poderia recriar a cena de Romeu e Julieta, na verdade vi que foi bem patético, levando em consideração que quase matei a protagonista.

Sua risada grave soou baixa até mim. E ali parados no meio do meu gramado, no meio da noite era um som lindo e raro. Som que eu não escutava com muita frequência, ou, frequência nenhuma.

— Então, você tem senso de humor? — Caçoei.

— Talvez exista um resquício da vida passada.

Um vento frio atravessou meu corpo, como a lâmina de uma faca. Juntei meus braços ao redor do corpo, não deveríamos ficar expostos a esse frio. Eu nem sabia que horas eram.

— Venha, vamos entrar senão iremos congelar.

Ajudei Mason a se apoiar em mim, sentei-o no sofá enquanto voltava para o frio retirando sua cadeira do sereno. Mason observava tudo, seus olhos questionadores e curiosos varrendo minha casa novamente.

— Eu estava congelando lá fora, você estava dormindo?

— Sim, acabei adormecendo.

Peguei uma manta que sempre deixava na poltrona perto da janela, meu cantinho para ler. Passei para ele, colocando-a em seu colo.

— Pensei que você ligasse para seus vizinhos fofoqueiros... — ele comentou.

— Eu não ligo, quer dizer, ligo um pouco. — Revelei. — Apenas não quero ser motivo para estar nas fofocas delas num sábado de manhã.

— Isso significa que você se importa de certa maneira.

— Não foi o que disse.

— Foi sim, desculpe te desapontar.

Como ele conseguia ser tão irritante às vezes?

— Você não se importa com que os outros falam de você? –
Questionei indo até a cozinha preparar um chocolate quente para nós, olhei para o relógio acima do fogão vendo que passava das duas horas da madrugada.

— Não.

— Não é possível. – Disse por cima do ombro para que ele ouvisse.

— É sim.

Capítulo 10

Lisa Hope

Nem percebi que estava mordendo o lábio inferior quando retornei para sala, trazendo as duas canecas de chocolate quente. Mason agradeceu pegando uma de minhas mãos, dando um longo gole ainda quente.

Sentei-me em sua frente, dobrando as pernas para esconder meus pés gelados debaixo do meu corpo. — Todos se importam de alguma forma com que as pessoas dizem. — Olhei no fundo de seus olhos, castanhos como chocolate derretido, prendendo-me a eles. — Nos importamos porque no fundo não queremos ninguém nos julgando, por que as pessoas quando julgam podem ser maldosas.

Ele continuava olhando sério para mim, apoiou sua caneca em um dos joelhos. Mason assentiu, — Faz algum tempo que não ligo para o que pessoas maldosas falam, afinal sou uma delas.

Engoli em seco. — Você não aparenta ser mal.

— Você não me conhece, Lis.

— Pode ser, ou pode ser que conheça. — Disse baixinho.

Seus olhos brilharam maliciosamente por um segundo, e depois... Depois nada ele tomou um gole do seu chocolate quente, olhando sério.

— Quantos anos você tem Mason? — Minha voz meio rouca, devido ao tempo em silêncio, apenas nos encarando.

— Trinta, e você?

— Vinte e oito.

Outra vez silêncio.

— Posso fazer uma pergunta?

— Acredito que já tenha feito, Elizabeth. – Mason sorri.

— Outra? – Solto um riso envergonhado.

Ele acena com a cabeça, me dando a coragem que eu preciso para perguntar sobre esse assunto delicado.

— Quando sua esposa e filha morreram?

Vejo a pouca cor de seu rosto sumir, seus olhos parecem que se perdem em lembranças, como se levados por um gatilho que minha pergunta gerou. Na hora me amaldiçoou, não era hora, ele vai se fechar novamente.

— Eu... Desculpa não devia ter perguntado... eu...

Merda! Como sou estúpida!

— Faz dois anos que elas...

Seu rosto assumiu uma expressão triste.

— A vida não é justa. – Murmuro, mas na verdade se não tivesse acontecido essa fatalidade eu nunca teria conhecido Mason.

Morávamos na mesma cidade e nunca nos encontramos, nos cruzamos em um semáforo, o que me fez questionar mais e mais.

— Porque você mudou para Corning?

— Certa mulher me disse um dia que não podemos ter todas as respostas.

— Você me pegou.

— Minha vida não fazia mais sentido em Nova York, fui jogado num precipício sem volta.

— *“Você sabe que há uma chance para você, uma faísca, só tem que acender a luz”*

Ele me olhava com um sorriso torto. – Isso parece uma citação.

— E, é. – Ri. – Uma música da Kate Perry.

— Eu disse que você tinha péssimo gosto musical.

Minha boca se abriu em um “o” de indignação.

— Tem coisas na vida que não podemos mudar, mesmo eu rezando todos os dias para me levar ao momento que elas entraram no carro, sei que Natali me bateria se escutasse as merdas que falo. – Os olhos de Mason estavam distantes, como se ele estivesse transportado para um momento muito longe em suas lembranças.

Ele suspirou, voltando para o presente, encarando meus olhos.

Levantei-me devagar de minha poltrona, sentando ao seu lado no sofá. Foi instinto, sem pensar. Meus dedos percorreram a barba grande em seu rosto, Mason estava congelado, olhando-me com um misto de insegurança e ansiedade. Eu podia ver que por trás desse homem ferido, quebrado em milhares de pedaços, também havia alguém querendo recomeçar, encontrar alguém para se apoiar quando se tornava pesado demais.

Deus, eu queria isso, queria que ele entendesse que mesmo sendo rude e grosseiro comigo por dias a fio ele não saía do meu pensamento, que mesmo sendo esse bicho enjaulado eu queria mostrar tudo que estava perdendo, e, ficaria ainda mais grata se fosse comigo.

— *“Talvez, só talvez a Bela não seja tão Bela assim e a Fera não seja tão Fera.”*

— *“É triste eu imagino, uma criatura como eu esperar que algum dia possa ganhar o seu afeto.”*

— Citando um conto de fadas repleto de amor senhor Lennox? – Brinco.

Mason olhou diretamente para minha boca e eu sabia onde isso iria dar, se ele avançasse um centímetro sequer eu não seguraria mais a barra de minha blusa com tanta força e nem morderia o canto de minha boca contendo minha vontade.

Isso seria possível?

Poderíamos pensar nele como “nós”?

Olhei para aqueles olhos sempre sombrios e vi um pouco de vida neles. Meu coração estava disparado, eu não pensei no depois.

— É melhor eu ir embora...

— É

Cheguei mais perto.

— Ou pode ficar.

— Seria um erro... — Ele suspirou chegando mais perto, tão perto para que eu sentisse sua barba pinicar meu queixo e mesmo assim com tamanha proximidade nossas bocas estavam longe, nossos hálitos formando uma muralha quente entre nós.

Os lábios de Mason desviaram o caminho indo para meu pescoço, e ele falou baixinho: — Sinto falta de alguém cuidando de mim, me tocando.

— Eu posso te ajudar, eu quero. — Confessei.

— Uma parte de mim acha isso horrível, eu ainda me lembro todos os dias de Natali, mas você... Você mexe comigo, como se fosse um verdadeiro sopro de ar fresco.

Minha pele estava toda arrepiada, podia ouvir as batidas do meu coração no ouvido...

Mason deslizou a língua pelo meu lábio inferior, me fazendo querer mais, seu gosto doce ficou em mim, minha boca queimava de desejo assim como meu corpo. Coloquei a palma da mão em seu peito e seu próprio coração estava batendo descompassado.

Seus dedos percorreram os fios de meus cabelos, bem devagar. Mason pousou as mãos na parte de baixo de minha coluna fazendo meu corpo roçar no seu de todas as maneiras possíveis, senti sua calça justa no quadril, senti seu desejo tão intenso como o meu. E quem pode controlar uma coisa dessas?

Ele mordiscou meu lábio inferior, soltou um suspiro profundo.

— Não devíamos...

Não contestei, apenas abri minha boca, sugando a sua, toquei com posse e fome seu corpo. Sentindo os músculos definidos dos seus braços, suas costas, juntando tanto nosso corpo que estava praticamente sentada em seu colo. Mason soltou um gemido grave, suas mãos passando de minhas costas para minha bunda, minhas coxas, sua língua tomando a minha para si, fazendo o ar estralar ao nosso redor.

Seus lábios são surpreendentemente macios, quentes. Pressiono um pouco mais de meu corpo no dele, Mason corresponde me puxando para seu colo, sentada sobre suas coxas eu sinto sua ereção.

Aprofundamos os beijos despejando mais do que nos permitimos, só quero ter isso como lembrança, seu cheiro, gosto, sabor. Se eu não tinha certeza sobre gostar de Mason Lennox, passei a ter.

E como um pequeno despertar Mason se afastou de mim, o beijo acalorado e sensual que trocamos segundos atrás foi abandonado, ele grudou sua testa na minha suspirando, seu coração martelava sobre minhas mãos.

— Isso é errado.

— Errado? Não, é perfeito.

Mason me olhava sério, a culpa tomava todo seu rosto.

— Que futuro eu posso lhe dar Lis? Nem sei se consigo ter uma mulher como antes...

Afastei-me dele sentando ao seu lado. – Você deve voltar a viver, ser feliz... Seu estado físico não é uma desculpa para não fazer isso Mason.

Ele desviou o rosto, olhando para o outro lado da sala.

— É por causa de Natali? – Eu tinha que perguntar, também não poderia insistir em algo que tivesse amarrado ao passado, quem sairia quebrada e machucada seria eu.

— Natali pediria para seguir em frente, ela não iria gostar que me amarrasse no fundo do poço. Mas... Minha alma é devastada Lis, estou fodido

por dentro.

Minha garganta estava seca, eu tinha milhares de pensamentos correndo dentro de minha cabeça, mas quando abria a boca para falar algo, nada saía. O silêncio ficou pesado. E o momento de dizer algo passou...

— É melhor eu ir. — Mason puxou para perto sua cadeira, passando do sofá para ela com facilidade.

— Eu ajudo você. — Minha voz saiu como um fio quebradiço, um sussurro.

Capítulo 11

Mason Lennox 09 de Junho de 2017

Pisar em Corning depois de tudo era doloroso e, bom. Uma vez li um livro que dizia sobre a dor. Basicamente que toda dor tem um lado bom.

E esse era o meu, voltar para a velha cidadezinha que Natali amava, ver as ruas que tanto andei de mãos dadas com ela. Depois do acidente eu não falei uma vez sequer com os pais dela, não sei bem o porquê, mas não estava pronto. Sentia-me culpado por deixá-las sozinhas quando poderia ter desmarcado a merda do meu encontro com meus amigos.

E em partes acredito que o fato deles sempre falarem que eu não tinha culpa foi o que mais me afastou de tudo, pois eu sabia que a culpa mesmo que quisesse não era minha, foi uma fatalidade e o resto também.

Para mim, os dias e semanas travados em uma cama de hospital se tornaram um borrão, estava entorpecido com emoções. As visitas de amigos e familiares no hospital foram a pior parte, todos com rostos tristes e soltando frases de consolo, como se isso trouxesse tudo de volta foi o pingue que faltava.

Por toda minha estadia eu permaneci calado, não falava com os médicos, com as enfermeiras. que entravam simpáticas em meu quarto, e muito menos com minha família.

Parado na varanda da casa que comprei, eu observava a chuva cair com força sobre o gramado, formando grandes poças de água barrenta. Meu pai tinha me acompanhado até aqui, assim como Clark. Um enfermeiro que cuidou de mim desde que estava no hospital. Foi um mês terrível, e, nesse um mês não pude me despedir das minhas meninas.

— Você está bem? – Meu pai me perguntou.

Nada disse, continuei olhando a chuva.

Ele apoiou uma de suas mãos em meu ombro apertando de leve. – Eu posso te ajudar, vou ficar um tempo aqui com você.

— Não quero sua ajuda.

Cravei minhas unhas em minha coxa, usava toda a força que tinha e a única coisa que sentia era um leve roçar. Doutor Nadil tinha me falado sobre minha lesão, que eu poderia ter um pouco de sensibilidade em minhas pernas, mesmo não sentindo tudo, era como uma pena passando de leve. Assim como também fui alertado das possíveis dores, ou formigamentos pelo corpo. Tanto ele como Clark estavam contentes quando comentei que senti algo em uma manhã, que se tivesse força de vontade e sérias sessões de fisioterapia eu poderia ter meus movimentos. Que meu caso era reversível, só dependia de mim. Mas eu não me importei e nem mesmo agora me importava, eu aceitava minha condição física, como um breve lembrete que nunca mais teria minha vida de volta. E a cada pessoa, com sorriso de pena, que vinha tentando me forçar a praticar exercícios aumentava minha raiva, a cara de pena que todos faziam quando me viam ou sabiam do que aconteceu, foi o principal motivo para eu largar tudo em Nova York e me mudar para essa cidade retrógrada.

Por que você não me levou naquele acidente? – Perguntei silenciosamente olhando para o céu encoberto. Se Deus era tão justo por que não me deixou ir com as duas coisas que mais importavam para mim? Por que tinha me deixado aqui, ainda mais aleijado?

— Mason...

— Deixe-me em paz.

Levei a cadeira para longe de meu pai, chegando mais perto dos degraus da frente, sentindo o respingar da chuva sobre mim.

— Estamos lá dentro se precisar. – Segundos depois escutei a porta se fechar.



Dois anos, em algum ponto, procurei emergir da dor e sofrimento, pelo menos para acordar pela manhã e respirar com facilidade.

— Mason, seu pai encontrou uma moça para fazer sua fisioterapia, se não resolver ele irá até Nova York contratar alguém.

Abri os olhos vendo a claridade que atravessava o quarto, Clark andava de um lado para o outro pegando um conjunto de suéter e calças, assim como sapatos.

— Você já ouviu algo sobre bater em portas antes de entrar? – Com a ajuda de travesseiros extras arrastei meu corpo, ficando o mais próximo de sentar que conseguia. Todo o esforço físico de me mover sozinho me cansava muito, existiam dias que sentia meus músculos protestarem.

— E você ouviu o que acabei de dizer? Vamos tirar essa bunda da cama e estar apresentável quando a mulher chegar. – Clark puxou a cadeira para banho, encostando perto de minha cama.



— Mason, tenho uma visita comigo, podemos entrar?

Clark correu para abrir as portas, da onde eu estava assistindo o noticiário que passava no volume baixo. Não conseguia ver nada da pobre mulher, coitada. Mal sabia a besteira que estava fazendo aqui.

— Desculpe Sr. Lennox, estava terminando de arrumar o Mason.

— Sem problemas Clark, esta é a Srta. Hope, ela será a fisioterapeuta do Mason.

— Um prazer em conhecê-la Hope. – Ele sorriu, vi o interesse pintar em seus olhos, conhecia Clark tempo o suficiente para saber que ele era um mulherengo de primeira.

— Apenas Lisa.

— Devo avisar Lisa que o Sr. Lennox está de mau humor, mas... Não é sempre.

— Mason, temos visitas.

— Mande-os embora! – Reclamei, fazendo uma excelente voz de carrasco.

— Tenha modos Mason. Esta é sua nova fisioterapeuta e, por Deus, tente não transformar a vida dela num inferno.

Direcionei uma olhada odiosa para meu pai e seu comentário, ele e a fisioterapeuta que se explodam!

Um pequeno movimento atraiu minha visão para o vão da porta, um corpo miúdo, baixa mais com grandes curvas apertados nos jeans encharcados, os cabelos alaranjados, parecem água de salsicha estavam rebeldes presos atrás da cabeça. Seus olhos estavam ligeiramente arregalados, completando seu rosto angelical com essas sardas, mas eu nãoalaria que ela estava com medo, poderia ser traduzido facilmente com insatisfação.

— Muito prazer Sr. Lennox, meu nome é Elizabeth Hope, Lisa.

— Já viu o grande espetáculo do coitado do paraplégico? Pode ir agora.

— Mason! Por Deus...

Ela ergueu a mão para meu pai, olhando sério para mim. — Desculpe Sr. Lennox, tratei muitos pacientes, muitos até com problemas mais sérios que os seus. E devo também acrescentar que todos sabiam que *chiliques* eram coisas de crianças mal-educadas, então se o senhor deseja sair dessa situação tem que colaborar com meu tratamento. Senão será apenas um “coitado paraplégico” como você mesmo se denominou.

Minha cara caiu, literalmente. Essa mulher tinha me desarmado, sido tão mal-educada quanto eu e em nenhum momento vi pena passar pelos seus olhos.

— Mason, às vezes é um homem perverso Srta. Hope. – Clark tentou suavizar.

— Imagino que a situação não seja fácil, porém, você aprenderá comigo que autopiedade não é uma das coisas que eu cultivo em meus

pacientes, e, não costumo me assustar com tons de voz agressivos.

Fiquei calado, apenas observando quando ela trocou algumas palavras com meu pai e saiu em direção ao corredor.

— Essa daí é osso duro de roer. — Clark ralhou comigo quando estávamos sozinhos.

— Cala boca seu idiota.

— Ela conseguiu te calar pela primeira vez, tomara que seu pai a contrate. Ela é durona.

— Vamos ver quanto tempo dura.

Capítulo 12

Mason Lennox

Branco era tudo que eu via, branco seguido de branco e do nada, lá estava, Natali. Ela sorria, seus cabelos loiros balançavam com o vento, o branco foi ganhando cor. Um gramado verde foi banhando meus sonhos, assim como logo surgiu um céu azul claro, lindo.

Escutei a risada de Ever ao longe, me virei tentando encontrá-la.

— Filha! – Gritei ao nada.

Natali correu para longe de mim, corri atrás dela.

— Hora de me achar papai.

Olhei assustado para os lados e então as vi sentadas sobre a grama, corri até elas, parando bem perto.

— Como eu sinto falta de vocês. – As lágrimas banhavam meu rosto e ensopavam minha camisa.

— Meu amor, sempre estaremos aqui. – Natali sorria docemente para mim.

— Quero vocês comigo, eu não existo sem vocês.

— Você vai ser muito feliz papai, e, quando achar o caminho não se esqueça do Sr. Botas.

Ri em meio ao choro descontrolado que se apossou de meu peito.

— Amo vocês.

— Amamos você também! – Disseram juntas.

Elas começaram a ficar turvas, embaçadas como se tivessem fora de foco, levantei-me de um pulo tentando tocá-las. Mas já era tarde demais, me

vi caindo sentado na escuridão.

— Natali! Ever!

— Não! – Um grito gutural saiu de minha garganta, rasgando a noite e a escuridão de meu quarto.



Os dias eram todos iguais, torturantes. Para dizer o mínimo.

A ausência de Natali e Ever em minha vida criava um vazio absurdo, como toda minha vida sendo revirada do avesso deixou um grande espaço em meu relacionamento com Deus. Não que fosse um ato religioso, mas aprendi com minha esposa a agradecer, e, tinha motivos de sobra para agradecer minha vida. Ou tinha.

Elizabeth ainda continuava firme e forte, mesmo tendo dias que eu mesmo me repreendia por ser tão rude. Clark tentava a todo custo fazer melhorar minha aparência, assim como tentava uma brecha para convidar a Srta. Hope para sair.

Isso não deveria me incomodar, mas confesso que de cinquenta oportunidades que ele teve eu ferrei com quarenta, e as outras foram dispensadas com muita sutileza pela própria Elizabeth.

Na semana que passou eu só queria me isolar, os sonhos com Natali e Ever tinham sumido por completo, mesmo eu rezando todas as noites para um Deus que provavelmente decidiu me abandonar por completo, elas não apareciam. Durante o dia recusei mais ligações e visitas de meus antigos amigos do que no último ano, uma hora eles desistiriam... uma hora.

Mas em nada estava preparado para encontrar meu cunhado parado no meio de minha sala, dando ordens e falando que já tinha vivido muito bem meu luto. Bernard McHugh era um hipócrita de marca maior, ele nunca ligou muito para a irmã depois de casada e nem para a sobrinha. Não aceitaria ele no meio da sala falando merdas sobre parar meu luto, ou seja, lá o que ele tivesse tentando fazer. E quando Lisa surgiu na porta com seus cabelos

esvoaçando sobre o ombro, foi um sopro de paz e ao mesmo tempo tormento. Pedi para que Clark sumisse com Bernard da minha frente e dispensasse Elizabeth, ela não merecia tomar patadas minhas por causa desse imbecil.

Passei boa parte do dia apenas olhando a janela, vendo o tempo mudar como meu humor, o dia foi embora por completo. E com a noite, eu me encobri com meu pesar. Natali visitou mais uma vez meus sonhos, mesmo não dizendo nada, não podendo tocá-la, ela estava lá. Um vestido branco simples e no fundo nossa música, o cenário dessa vez era meu quarto. E sentada na poltrona do outro lado com meu violão no colo eu soube o que ela queria, ela não queria que eu me afundasse e sim vivesse.

— Continuarei te amando. — sussurrei para ela.

Natali sorriu, concordou. Vi seus lábios se moverem um "Eu também" e em seguida "Viva". E como um sopro de uma brisa suave ela se foi, quando abri meus olhos na escuridão do quarto podia sentir o cheiro suave de seu perfume passeando por ali, e tive certeza que hoje ela esteve mais presente comigo do que qualquer outro dia...

Capítulo 13

Mason Lennox

Escutar do médico que eu tive uma pequena melhora em meu quadro foi capaz de iluminar meu dia. Ainda mais.

Basicamente tudo dependeria como meu quadro se manteria, eu tinha esperança que no final pudesse livrar de pelo menos um fardo. A cadeira. Nesses exames de rotina, Dr. Nadil, conseguiu ver uma melhora grande em meus movimentos assim como em minha força, o que era graças as horas que Lisa dedicava para mim.

Do hospital até o *Moravian* Cemetery*, mantemos uma conversa um tanto animada, Clark dirigia rindo de algumas piadas idiotas que contava, ou às vezes falávamos sobre coisas diversas.

Hoje era um dia importante para mim, Ever tinha nascido nesse dia, e, mesmo com sua morte eu nunca pararia de visitar seu túmulo e me sentir feliz por esse dia, afinal eu tive uma filha linda e maravilhosa por quatro anos em minha vida, os melhores anos foram recheados dela e de Natali.

Mesmo para um cemitério era um lugar bonito e organizado, as grandes lápides ficam escondidas debaixo das árvores grandes. Como sempre vou sozinho, não quero plateia. É o meu momento com elas.

Paro no meio dos dois túmulos, retiro algumas folhas mortas de cima deles, assim como também limpo as pequenas fotos de Ever e Natali.

— Oi meus amores. — sussurro.

Respiro fundo, apertando o casaco grosso em torno de mim, um vento frio circula pelo cemitério.

— Eu estive pensando muito em vocês nas últimas semanas, eu gosto de vê-las em meus sonhos. Me dá ânimo para levantar da cama no dia seguinte. — Soltei outro suspiro. — Pode parecer errado, mas eu não quero perder esses momentos.

NACIONAIS-ACHERON

Olho de uma lápide para outra vendo os pequenos números e descrições que colocaram para elas. Mesmo não querendo admitir fizeram um bom trabalho, eu não poderia pensar em descrições melhores.

— Voltei a tocar, sei o quanto você gostava de me ver tocando. Também tenho sentido mais sensibilidade e até força nas pernas. O médico diz ser bom... – Digo para uma Natali imaginaria. Uma Natali e Ever que imagino sentadas aqui comigo, conversando e sorrindo do que eu falo como se tivesse em um dos nossos piqueniques tradicionais de domingos, sentados no meio do bosque que tinha em nosso bairro, ouvindo os pássaros e vendo Ever correr no meio das árvores.

— Sr. Mason. – Viro minha cabeça tentando ver quem me chama. – Achei mesmo que você iria aparecer hoje.

— Tudo bem, Artur?

Artur é o zelador, ele cuida dos túmulos e passa mais tempo com os mortos do que com os vivos. Olho para seu corpo miúdo e curvado com a idade, seus cabelos grisalhos estão maiores do que ano passado. Sua calça listrada tem um buraco no joelho, mas, combina com seu casaco.

— É bom vê-lo meu rapaz.

— Sinto o mesmo. – Digo com um sorriso.

— Todos os dias converso com suas meninas, cuido muito bem daqui.
– Artur sorri sentando-se ao meu lado.

— Eu agradeço por isso. Muito.

Ele faz um gesto com as mãos como se isso não importasse. – Vejo que não está mais carrancudo como antes, tem algum motivo especial meu garoto?

— Nenhum aparente, continuo o mesmo de sempre. – Porém minha boca fica amarga, algo aconteceu sim durante esse tempo, Elizabeth. Aquela desbocada que anda transitando em minha casa com suas blusas largas e seus jeans colados naquela imensa bunda. Mordo os lábios tentando conter a
NACIONAIS-ACHERON

risada, mesmo eu sendo o maior ignorante do mundo, mandando ela embora diversas vezes. Ela continua lá, fazendo seu trabalho, com dedicação e força de vontade.

Algumas vezes conversamos, outras apenas trabalhamos em silêncio. E durante tudo isso, essas semanas ela vem ocupando partes dos meus pensamentos durante alguns dias. Coisas como o cabelo dela parece todo bagunçado quando ela vai embora, ou como ela torce a boca quando escuta algo que a desagrada, ou como seu olhar brilha toda vez que me vê erguendo ou sentando em minha cadeira sozinho. Suas bochechas que quando rosadas deixam as pequenas sardas em evidência.

— Você parece mudado, — Artur me chama para a realidade. — E não sei o motivo, mas eu disse que uma hora a felicidade volta a bater em sua vida.

Sorri para suas palavras, Artur sempre me falava que tudo tinha um porque, sempre tínhamos um motivo para estar ou ser alguém.

— Precisamos ir.

Clark veio em nossa direção circulando as lápides.

— Espero vê-lo novamente meu jovem. — Artur apertou de leve meus ombros seguindo em direção oposta.

— Até mais. — Disse sobre meu ombro, tanto para Natali e Ever, como para Artur, deixando Clark me levar dali.



Já se passava da hora de dormir, mesmo cansado com o esforço que fiz durante o dia, não conseguia pregar o olho. Eu me sentia angustiado, como se quisesse algo que não poderia ter. Estiquei meu braço acendendo a luz do abajur, piscando algumas vezes para que minha vista se acostumasse com a claridade repentina.

Eu queria vê-la. Mais era certo? Lógico que não, eu mesmo não conseguia entender porque em todo caminho de volta eu me senti ansioso para chegar, e, mas ainda para que amanhã chegasse.

Mas seria certo com ela? Quem iria querer alguém tão quebrado como eu, Lis nunca deu uma amostra sequer que me desejasse, mas na manhã que passei cantando para ela, sim eu cantei para ela. Apenas não admiti isso, me fez bem, muito bem, deixou meu dia ainda mais feliz.

Olhei para o lado oposto do quarto, merda! Clark quando saiu daqui empurrou a cadeira longe demais para eu pegar. E mesmo que tentasse com certeza cairia de cara no chão.

Eu não poderia chamar por ele, não poderia assumir para onde iria. Clark sabia que às vezes eu saía pela noite adentro e não falava nada, apenas me buscava como foi quando encontrei sem querer a casa de Lis, na verdade, estava indo para a casa de meus sogros, sim. Foi depois que sonhei com Natali e Ever no balanço, eu queria olhá-los com meus próprios olhos.

Só não contava em encontrar Lis no meio do caminho e devo dizer que gostei, gostei mais ainda quando ela cuidou de mim e quando olhei sua casa aconchegante por dentro. Foi... Interessante, foi como ver um pedaço dela impresso bem ali, na minha frente. Desvendar aqueles olhos astutos e calmos.

Eu teria que pôr em prática a força e os exercícios que ela tinha me passado. Tirei as cobertas de cima de mim, deitei de barriga para baixo na cama, descendo uma perna de cada vez.

Respirei fundo antes de tentar qualquer movimento, se eu fosse apoiando o tronco na cama e puxasse a cadeira poderia sentar nela sem cair como um idiota no chão. Segurei com força minha coxa, dando um passo com minha perna, repeti com a outra, fazendo com as mãos o que as pernas poderiam fazer sozinhas em qualquer pessoa.

Era difícil, soltei alguns gemidos abafados pelo edredom no meio do caminho, mas consegui sentar na cadeira sem maiores problemas. Busquei na cômoda um suéter grosso colocando por cima de minha camisa branca do pijama, ficando com a calça de moletom preta.

Tanto a casa como as ruas estavam vazias e sinistras, seguindo para a quarta rua após a minha, onde Lis morava. A rua dela era sinistra de tão

calma, os carros parados em frente as casas com entradas largas e escuras e finalmente sua casa.

Olhei para seu Miata parado na frente da casa, o portão branco pequeno estava aberto, olhei para a varanda decorada com alguns vasos de plantas, a janela da sala por onde ela tinha me visto aquele dia passando por aqui estava apenas iluminada com uma luz fraca, que deduzi ser o abajur que ela tinha perto da poltrona de leitura.

A luz do andar de cima estava acesa, assim como as cortinas afastadas, será que ali seria seu quarto? Será que ela estaria acordada lendo alguns de seus velhos romances? Olhei para os lados vendo algumas pedrinhas brancas em um vaso alto, coloquei minha cadeira bem embaixo de sua janela rezando para que minha mira ainda estivesse boa, porque de jeito nenhum me arrastaria nos degraus para tocar a campainha.

Foram dez pedrinhas, eu já estava cansado quando lancei à última.

— Quem foi que jogou essa pedra? Retardado! Apareça! – Gritou para a noite.

Soltei uma risada grave, vendo que não só tinha chamado sua atenção como tinha a feito aparecer na janela furiosa.

— Seu *merdinha*, não tem o que fazer? Eu vou avisar a sua mãe sobre isso!

Lis gritava, o que logo faria algum de seus vizinhos sair para ver o que estava acontecendo.

— Desculpe, não queria acordar o dragão. Mas, acredito que terá um pouco de dificuldade em contar a minha travessura para minha mãe. – Sai do meu pequeno esconderijo no meio de suas plantas aparecendo na claridade que saiu de sua janela quando foi aberta. Rindo de sua fúria.

— O que você está fazendo aqui? Ficou maluco?

— Talvez.

— Você estava jogando pedras na minha casa? Agora além de me tratar mal ainda quer ser acusado de destruir minha casa?

NACIONAIS-ACHERON

— Calma aí, só queria chamar você. — dei de ombros. — O acesso é meio difícil para alguém como meu.

— Meu Deus, desculpa. Já estou descendo.

Venha Lis! Venha, porque sou louco de estar aqui ansioso por isso...

Capítulo 14

Lisa Hope

Acordei cansada e com nenhuma vontade de sair da cama, meus pensamentos voltavam para o que passei ontem, foi uma surpresa encontrar Mason aqui e mais ainda termos ido tão longe.

E agora que demos esse grande passo, retrocedemos ladeira abaixo. Peguei meu telefone vendo que haviam três ligações perdidas de minha mãe. Claro, meu dia poderia piorar ainda.

Resolvi ver logo o que ela queria, para me ligar num sábado pela manhã, algo tinha acontecido.

— Mãe?

— *Oi Lis.* – sua voz estava baixa, calma. Estranhei.

— Tudo bem?

— *Sim e com você?*

— Uhum, precisa de algo? – Eu estava achando estranho sua calma, ela nunca era calma assim.

— *Quando você vem para Nova York?*

Sabia! Logo estaríamos brigando novamente.

— Não sei mãe.

Ela soltou um suspiro. – *Porque não aproveita o final de semana e vem para cá? Soube que o hospital recebeu uma grande melhora na área infantil, você poderia matar a saudade.*

Esperta Dona Lucia... Atingindo meu ponto fraco...

Fiquei em silêncio analisando a ideia, não era de toda ruim, eu

poderia fugir um pouco daqui, poderia me ocupar com coisas antigas e não com Mason Lennox, poderia ver meus antigos amigos, até mesmo passar um tempo com minha mãe.

— Tudo bem, vou passar por aí.

— *Sério mesmo?* — Disse realmente surpresa por ter aceitado sem termos uma discussão.

— Sim mãe, estou indo para Nova York.



Depois que meus pais se separaram minha mãe enlouqueceu, ela não aceitou muito bem ser trocada por uma mulher vinte e cinco anos, afinal quem aceitaria? Então, mamãe após superar a traição de meu pai virou uma verdadeira vadia, Deus me perdoe, mas virou.

Lembro quando ficava em casa sozinha e ela passava dias fora e voltava como se nada tivesse acontecido. Isso quando eu ainda mal sabia usar um fogão, sorte que tínhamos uma vizinha muito generosa e me deixava comer lá, senão teria morrido de fome ainda no ensino médio.

Eu tive a presença de diversos namorados dela em casa, com o tempo eu deixo isso de lado e toquei minha vida, vir para Corning foi uma maneira de me afastar de tudo e construir uma vida calma do jeito que queria. Mesmo abrindo mão do meu trabalho no hospital.

A viagem de carro durou duas horas, ouvi a trilha sonora que sempre ouvia quando viajava, e não tinha como não escutar a voz rouca de Mason reclamar sobre meu gosto musical. Aumentei o volume deixando a voz do cantor bem alta e o acompanhei em plenos pulmões silenciando Mason em minha cabeça.

Continuei dirigindo, atravessei o tráfego do centro e segui para o subúrbio onde minha mãe morava. Um bairro pacato com casas idênticas, um belo lugar para se morar com a família. Meu pensamento começou a fazer o caminho de volta para Mason, porém logo os cortei.

Ele me ligou, duas vezes e pelas duas vezes deixei cair na caixa

postal.

— Filha, como é bom vê-la. – Minha mãe me recebe com um abraço.

— É bom te ver também mãe.



Na segunda de manhã me sentei junto com minha mãe e o novo namorado dela no café da manhã, foi um susto quando ela despejou que estava querendo casar. Daniel era um homem maduro, seus cabelos grisalhos denunciavam sua idade e seu sorriso simpático mostrava que era um bom homem, ele a faria feliz.

Ainda me lembro de ter engasgado com o suco quando ela me contou.

“Filha, Lisa, eu amei muito seu pai. Mesmo quando ele menos mereceu. Eu queria muito que tudo tivesse sido diferente e com Daniel eu me senti inteira, ele me mostrou que não preciso correr e me anular para ter o amor de alguém apenas ser eu mesma. Por isso nos vamos nos casar. ”

Eu fiquei em choque, mas queria o que toda filha quer, sua mãe bem. Independente quem estivesse com ela.

Antes de descer para o café eu havia mandado uma mensagem para Clark dizendo que tive um imprevisto e não estava na cidade, que retornaria na quarta. Assim teria alguns dias para mim, sem a presença de Mason, mesmo que meu coração doesse com isso.

— Lis, Lis... Estou falando com você!

Sacudo a cabeça saindo dos meus devaneios. – Desculpe mãe.

— O que você tem Lis, está distante. Aconteceu algo?

— Nada importante... Apenas...

Sinto um nó em minha garganta. Por que não falar?

— Me conte, você parece que vai explodir se não falar. — Mamãe me olhava preocupada.

— Tem um rapaz, ele é meu paciente.

— Você se apaixonou Lisa? — Minha mãe é direta, um sorriso sincero brota em seus lábios.

Tomo um gole do meu café, fico meio envergonhada de discutir isso na frente de Daniel, mas ele parece ou é gentil o suficiente para ficar com seus olhos colados no jornal.

— É... Não, é difícil. — Suspiro. — Ele é paraplégico, perdeu a esposa e a filha, mas quando estamos juntos é diferente sabe? Ele era realmente grosseiro, só que tudo mudou, ele apareceu na minha casa, nos...

— Vocês se beijaram?

Suspiro novamente concordando.

— O que tem de mal nisso Lisa, você é uma mulher incrível, tenho certeza que pode fazê-lo feliz.

— Ele, eu senti que ele me deseja, mas ele fugiu, se fechou de novo.

Daniel afasta seu jornal me olhando pela primeira vez desde que comecei a falar. — Lis, o quanto vale seu amor por ele?

Franzo a sobrancelha para ele, nunca tinha pensado nisso. Apenas me sentia atraída por ele e ponto, queria tirar sua dor, mostrar o quanto ele pode ser feliz.

— Não sei. — respondo olhando para o outro lado da ampla cozinha de minha mãe.

— Apenas deixe seu amor decidir. — Daniel disse piscando para mim com um sorriso.

— Siga seu coração Lis, você sempre foi boa nisso.

Seguir meu coração? Tudo bem... Deve ser fácil, mas será que um homem tão quebrado por dentro pode aceitar o que meu coração quer, será

PERIGOSAS

que ele e seu coração sentem a mesma coisa que eu?

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 15

Mason Lennox

Lis não apareceu na segunda-feira e nem na terça, Clark apenas disse que ela teve um compromisso fora da cidade. O que teria acontecido, em partes eu me culpava, se eu não tivesse fugido. Que covarde que fui, mas eu ter uma ereção apenas com o toque de Lis sobre meu corpo ver realmente seu desejo ali no toque de minhas mãos me deixou em pânico. Eu nem sabia que poderia ter uma ereção, depois do acidente nunca me toquei ou conversei sobre isso com ninguém, estava afundado demais em meu luto para isso. E ainda teria Natali, de maneira nenhuma queria ferir a memória dela, mas também não era justo com Elizabeth mantê-la perto de mim com esse desejo e... Meu Deus, que confusão. E sentir ali, meu... pronto para a ação me deixou em choque, eu precisei ir embora.

Passei boa parte de segunda-feira trancado no quarto, não estava com ânimo para sair e tanto meu pai como Clark entenderam. Na terça-feira de manhã Clark me arrastou para varanda, ficamos bons minutos sentados em silêncio apenas olhando a chuva voltar a cair sobre nós, realmente essa cidade era uma bacia, chovia mais nela do que em todos os estados juntos.

— Você está bem, cara? – Clark perguntou sentado ao meu lado assistindo TV no final da noite.

— Sim.

— Não parece. – Fez-se silêncio. – É por causa de Elizabeth?

Olhei surpreso com sua pergunta.

— Cara, ficou meio evidente os olhares dela para você. – Ele deu de ombros com o rosto franzido. – E eu desconfiei de suas escapadas durante a noite.

— Ela me beijou. – Confessei.

— *Uol!* – Clark se virou no sofá me olhando com um sorriso no rosto.

— Por que essa cara?

— Por quê? Cara ela é uma pessoa e tanto, você correspondeu certo?

Fiquei em silêncio novamente.

— Não me diz que você foi rude com ela?

— Não fui rude *tá* legal, eu não consegui. Não consegui!

Minha voz ecoou pela casa vazia, estávamos apenas nos dois, meu pai não tinha retornado conosco e a Sra. Macley tinha saído.

— Como assim? Você não gosta dela?

— Sim, mas não é certo.

— Mason, você está de luto há dois anos, Natali não iria querer você eternamente amarrado a ela, se ela era tudo que você me contou ela quer você feliz.

Engoli em seco, ele estava certo eu não estava traindo Natali, mas e se depois da minha rejeição Lis não quisesse mais saber de mim?

— Você precisa falar com Lis sobre isso, não deixe uma mulher boa como ela fugir, onde mais você encontraria alguém que te aguento meu amigo?

Clark bateu em meu ombro de brincadeira rindo quando fiz uma careta para ele.

A noite foi passando.

Sentei no meio do meu quarto olhando o pequeno arvoredo que tinha depois dos limites de meu gramado. Na verdade, não estava realmente observando as árvores, estava mais pensando numa maneira de pedir desculpas para Lis. Pessoas como ela, cheia de vida não mereciam um fardo desses sobre seus ombros.

E pessoas como eu não mereciam pessoas como Natali ou Elizabeth.

Mas Lis, o beijo, seu toque em meu rosto, suas mãos passando

delicadamente em meu pescoço... Aquilo era perfeito de maneiras difíceis de admitir, mas era bom. Muito bom.



Na quarta-feira acordei bem cedo, tomei banho e sentei-me à mesa do café sem ninguém me chamar, Clark sorriu vendo que estava disposto, na verdade, eu estava ansioso para vê-la.

E quando ela cruzou minha visão deixando sua bolsa no canto da sala de estar, sorrindo para nós eu me senti mais quente, quando ela estava presente a dor de perder duas pessoas essenciais em minha vida, e o fato de ter perdido meus movimentos doíam menos, eu conseguia respirar melhor.

— Vamos Mason, você está distraído hoje.

— Estou tentando. – resmunguei, rangi meus dentes fazendo o exercício que ela me ajudava, meus braços tremiam devido ao esforço.

— Mais uma vez, força Mason. Um, dois, três.

— Está bom, meu braço está dolorido.

Lis me ignorou, continuou os exercícios mesmo eu reclamando que estava cansado.

Ela estava quieta, conversou comigo sobre nossas sessões e só, não abriu a boca sobre o que tinha acontecido, era como se não tivesse acontecido na verdade.

Droga!

— Você está bem? – observei o vinco que estava presente entre suas sobrancelhas.

— Tudo bem.

Dei um sorriso falso.

— Por hoje está bom, seus movimentos e reflexos estão melhores.

Sai da cadeira que ela sempre colocava para os exercícios e volto para minha, sei que ela me olha, mas quando termino de sentar em minha cadeira de rodas ela desviou o rosto, aos poucos vai recolhendo suas ferramentas de trabalho.

— Você está zangada comigo? – Pergunto gentilmente. – Por causa daquela noite?

— Não. – Suspiro. – Estou apenas cansada, não dormi direito noite passada, apenas isso.

— Tem certeza Lis?

— Absoluta Mason. Não tinha motivo não é, afinal foi como você disse, não devia acontecer.

Desvio o olhar para longe, desapontado com suas palavras. O que eu queria também? Lisa é uma mulher linda ela não iria esperar alguém como eu. Deve ter homens caindo aos montes aos seus pés.

— Lis. – Chamo-a de volta.

Ela se vira parando alguns passos da porta.

— Tem um lugar que gostaria de ir amanhã, você iria comigo?

Vejo a confusão em seu rosto e depois ela sorri. – Claro.

— Obrigado. – minha voz sai rouca.

— Até mais, Mason.

— Até. – sussurro vendo-a partir.

Capítulo 16

Lisa Hope

Ver Mason, estar perto dele sentindo seu perfume foi difícil, mais difícil ainda, fazer de conta que nada aconteceu.

Na quinta-feira de manhã eu refiz toda minha rotina, passei no trabalho de Lanie para tomar um café e fui para casa dele, Clark tinha tirado o dia de folga e o Sr. Lennox também não estaria. Seria apenas eu e ele.

— Bom dia, Mason. — cumprimentei assim que entrei no casarão e cruzei com ele na sala de jantar.

— Bom dia, Lis.

Sento na sala de estar prestando atenção no noticiário enquanto Mason termina seu café. Não sei quanto tempo se passa, mas um barulho alto chama minha atenção para o corredor que leva ao quarto de Mason, corro até lá chamando por ele, vou até a varanda não encontrando ninguém, o quarto continua normal.

—Mason?

— Aqui! — Escuto sua voz fraca seguida de um gemido.

Corro para o banheiro encontrando ele caído no chão com a cadeira em cima dele.

— Mason! Onde está com a cabeça? — Solto.

— Eu escorreguei quando fui trocar de cadeira.

Tiro a cadeira de suas pernas, mantendo o peso dele sobre meu corpo, Mason me ajuda na maior parte do tempo, ajudo ele a se sentar na cadeira para banho só então me permitindo uma olhada para seu corpo seminu. Respiro fundo forçando meus olhos a não seguirem seu abdômen e a linha de pelos grossos na beirada da cueca. Assim como desvio quando eles vão para

as coxas grossas e peludas de Mason. Quando meu olhar encontra o seu vejo que ele está se divertindo com isso.

— Você precisa tomar cuidado. – Digo como se isso não importasse, como se não tivesse olhado todo seu corpo com cobiça.

— Você poderia me ajudar no banho?

Olho surpresa para ele. – Como assim?

— Sabe água, sabão. – Ele sorri. – Vou estar de cueca.

— Sério? Pensei que tomava banho de lama? – Ironizei.

Ele soltou uma gargalhada alta. Indicando para o chuveiro. Mason ficou esperando uma reação minha.

Ligo o chuveiro vendo a temperatura, a água caia sobre seus ombros largos. Mason fechou o olho deixando a água molhar seu cabelo, seu peitoral. Deus! O que estou fazendo aqui?

— Clark sempre faz isso em você? – perguntei.

Ele soltou uma risada ainda de olhos fechados. Foi o que pensei, não sei qual o plano de Mason, mas ele está destruindo meu autocontrole e tudo que planejei enquanto voltava para Corning.

Respiro fundo me aproximando mais dele, ensaboo seu peitoral com cuidado, não como se tivesse com medo de machucá-lo, mas sim de agarrar seu pescoço e me pendurar ali.

Cuido de seus braços enquanto Mason passa sabão nas pernas, coloco um pouco de seu shampoo em minhas mãos massageando seus cabelos, me permito olhar seu rosto já que ele continua com olhos fechados, como seria se ele raspasse essa barba de caminhoneiro, se cortasse um pouco seus cabelos?

Tiro o sabão limpando sua testa para que não caia nos olhos e estremeço sentindo suas mãos em minha cintura.

— Você está se molhando inteira. – Sua voz rouca e seu olhar me prende.

— Tenho outra roupa na bolsa.

Um sorriso se apossa de seus lábios e ele me puxa para seu colo, sei que meus olhos estão arregalados, surpresos com sua atitude, suas mãos seguram minha cintura com firmeza como se eu tivesse intenção de levantar, porém tudo que não passa na minha cabeça é isso, levantar.

Mason não diz nada, seus olhos continuam colados nos meus, sua mão subiu em minhas costas com delicadeza, assim como o arrepio que preencheu minha coluna. Sua língua invade minha boca, fazendo um gemido escapar de minha garganta, seus dedos me prendiam como se eu não tivesse mais ossos, como se fosse apenas um monte de gelatina, toda derretida por ele.

Ele afastou afagando meu rosto com delicadeza, soltamos um suspiro juntos.

— Quero levá-la para um lugar.

— Que lugar seria esse? – Fico de pé sentindo minhas pernas fracas.

— Termine seu banho nos encontramos no quarto.

Ele joga mais um pouco de água em si e sai sem problema nenhum do grandioso Box, pega uma toalha se seca o suficiente para sair da cadeira de banho e sentar na sua, e saindo do banheiro, sem nenhuma dificuldade, mostrando que tudo foi um fingimento para me ter aqui.

Eu poderia estar brava por ele ter planejado isso, mas não estou, e também não estou assim tão maluca de desejo por esse homem para começar a inventar pretextos para cair sentada no colo dele. Dessa vez ele que me puxou...

Capítulo 17

Lisa Hope

Quando saiu do banheiro vestindo a roupa que Mason colocou gentilmente no chão da porta. Noto que ele não está no quarto, ando pela casa vazia encontrando-o na saleta.

— Obrigada pelas roupas.

— Achei que você precisaria.

Corto o silêncio que se instala entre nós, — Você disse que queria sair?

— Sim, se estiver pronta podemos ir agora mesmo. — Os olhos de Mason estão melancólicos.

— Vou buscar o carro. — Anuncio.

— Não precisa Lis, podemos ir caminhando.

Fora da grande casa estava frio, mas não de modo desagradável, apenas um vento gélido passava por nós enquanto caminhávamos, Mason apontou a direção e seguimos em silêncio. Ajudei-o com alguns obstáculos que apareceram no caminho, sentindo realmente vergonha sobre a humanidade.

No dia a dia não víamos problemas com buracos os postes no meio de calçadas curtas, mais olhando da perspectiva do cadeirante, imagina como seria frustrante isso?

Como ainda estava cedo para os moradores locais, alguns ainda estavam na frente de suas casas fofocando sobre a vida alheia. E claro que Mason o recluso da cidade e a forasteira seriam um prato cheio para o jantar e ligações entre as vizinhas linguarudas.

— Você não mentiu sobre a enorme curiosidade dos moradores locais. – Mason sussurrou para mim.

— Ah, você ainda não viu nada. – Disse rindo, cheguei mais perto do seu ouvido. – Com certeza seremos o prato principal na refeição de hoje, o recluso e a forasteira.

Mason soltou uma gargalhada alta e rouca, atraindo ainda mais atenção para nós, algumas senhoras bondosas se viraram fofocando entre elas.

E meu Deus, o que era essa risada? Ela reverberava por dentro do meu corpo.

— É assim que sou visto? “O recluso”?

Dei de ombros concordando com a cabeça.

Mason continuava de bom humor, comentando aqui e ali sobre algum assunto sem nexos, quando entramos na rua de minha casa eu parei um pouco não entendendo para onde estávamos indo.

— Mason, aonde você quer ir?

— É logo na frente, apenas alguns quarteirões. Estamos quase chegando.



Mason parou com sua cadeira em frente de um balanço amarrado em uma grande árvore, mais à frente ficava um pequeno riacho. Além do pequeno riacho as árvores ficavam mais juntas formando um bosque escuro, onde as crianças adoravam brincar.

— Eu já tinha vindo algumas vezes para Corning. – Contou Mason, ele foi até balanço, seus dedos roçaram a madeira envelhecida amarrada por duas cordas grossas. – Vinha aqui com Ever e Natali.

Senti um bolo em meu estômago. Ele virou a cadeira em minha direção, seu semblante estava calmo, mas os olhos longes, como se tivessem

perdidos em lembranças.

Sentei ao lado dele na grama molhada pela umidade constante que tinha aqui. Mason sorriu para mim e eu acabei retribuindo.

— Os pais de Natali moram aqui, por isso logo descobrimos esse riacho e acabou sendo o lugar que vinha quando queria um momento para mim. E... depois de tudo, quando vim para cá eu sentia raiva de tudo, raiva por ter uma vida perfeita e perdê-la. Raiva por meu pai me tratar como uma criança, raiva dos meus sogros, quando nos encontramos aquela noite na rua eu estava vindo para esse lugar.

Mason fez uma pausa.

Fale mais, por favor! Ele estava se abrindo.

— Sonhei com Natali, aquilo me perturbou tanto que eu praticamente fugi até aqui. E no meio dessas árvores, com o som da água seguindo seu curso eu me senti melhor. Consegui respirar.

— Sempre acreditei que a vida era como a maré, uma eterna inconstância, temos que a seguir da melhor forma.

— Eu estou feliz por ter encontrado você nessa cidade Lis.

Ficamos em silêncio olhando as folhas rolando no chão, outras caindo no riacho sumindo de vista.

— Liz? – Mason me olhava sério.

— O que foi?

— Por que você mora em Corning? Clark me contou que você é de Nova York, sobre seu emprego... Por que largou tudo e veio para cá?

— Eu precisava de um tempo para mim, precisava sair um pouco da loucura que minha vida era.

Tocar naquele assunto me entristeceu um pouco, eu amava minha mãe, mas o fato de vários homens parecerem e sumirem de vista me enchia, fora os constantes sumiços dela o que fazia largar meu emprego e sair a sua

procura.

— Vir para Corning, criar uma nova oportunidade, uma vida melhor até mesmo de calmaria me animou, mesmo eu deixando minhas crianças, estou feliz aqui. – Deu de ombros.

Mason me olhava com compaixão como se visse o que eu dizia, como se visse minha alma.

— Fui intrometido? – perguntou.

— Não, é apenas uma coisa que não comento.

Mason passou a mão pelo cabelo com um sorriso no rosto. O barulho do seu telefone interrompeu nossa troca de sorrisos e olhares.

— Fala. – Ele escutou por alguns segundos. – Estou por perto, logo estarei em casa.

Guardou o celular no bolso da calça. – Precisamos ir.

Fiquei de pé limpando o rastro das folhas que grudaram em meu jeans. – Obrigada por me trazer aqui, gostei de conhecer.

— Eu que preciso agradecer, foi bom estar aqui com você, Lis.

No meio do caminho de volta Mason segurou uma das minhas mãos entrelaçando de leve nossos dedos e ficamos assim até avistar os grandes portões do casarão.

— *Mason. – murmurei, ofegante. Minha respiração estava acelerada.*

Ele passava as mãos pela minha barriga.

— *Eu quero chupá-la como a fruta mais doce. – ele passou a língua pelo interior de minhas coxas. Senti meu corpo estremecer lentamente quando senti seu hálito batendo em minha pele.*

Mason estava em sua cadeira de rodas, encostado na lateral da cama, meus pés apoiados em cada lado de seu corpo deixando ele com

espaço privilegiado ao meu corpo.

— *Mason...*

— *Você é linda, como eu quero você.*

Gemi segurando com firmeza o lençol.

— *Desça, quero sentir seu corpo deslizando sobre o meu, quero tomá-la para mim.*

Seus olhos acompanharam meus movimentos, adorando e desejando meu corpo, nossos corpos estavam pegando fogo, minhas mãos seguravam, instigando seu membro. Eu o queria, ele me queria, nenhum de nós dois conseguiu lutar contra nosso desejo.

Ergui-me um pouco o colocando na posição certa, Mason beijava e mordida meu pescoço, meus seios, tomando-os na boca, deixando-me ainda mais louca.

— Lis? Lis... Elizabeth. – Mason me acordou no mesmo instante que descia sobre seu pau.

— Puta merda!

— Você está bem? – Vi preocupação e divertimento em seus olhos.

Deus o que eu havia falado enquanto dormia? Olhei para os lados vendo que ainda estava na sala de TV, os créditos do filme que assistíamos com Clark estava passando na tela. Olhei procurando por Clark, mas ele não estava presente.

— Você estava gemendo... – Mason sussurrou – E me chamando.

— Eu... preciso ir... – Levantei como se tivesse tomado um choque.

Merda, merda, mil vezes merda.

— Preciso ir, até mais!

— Lisa! – Escutei Mason me chamando aos risos quando corria pelo corredor, bati a porta e corri ainda mais até chegar ao meu carro.

Desabei no banco do carro, me sentindo reconfortada pelo frio do banco de couro.

Maldito Mason. Maldito sonho com Mason Lennox.

Capítulo 18

Mason Lennox

Foi engraçado ver como Lis ficou toda envergonhada quando acordou de seu sonho, minha curiosidade estava a mil, eu queria tanto perguntar o que ela estava sonhando, mas quando vi suas bochechas ficarem rosadas, seus olhos arregalados e ela sair correndo de minha casa. Sabia que ela não me falaria nada sobre o sonho.

— Vejo que você anda de bom humor. – Clark comentou na manhã seguinte quando entrou em meu quarto.

— Sim, porém não abuse da sorte. – Brinquei.

Clark gargalhou erguendo a mão em rendição.

— Eu queria questionar uma coisa com você.

Ele parou de ajeitar as coisas e sentou no pé da cama com olhar preocupado. – Manda cara, o que você precisa?

— Você acha que posso ter relação sexual normalmente?

Clark tentava conter sua expressão de surpresa, mas não estava tendo muito sucesso.

— Fale de uma vez! – Esbravejei.

— Claro, sabe das limitações. – Ele deu de ombros. – Mas você pode fazer como qualquer pessoa, Mason.

— Você tem alguma coisa que queira me contar?

— Não. – Respondi rapidamente. – Só tive essa curiosidade hoje pela manhã.

— Entendo, você pode falar com o Dr. Nadil, ele pode tirar suas dúvidas.

— É, talvez ligue para ele mais tarde.

Deixei Clark falando sobre uma menina que trabalhava no café, sobre o quanto encontro deles foi maluco. Entrei no banheiro já sentado na cadeira de banho, parei em frente ao espelho de corpo todo, eu geralmente odiava passar por ele, mas hoje algo chamou minha atenção.

Minha barba estava grande, tomando meu rosto como se fosse o Primo *ITT* da Família Addams. Encontrei as lâminas de barbear e o creme na gaveta, era hora de me livrar daquilo. Trabalhei em silêncio, tirando dois anos de pelos do meu rosto, estava tão acostumado a me ver com barba que a cada pedaço de pele sem, estranhava.

Lavei tudo, parando em frente ao espelho olhando o resultado.

Capítulo 19

Lisa Hope

Depois de ter um sonho para lá de quente enquanto estava vendo um filme na casa de Mason eu sai correndo. Como fui ter um sonho erótico na presença dele?

—... Você escutou o que eu disse?

— Desculpa, ainda não acordei. – Brinquei tomando um gole do meu café.

— Amiga, você está pior que meu irmão pensando na bibliotecária. – Lanie soltou uma de suas risadas escandalosas.

— Deve ser porque anda passando muito tempo com o recluso?

Olhei para Petrus, engolindo o nó em minha garganta.

— Minha mãe vai se casar. – Anunciei.

— Jesus Liza, foi por isso que você foi para Nova York?

Pronto a distração estava feita.

— Sim... – Mais um gole de café e uma pequena consultada no relógio. – Minha mãe vai se casar. E soltou tudo entre um café e um pãozinho com manteiga.

— *Eita* caipirinha.

— Cala boca Petrus, você não tem que trabalhar, não?

Petrus soltou uma risada alta. – Olha quem fala né maninha.

Olhei mais uma vez para o relógio, Clark tinha me avisado que poderia tirar a manhã de folga. No fundo eu agradei, ainda me sentia

envergonhada pelo sonho que tive, ainda mais por Mason ter falado que eu chamei por ele enquanto dormia.

Por isso tinha dirigido no frio que amanheceu hoje até o café que Lanie trabalhava, mas nem meus amigos estavam me distraindo.

— Como você está aceitando isso amiga?

Dei de ombros, — Quero ela bem, espero que eles fiquem bem.

— Sua mãe pode ter criado juízo agora Liza, quem sabe ela não tenha encontrado alguém bom de verdade?

Lanie era a única que sabia do porquê de morar aqui, sabia o motivo que eu tinha para ignorar minha mãe assim como também sabia do motivo para eu ficar irritada com isso.

— Acredito que sim, ele pareceu ser uma boa pessoa.

Da onde estávamos sentados, dava para observar o loirinho atrapalhando-se todo com a máquina de café e um gerente irritado em seu cangote.

— Acho que você deveria retornar para seu trabalho, a menos que quera que o loirinho ali tenha uma das orelhas arrancadas. – Disse apontando levemente com a cabeça.

O caos estava formado na pequena bancada, o loiro estava da cor de um tomate, enquanto Will praticamente espumava pela boca.

— Argh! Por Deus, ninguém sabe mexer nessa máquina! – Lanie falou alto atraindo a atenção para nossa mesa.

— Nos vemos depois, também está na minha hora.

— Até mais caipirinha. – Petrus apoiou os pés na cadeira vaga se divertindo com a confusão que tinha se instalado na cafeteria.

— Passe aqui amanhã, garota!

Fiz um sinal de positivo me lançando no frio.



O frio ficou cortante em poucos minutos, os noticiários anunciaram uma frente fria chegando à cidade, e realmente chegou. Quando me despedi de Lanie e Petrus na frente do café, podia sentir meus dedos das mãos gelados e a ponto de congelarem.

Passava da hora do almoço quando estacionei meu carro na entrada do casarão. As janelas continuavam permitindo a entrada de luz, o que era ótimo, ela deixava de ser um pouco sombria com todas essas cortinas pesadas abertas.

Clark estava sentado na sala de estar com o senhor Lennox, ambos prestando atenção na TV.

— Boa tarde.

— Liza, tudo bem? – Sr. Lennox me cumprimentou educado.

— Sim, obrigada.

— Sente-se Liza, Mason foi tirar uma soneca. – Clark batia no sofá ao seu lado indicando um lugar. – Ele acordou realmente animado hoje.

— Que bom, eu enviei para o médico de Mason os relatórios que andei fazendo sobre seus avanços.

— Ótimo, eu tinha me esquecido completamente.

Sorri olhando para o outro lado, para as amplas janelas com vista para a grama. Mesmo ainda não tendo anoitecido o céu já aparentava estar no meio da noite. As árvores balançavam com os ventos, mostrando que os poucos dias de sol que tivemos, tinham partido por completo.

Sr. Lennox saiu sem que nós percebêssemos, apenas quando me mexi no sofá por estar com o corpo doendo de estar na mesma posição foi que notei que estávamos sozinhos na sala.

— Clark...

Ele piscou olhando para mim.

— O Sr. Lennox, ele não fica muito por aqui, né? — Sussurrei, eu e minha curiosidade.

Clark olhou para o vão das portas francesas, vendo que ninguém vinha para cá.

— Você já deve ter notado que Mason e o pai não se dão muito bem, mas as coisas pioraram quando o Sr. Lennox conheceu uma pessoa.

— Uau, — exclamei. — Mason não aceita a mulher?

— Mason nem conhece, ele deixou bem claro para o pai que não quer ela transitando junto com ele.

Desviei um pouco os olhos. — Mason não é muito ligado a recomeço.

Isso era uma coisa certa, Mason não aceitava seu pai com outra pessoa por causa de sua mãe que faleceu quando ele ainda era um menino, assim como não se permitia estar comigo por conta da memória da falecida esposa... Elizabeth, Elizabeth onde você está querendo se meter?

Capítulo 20

Mason Lennox

Escuro, escuridão me cercava por todos os lados...

Uma luz de rua se acendeu ao longe, eu sabia que era sonho, pois eu andava... Sem aquela cadeira estúpida ou as muletas que eu me sustentava secretamente quando todos dormiam.

— Papai... Papai... — Escutei com lágrimas nos olhos o gritinho da minha pequena.

— Ever?

— Papai, vem me encontrar.

Segui apressado o som de sua voz, olhei para a casa escura com a porta aberta reconhecendo nossa antiga casa. Subi os degraus que rangeram com meu peso, na frente um amontoado de cartas tinha se acumulado com o tempo. As flores que Natali amava cuidar estavam mortas, suas folhas caídas pela varanda.

— Papai, estou esperando!

Atravessei a porta da frente vendo a casa que passei os melhores anos de minha vida, agora abandonada. Os móveis repletos de uma camada espessa de poeira, a poltrona branca que Natali usava para escrever seus projetos estava suja pela poeira e o descaso.

— Papai, encontrei você!

Olhei em direção a escada vendo Ever em uma de suas fantasias de princesa, a coroa torta na cabeça.

— Oi meu amor.

Mesmo chegando ao primeiro degrau eu evitava encostar ou chegar muito perto, mesmo sendo um sonho eu aprendi que não poderia tocá-la, só o

simples ato de passar a mão por seus cachinhos já me fazia acordar e elas sumirem.

— Você sentiu saudade de nossa casinha papai? — Ever desceu saltitante alguns degraus, ficando mais perto de mim.

— Muita, meu anjinho.

Passei a mão pelo rosto tirando as lágrimas que caiam.

— O tio Toddy e os outros ainda veem aqui.

Sentime mal por meus amigos, eu evitava contato com eles, quando fui embora para Corning não deixei nenhum rastro de onde estaria.

— Papai, eu gosto daquela moça...

Voltei meus olhos para ela. — Moça?

— Ai paizinho, aquela que gosta de livros e manda você ir para um lugar feio em pensamento.

Ever colocou as mãozinhas na boca tampando sua risada.

— Lis?

— Ela é bonita e gosta do senhor. — Confessou.

Ela dava pequenos pulinhos nos degraus, chegando perto de onde estava parado e voltando para o topo da escada.

— Sinto falta de vocês.

— Papai, sempre estaremos com você, mas mamãe disse que precisamos ir.

Ever fez um biquinho contrariado.

— Eu não quero que vocês vão, não... De maneira nenhuma minha pequena.

— Mas ela está certa, sabe papai... — Ever deu de ombros — Nós não podemos ficar visitando você em sonhos e você precisa realmente dar uma

chance para Elizabeth.

— Como você pode saber tudo isso? — Perguntei assustado. — Você é apenas meu bebezinho.

— Papai, eu aprendo onde estou, aprendi e observei que Liza é uma boa pessoa, gosta mesmo de você papai, assim como você deveria retomar sua vida.

— Ever... Eu...

Ela sorriu olhando para cima, como se algo tivesse chamado sua atenção.

— Ever!

— Tem alguém te chamando papai, hora de dizer tchau.

— Ever, não... Eu quero ver você e sua mãe... Por favor, não me abandone! — Gritei em sonho.

A imagem dela foi ficando fosca, sumindo aos poucos como tudo em minha volta, sentia alguém me sacudindo e chamando meu nome. Sentia o suor escorrer em minha testa.

— Mason! Acorde, acorde.

Abri os olhos vendo o rosto de Lisa e Clark preocupados, olhando sérios para mim.

Minha garganta estava fechada, sentia meu corpo frio e eu tremia.

O quarto estava escuro, as cortinas estavam fechadas, por isso não dava para ver se ainda era dia ou noite, eu só sabia que depois desse sonho me senti como se tivesse dormido por uns dois meses. Meu corpo estava pesado, formigando de maneira desagradável.

Esperei que meus olhos se adaptassem a escuridão. Lis estava mais próxima de mim, seus olhos levemente arregalados. Ela passou a mão por minha testa tirando os cabelos grudados pelo suor.

NACIONAIS-ACHERON

— Você está bem, cara? — Clark estava voltando do banheiro com uma toalha de rosto. — Você estava gritando e se debatendo.

— Eu... Estou bem. — Minha voz saiu rouca pelo tempo sem uso.

— Mason você está suando e está quente. — Lis colocou o pano em minha testa, forçando minha cabeça contra os travesseiros.

— Onde tem um termômetro?

— Na cômoda, segunda gaveta Lisa.

— Eu estou bem, tive apenas um sonho. — Resmunguei.

Não queria que ninguém soubesse sobre meus sonhos, isso era algo meu, e, não dividiria com ninguém. Seria mais um motivo para me chamarem de louco ou dizer que precisava procurar um psicólogo. E muito menos revelar isso na frente de Lis.

Lis agiu de maneira ágil e delicada mesmo eu tendo estremecido com o toque gelado de sua mão em meu peito. Tanto ela como Clark ficaram me encarando como se tivesse vendo um alienígena.

— Preciso mudar de posição.

— Você está sentindo algo? — Lis estava preocupada, eu via em seu semblante.

— Não apenas quero me sentar um pouco.

— Deixa que eu assumo Lisa, esse carinho é pesado. — Clark veio para meu lado, já ajudando com os travesseiros e o protetor que usava na coluna.

— Está melhor, obrigado.

O bip do termômetro quebrou o pouco contato visual que eu tinha feito com Lis, ela pediu desculpa quando estremeci de novo sentindo o toque da sua mão.

— Você está com febre, Mason. — Ela pousou de novo a toalha úmida em minha testa. Fazendo seu perfume dançar em volta de mim, me deixando

intoxicado por seu cheiro.

— Vou pegar seus remédios.

Lis ia se afastar de mim quando segurei seu punho. – Fique. – sussurrei.

Ela engoliu em seco, vi sua respiração ficar agitada, mas ela concordou.

Clark voltou com um copo de água e o comprimido em uma das mãos.

— Obrigado. – Disse engolindo metade do conteúdo do copo.

— Vou pedir para Sra. Macley preparar algo leve para você.

Ele olhou para Lis, como se perguntasse silenciosamente se ela o acompanharia.

— Eu... – Ela engoliu em seco novamente. – Eu vou ficar aqui com Mason, depois vou embora.

Clark deu um sorriso para nós entendendo meu pedido silencioso.

Nos deixe a sós.

— Obrigado, por ficar comigo.

— Não precisa agradecer, como você se sente?

Ah, como eu adorava essas sardinhas, esses seus cabelos rebeldes fugindo do elástico, caindo em alguns cachos por seu rosto.

— Estou melhor.

Lis ficou de pé, ajeitando as cobertas em minha volta. Caminhou até a porta que dava para a varanda.

— Que horas são?

Ela olhou para o pequeno pulso, para seu relógio velho de couro. – Já passa das cinco.

NACIONAIS-ACHERON

— Eu dormi tudo isso?

— Clark comentou que você estava bastante animado durante a manhã.

Soltei uma risada baixa. Realmente eu me sentia animado pela manhã, mas agora estava cansado, mexido por dentro com a aparição de minha filha em meus sonhos. Eu queria desabafar sobre isso com alguém, com Lis, mas não queria magoá-la com essa história, não queria que ela pensasse que eu não conseguia me desgrudar do passado, ou recomeçar. Por que no fundo eu queria... Apenas não sabia como seguir.

Capítulo 21

Lisa Hope

O grito agudo de Mason dominou toda casa, não esperei para ver se Clark estava atrás de mim, apenas corri em direção ao seu quarto. Apesar da completa escuridão eu consegui conter seu corpo, evitando que ele ficasse se debatendo.

Mason estava frio, suas mãos geladas e suadas. Ele parecia frágil e como eu queria protegê-lo do que estava perturbando-o. Quando ele pediu para que ficasse ao seu lado algo em meu peito aqueceu, Mason fechou os olhos e durante um tempo fiquei apenas olhando para seu rosto.

Ele tinha feito a barba!

Como não tinha reparado nisso? Seu rosto quadrado sem a barba grande o deixava mais novo e bonito, senti meus dedos coçando para passar a mão por todo seu rosto, sentindo se a maciez que eu via era real.

Fechei as mãos em punho contendo meu desejo enlouquecido dentro de mim. Seu peito subia e descia sobre a camiseta, sua boca entreaberta como se ele estivesse finalmente relaxado.

Clark entrou trazendo consigo uma bandeja com chá e bolachas.

— Você tem que comer algo, o remédio pode deixá-lo sonolento.

Afastei-me da ponta da cama ocupando a grande poltrona no canto oposto, onde estava a cadeira de Mason.

— Certo cara, coma, eu vou estar no meu quarto se precisar de mim pode me chamar. — Disse ele.

— Não vou precisar, estou bem. — Mason olhou em minha direção. — Você pode ficar comigo essa noite?

“Não” era a resposta correta, afinal eu era apenas sua fisioterapeuta.

Mas o que saiu de minha boca foi bem diferente e fez surgir um pequeno e encantador sorriso nos lábios de Mason.

— Sim, posso ficar.

— *Tá certo, qualquer coisa Lisa, me chame.* – Clark parou ao lado da porta. – Eu fico no corredor ao lado da cozinha.

— *Tá bom, eu acho que dou conta.*

Outro sorriso de Mason.



Depois que Clark saiu, o silêncio tomou o quarto, Mason me encarava, ou simplesmente ficava de olhos fechados. Até o zunido do aquecedor interrompiam meus pensamentos.

E percebi que mesmo no silêncio, ou apenas nos olhando e sorrindo de vez em quando, gostava disso, gostava de estar ali, perto de Mason olhando sua respiração lenta fazer seu peito subir e descer, admirar infinitas vezes seu rosto.

— Lis?

— Sim?

— Deite aqui ao meu lado.

Olhei surpresa com seu pedido.

— Estou bem aqui, não se preocupe. – Sussurrei.

Ele ergueu uma das sobrancelhas. – Venha.

Larguei meu lugar na poltrona e caminhei em direção a cama, tirei os sapatos e me deitei meio sem jeito ao seu lado debaixo das cobertas. Mason pegou minha mão por baixo do coberto, unindo-as.

Existem horas normais e momentos inúteis, na qual o tempo parece longo demais. E o silêncio precisava ser quebrado.

— Você fez a barba. — Soltei num sussurro.

Olhei pelo canto do olho aquele homem repleto de camadas, os lábios grossos, os olhos irritantemente lindos.

— Não quero parecer a fera.

Sorri sentando meio de lado, para olhar melhor seu rosto. O que infelizmente afastou nossas mãos. — Você fica bem sem barba, mas... Eu também gostava da barba de caminhoneiro.

Mason sorriu, seus olhos fixos nos meus.

— Obrigado.

Não sei se foi à boca dele ou a minha que tomou o primeiro passo, mas elas se encontraram. Não foi um beijo propriamente dito, apenas fiquei ali, sentindo a maciez de sua boca. Às vezes Mason entreabria os lábios o que dava mais força para minha atitude de passar levemente a língua pelos seus, sentindo seu gosto. Guardando no fundo da memória seu cheiro tão perto de mim.

Quando abri meus olhos ele me encarava, aqueles olhos sombrios. E bem ali no fundinho, jurava que havia um pouquinho de vida.

Capítulo 22

Mason Lennox

Elizabeth era uma mulher encantadora. Capaz de deixar um homem hipnotizado por seu jeito simples, mesmo conhecendo muito pouco, da profissional dedicada que ela era.

E aí estava, eu queria conhecê-la, como também queria que ela me conhecesse. Não Mason, “o cadeirante”. E, sim Mason, o cara que era cheio de vida e adorava vivê-la.

Que amava seus amigos, gostava do seu trabalho. Até admirava as paqueradas que algumas mulheres lançavam. Mas sobre tudo aquele cara que ele próprio não conseguia ver por um bom tempo no espelho, um cara que não era marcado por uma fatalidade, um cara que com certeza enfrentaria qualquer obstáculo com sorriso no rosto. Esse sim era Mason Lennox.

A alma de Lis era pura, e a minha, devastada.

Será que seria possível se refazer ou deixar alguém ultrapassar as barreiras?

Depois de nosso pequeno beijo, puxei Lis para meu peito, eu precisava disso, precisava de vida, de esperança. De recomeço.

Natali sempre seria a pessoa que eu mais amei na vida, a pessoa que me deu a melhor coisa que poderia sonhar. Mas quando Lis estava por perto, ou comigo, doía menos, o passado não era tão doloroso.

E, principalmente eu não me sentia sozinho.

Segurei a mão que Lis apoiava sobre meu peito, ela ergueu o olhar.

— Lis, posso fazer uma pergunta?

Ela concordou com a cabeça, voltando a deitar sobre meu peito.

— Porque você veio para cá, sei que tinha uma carreira promissora em Nova York, mas... – Deixei minha pergunta morrer em minha boca.

Ela suspirou, continuou calada até se sentar de frente para mim.

— Minha mãe não aceitou muito bem o término do casamento. Quem aceitaria, ser trocada pela secretária *piranha* do trabalho? – Ela voltou a suspirar e esperei paciente para que continuasse.

— Depois de alguns anos, minha mãe decidiu que não ficaria mais em um relacionamento, na verdade, eu acho que o mais longo que chegou a um foram dois dias. Mesmo eu passando minhas horas entre faculdade, estágio eu ainda tinha que me preocupar com ela. Sair do trabalho porque ela não tinha voltado para casa, e eu não sabia o que o novo namorado poderia ter feito.

Passei a mão por seu rosto, suavizando a ruga que se formou entre as sobrancelhas.

— Eu queria um tempo para mim, precisava sair, deixar que ela percebesse que não estaria sempre disponível para ela.

— Eu sinto muito por isso, você não tem contato com seu pai?

— Não, nem sei se está vivo.

— Depois que tudo aconteceu, eu fugi, de todos, amigos, trabalho, meu pai. Em partes porque eles queriam dar o típico consolo e eu não queria acreditar que depois de tudo merecia isso, na verdade ainda não acredito. – sussurrei.

— Talvez você devesse procurar por eles, sempre é bom ter pessoas que se importam de verdade conosco.

— Talvez, um dia.

Lis passou os dedos finos pelo meu cabelo, dando um arrepio gostoso pelo meu corpo, algo que muito tempo não sentia.

— Sabe, você não precisa estar bem todos os dias. São os dias ruins que tornam os dias bons tão especiais..., Mas, você precisa permitir que eles

venham e quem sabe eles fiquem.

Olhei no fundo de seus olhos, minha mão foi para seu queixo, segurando-o de levinho.

— Me beija. – Sussurrei.

Ela hesitou.

— Mason...

— Me beija, Elizabeth. – pedi de novo.

— Se eu te beijar não vou ter força o bastante para parar.

Puxei seu rosto para mim, sentindo sua respiração bater em meu rosto. Passei a ponta da língua em sua boca, Lis correspondeu abrindo-a com um suspiro.

— Me bei...

Não terminei, Liz agarrou meu rosto colando no seu, nossas bocas unidas e se misturando de forma deliciosa. E, lá estava o desejo queimando minhas veias como pólvora.

Sua boca explorava cada pedaço da minha, tornando tudo real. Meus dedos deslizaram por seus ombros, agarrando sua cintura, enrolando em seus cabelos cor de ferro. Puxando sua boca para a minha, trazendo mais de seu corpo para o meu. Não imaginava que mesmo não tendo um coração, poderia sentir as emoções que corriam pelas minhas veias...

Capítulo 23

Lisa Hope

E agora meu coração está pronto para explodir Porque eu, eu sinto que estou pronta para o amor E eu quero ser seu tudo e mais Mas eu só quero que você não se esqueça Que eu sou sua (Yours – Ella Henderson)

Mason...

Ele é a melhor coisa do mundo... Inclinei a cabeça para trás quando sua boca foi para meu pescoço, suas mãos agarradas em meus cabelos.

— Mason... – Gemi. Coloquei as mãos por dentro de sua camisa tirando seu protetor, sentindo o peitoral, os pelos na altura do umbigo e no peito... Deus, ele tinha todo esse corpo escondido...

Nossos lábios se afastaram, ele me olhava duro. Por um momento eu acreditei que ele fosse regredir, e voltar a se trancar por suas camadas de dor e revolta.

— Diga Lis...

Eu olhei para seu rosto, analisando como proceder.

— Diga que me quer...

Sua voz estava trêmula, conseguia ouvir receio por trás da voz rouca. Mas também notei um sopro de esperança. E eu queria aquilo, esperança... esperanças para nós dois.

— Eu quero você, a cada dia, a cada maldita hora que entrei nessa casa, ou quando você taca pedras em minha janela.

— Mas eu não sei se consigo. – Ele olhou para seu corpo, como se fosse quebrado, como se não fosse mais útil por estar em uma cadeira de rodas. – Se eu falhar?

NACIONAIS-ACHERON

Dei um beijinho de leve em sua bochecha. – Aí dormiremos de conchinha.

— Me deixe entrar em sua vida, mostre seu lado mais feio, mostra para mim o que você esconde tanto. Mostra onde dói. – Coloquei a mão sobre seu coração sentindo as batidas fortes em meus dedos. – Mostre-me seu amor.

O beijo começa tenso, sinto cada fibra de Mason tensa com o que pode acontecer. Seu beijo vai ficando confiante, tomando minha boca aos poucos.

Traço de volta o caminho por sua camiseta, Mason permite que a retire. Espalho pequenos beijos por seu pescoço, ombros, braços. Notando pela primeira vez pequenas cicatrizes do que ficou como lembrança do terrível dia do acidente.

Mason toma coragem tirando meu moletom, deixando-me de sutiã.

Escuto sua respiração ofegante, ambos estamos descobrindo algo novo, invadindo uma zona fora do limite, fora do conforto. Ele me lança um olhar esfomeado antes de destravar o fecho frontal da lingerie e tomar um de meus seios na boca, fazendo-me arfar.

Meu corpo se contorce com a eletricidade que passa por ele, deixando tudo sensível. Sei de suas condições, mas mesmo assim vejo que ele não está com dificuldade em me deitar ao seu lado, jogando um pouco de seu peso em cima de mim.

Sinto sua ereção contra minha coxa, sua boca chupa, beija meu seio como se ele tivesse beijando minha boca. Sensual e ousado, capaz de me fazer explodir como em mil cacos. Mostrando-me um lado seu que me faz suspirar, seu lado faminto, seu lado homem. Um Mason esfomeado por amor, por desejo.

Ele solta meu seio, dando atenção para o outro. Sua língua habilidosa indo de um para o outro, para meu pescoço. Mordendo minha boca.

— Livre-se de suas roupas.

Não espero um segundo pedido, quando ele volta a se acomodar nos travesseiros me livro da calça jeans, da calcinha assim como de minhas meias. Se chegamos ali, não tem porque ter vergonha.

— Posso ajudar você?

— Por favor, Lis!

Mason me ajuda apoiando os braços na cama erguendo seu quadril, não comento que ele está com mais força que geralmente apresenta nas sessões, não quero atrapalhar nosso momento com isso. Apenas livro ele da calça e da cueca, vendo seu membro bater em sua cintura duro e pesado.

Penso em todas as coisas e sonhos eróticos que tive com ele, penso em tudo que quero fazer.

— Lis...

Olha para ele, vendo que ainda tinha um pouco de receio em seus olhos. Sei também para onde os pensamentos de Mason podem estar levando e pelo fato dele ter fugido de minha casa quando sentiu sua ereção. Sei de seu receio.

Muitos homens acham que por serem deficientes não podem mais satisfazer suas mulheres, mas o que eles não sabem é que tudo está na mente. Não quero prolongar o momento...

Mason estendeu o braço abrindo a primeira gaveta do criado-mudo. Tirou um preservativo debaixo de alguns papéis. Ele voltou para sua posição apoiado nos travesseiros com certa dificuldade, me analisando.

— Eu roubei do quarto de Clark. – Confessou.

Ele rasgou, desenrolando a camisinha sempre olhando em meus olhos. Sua mão voltou a acariciar meu rosto, puxando minha boca para a sua.

— Liz...

Passo uma perna sobre seu corpo, ficando em cima de seu membro, a ansiedade domina meu corpo, quero que seja bom, principalmente para Mason. Desço devagar sobre seu membro, ele geme apertando minhas coxas,

sentindo minha entrada úmida abrindo espaço para seu pênis.

— Me avise se você sentir algum tipo de dor. — peço, louca para começar a me mexer.

— Lis, por favor... — ele suplica, suas mãos deslizam para minha bunda apertando-me mais em seu corpo, aumentando mais o contato, forçando seu membro ir mais fundo dentro de mim, o que faz nós dois estremecer.

Seus olhos estavam repletos de desejo, a sombra constante que habitava seu olhar estava fraca, encolhida em algum canto, não atrapalhando nosso momento. Comecei a rebolar, enquanto subia e descia, minhas mãos apoiadas em seus ombros. Mason me ajudava segurando minha cintura, aumentando meus movimentos, entrando e saindo com força, para depois alterar. Entrando com força, sentindo-o todo dentro de mim, para sair devagar.

Eu tremia, meus olhos se fecharam, sentindo tudo em volta desaparecer por completo.

— Não feche seus olhos, olhe para mim, Lis.

Meu corpo estremeceu com força, refletindo em Mason que soltou um gemido baixo. Ele me puxou para um beijo quente. Colando nosso corpo, fazendo nosso movimento ficar ainda mais intenso pela posição, ambos suávamos.

Eu sentia meu corpo a ponto de se despedaçar.

Eu estava a segundos de me entregar por inteira para esse homem sombrio.

— Mason...

Mason intensificou nosso beijo ao mesmo tempo em que apertou mais minha cintura, fazendo meu corpo se chocar no seu, aumentando o ritmo e as estocadas. Gemendo juntos quando nosso corpo desfaleceu no orgasmo. Meu corpo vibrando junto com o seu.

Mason me mantém junto ao seu corpo, nossas respirações se
NACIONAIS-ACHERON

acalmado e por todo o tempo ele passa as mãos em minhas costas, fazendo carinho em meu cabelo.

— Desculpe os apertões. — Ele sussurra em meu ouvido. — Eu perdi o controle.

Sorrio ainda aninhada em cima dele. — Não tem problema.

Ergo-me saindo de cima do seu corpo, sentindo o meu rígido dos apertões, mas em completo êxtase.

Mason retira a camisinha, dá um nó na ponta e coloca entre a cama e o criado-mudo no chão. Estou prestes a vestir minhas roupas quando ele passa sua camisa para mim com um sorriso. Jogo de lado a minha, sentindo sua camisa escorregar pelo meu corpo, deixando o cheiro dele em minha pele.

Naquela noite dormimos nos braços um do outro. Suspirando feliz em entrar no sono profundo...

Capítulo 24

Mason Lennox

A luz entrava pela fina abertura na janela, um tom de cinza estranho, melancólico no mínimo. Sentia uma dor aguda em meu pescoço, percebi que tinha adormecido praticamente sentado com a quantidade de travesseiros.

Olhei para o lado vendo os cabelos alaranjados de Lis espalhados por toda a cama, parecendo labaredas de fogo. Sua boca estava um pouco aberta e ela ressonava. Sorri lembrando nossa noite maluca, se ela não tivesse ao meu lado nesse exato momento eu teria achado que foi um sonho. Eu mesmo não acreditava que certas áreas minhas ainda funcionavam perfeitamente, mesmo sendo um pouco rápido do que eu estava acostumado foi maravilhoso e, ambos não conseguimos protelar o desejo quando finalmente estávamos sem roupa.

Diante de todas as barreiras, mesmo eu não tendo o movimento das pernas, para fazer tudo que queria com o corpo de Lis, eu tinha adquirido bastante força nos braços para ajudar. E, tinha sido uma noite perfeita.

Mas com o nascer do dia, todos os meus receios caíram como bombas em meu colo, e, ao olhar o rosto sereno de Lis deitada em minha cama eu sentia um aperto no peito.

Um banho me faria bem, isso iria ajudar.

Olhei para o quarto vendo que minha cadeira estava longe, olhei de novo para o rosto adormecido de Lis. Deitei com as pernas para fora da cama, fazendo o mesmo processo de rastejar até minha cadeira.

Parei em alguns momentos vendo Lis se remexer na cama, não queria acordá-la. Estava passando pela porta da sacada quando vi uma sombra sumir, mas não levei em consideração. Deveria ser algum pássaro.



— Noite agitada?

Clark estava tomando café quando entrei na sala de estar, a TV como sempre em volume baixo denunciando meus movimentos.

— Um pouco.

Clark soltou uma risadinha baixa.

— Não quero nenhum comentário sobre isso. – Praticamente rosnei como um cachorro para ele.

Clark se virou no sofá olhando para mim. – Você está gostando dela?

— Eu... Acho que sim. – Senti meu rosto esquentar. Eu Mason Lennox estava com vergonha? Isso era novo.

Clark preferiu mudar de assunto. – Como você está se sentindo hoje?

— Me sinto melhor.

Não queria que ele se preocupasse com uma febre à toa, com certeza seria pela mudança de temperatura.

Uma verdadeira tempestade tinha passado por aqui, fui até a varanda olhando o gramado castigado pela chuva, as grandes poças. Deixei meus olhos vagarem, não se fixando em nada, o céu nublado chamava minha atenção e ali, com a mente vazia, a lembrança veio como um soco em meu estômago.

Era uma manhã fria, Natali tinha ficado em casa. Mesmo grávida de sete meses ela continuava todos os dias trabalhando normalmente em sua agência de publicidade.

— Seu café, Max.

Olhei seu rosto redondo pelos quilos adquiridos. Puxei seu corpo

pela cintura dando um beijo na enorme barriga.

Ela sorriu, aquele sorriso cheio de covinhas.

Assim como nossa menina chutou forte sua barriga com minha aproximação...

Voltei ao presente com dor no coração, um peso esmagador em minha alma. Sentia-me mal, mal por Elizabeth ainda deitada em minha cama depois de uma noite perfeita, sentia mal pelas minhas escolhas erradas na vida.

Uma vez me disseram que as coisas tendem a melhorar, mas isso era pura mentira. As coisas não melhoram com o tempo, elas tendem a esfregar na sua cara suas atitudes.

Um livro me ensinou que você poderia lidar com o luto de duas formas, as pessoas que escolhiam a primeira opção tinham tendências a se abrirem com os outros, acolher qualquer tipo de consolo. Já as pessoas que, como eu, que escolhia a segunda opção tinham a tendência a se fecharem contra o mundo, mesmo que você falasse como realmente se sentia as pessoas uma hora cansavam de ouvir, e quando isso acontecia. Você se tornava ainda mais rancoroso. Eu escolhi ser assim, não procurei meus amigos para ter consolo, não aceitei que falassem de como Natali era perfeita e como estava olhando por mim, ou, como minha filha tinha cumprido sua missão na terra. Não!

Eu me fechei e basicamente me isolei de todos e tudo que me lembrasse delas. Ignorei lembranças e me odiava por ver as pessoas vivendo suas vidas, como se tudo não tivesse passado de um pesadelo. Elas morreram! E, até essa manhã, na verdade, a noite de ontem, não tinha percebido que não estava ignorando o fato de perdê-las, mas tinha também percebido que uma parte de mim poderia levá-las comigo e ainda viver como uma pessoa normal, em vez de parecer um zumbi por aí.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 25

Lisa Hope

Se você for embora, tenho certeza que vou sobreviver. Mas, saiba que hoje, em meus sonhos, você vai me envolver...

Quando acordei, Mason não estava no quarto, sentei em silêncio. Enrolada no coberto cobrindo minha nudez, ele também não estava no banheiro. Eu tinha dormido com Mason, parecia um sonho, ninguém fugiu na noite passada, muito pelo contrário. Eu amei Mason até pegar no sono.

E agora? Seríamos Mason e Lisa ou voltaríamos a nos olhar como dois estranhos?

Meu celular tinha novas notificações. Lanie.

Havia três ligações perdidas mais cinco mensagens.

“Onde você está? ”

“Garota é bom você falar onde se meteu, estou parada na sua varanda há um bom tempo”

Lanie

— Bom dia.

Larguei meu celular na cama vendo Mason se aproximar com uma bandeja.

— Bom dia. – Sorri.

Mason cruzou o quarto em sua cadeira, ficou próximo da cama transferindo sem problemas seu corpo para ela. Vi a agilidade que ele fazia isso, e, percebi que ele não estava com dificuldade como falava nas sessões

de fisioterapia.

— Alguém está me enganando todo esse tempo?

Mason deu um sorriso matreiro. – Eu tenho praticado de madrugada.

Outro sorriso.

Olhei a bandeja de café que ele tinha colocado em minha frente, tinha uma xícara de café com leite, morangos cortados e pão com manteiga.

— Desculpe, não sabia ao certo o que você comia.

— Não tem problema está ótimo.

Senti que ambos não sabiam como prosseguir, não sabíamos como abordar o “tal” assunto.

— *“Por montes e vales, vales e montes... Eu os levarei”* – Citei.

Esse era um dos meus graves problemas, em situações constrangedoras ou que não tinha o que falar, citava trechos de livros. Minha mãe dizia que a minha própria cabeça era um livro.

Mason me olhou, seu sorriso apareceu leve pelos lábios. – *“Por todos os montes e vales”*

— Você é realmente um leitor. – Brinquei.

Ele se virou para mim, roubando um morango da minha mão e jogou na própria boca.

Mason estava leve, e eu gostei disso. Era novo.

— *“Duvida que as estrelas sejam chamadas; Duvida que mover-se possa o sol... Duvida que seja verdade seja falso, mas, deste meu amor nunca duvides.”* – Mason citou.

Sorri como uma boba, como se um pote de doces estivesse em minha frente, sorri como uma adolescente.

NACIONAIS-ACHERON

— Hamlet.

— Você conhece clássicos, então.

Dei de ombros ainda sorrindo. – Eu gosto de amores trágicos.

— Pelo menos seu gosto por livros é melhor que música.

Fiz uma careta, o que levou Mason sorrir.

Nossos olhares estavam fixos, — É bom ouvir isso. – Verbalizei meus pensamentos.

— É bom fazer isso. – Mason desviou os olhos de mim, acredito que parte dele se culpava por isso. – parece errado.

Pousei minha mão na dele. Ele olhou para meu gesto, trazendo seu olhar para mim de novo. – Mas não é.

Seu rosto ficou perto do meu, soltei o ar que prendia em meus pulmões, acabando com o espaço entre nós, tomando sua boca para mim. Mason era viciante, assim que comecei a beijá-lo, não queria largá-lo. Minhas mãos voaram para seu pescoço, sumindo na cabeleira macia que ele tinha. E, ele se perdeu alguns instantes em mim.

Meu celular tocou alto pelo quarto quieto, quebrando nosso momento e fazendo Mason se afastar.

— Melhor você atender. – Disse com a testa encostada na minha.

— Deixe tocar. – resmunguei.

— Atenda Elizabeth.

Lis, me chame de Lis.

— Alô. – Minha voz estava estranha por nosso beijo.

— *Até que enfim atendeu garota.* – Lanie praticamente gritava. Escutava também os barulhos altos dos pratos batendo um contra o outro. – *Onde você está?*

Engoli em seco. – Indo para casa.

Mason não olhava para mim, mas pude perceber o suspiro que ele soltou.

— *Ótimo estou terminando meu turno em cinco minutos, me espere.*

— Tudo bem, até mais tarde.

Desliguei não sabendo se tinha feito a coisa certa.

— Eu... – Fale de uma vez Elizabeth. – Posso voltar mais tarde?

Os olhos de Mason queimavam nos meus, ele depositou um pequeno selinho em meus lábios. Indo para meu pescoço, sua respiração acelerava meu coração assim como os frequentes arrepios que subiam por minha pele.

— Eu vou até sua casa. – Ele mordiscou o lóbulo de minha orelha. – *“Este amor em botão, depois de amadurecer com o hálito do verão, pode se mostrar uma bela flor quando nos encontrarmos novamente.”*

A voz suave de Mason, sussurrando as falas de Romeu era muito melhor que eu imaginaria, sua boca roçava por meu pescoço, me fazendo sucumbir.

— *“Me toque quando estiver longe, me deixe quando estiver perto... Me ame com meus pecados, para que eu te ame com seus pedaços dilacerados.”* – Citei um trecho de Sr. Daniels, um livro que poderia falar de nós. Duas pessoas marcadas com seus problemas.

Mason ergueu a sobrancelha para mim.

— Sr. Daniels. – Disse, ele pareceu confuso. – Nunca leu Sr. Daniels?

Ele fez uma negativa.

Sorri. – Então espero você mais tarde, para uma sessão de leitura.

Ele retribuiu meu sorriso.

Levantei colocando minhas roupas novamente. – Pelo visto o senhor não tem um gosto muito amplo por leitura.

Mason realmente gargalhou quando devolvi suas palavras sobre meu gosto musical.

Eu estava realmente gostando disso, estava gostando muito disso. Não queria ver outro lado senão esse de Mason.

— Até mais tarde, Lis.

Parei na porta olhando de volta para ele, encostado nos travesseiros, me olhando relaxado, seu rosto sem uma sombra de arrependimento ou culpa. – Até mais tarde Mason.



— Pode falando! – Lanie gritou para mim assim que abri a porta do carro.

— Boa tarde para você também amiga. – Ri.

— Nem vem com essa.

Abri a porta de casa, vendo a bagunça que a tempestade de ontem tinha feito em minha varanda. Lanie acompanhou meus passos para dentro de casa, se jogando no sofá.

— Estão dizendo que você não sai do casarão.

Abri as cortinas, outra coisa que odiava. Dar satisfações de meus atos.

— Eu trabalho lá Lanie.

— E esse brilho nos seus olhos é por que você conseguiu ser promovida a babá em tempo real ou por que o seu chefe anda se enfiando em

NACIONAIS-ACHERON

você?

— Meu Deus, Lanie!

Ela deu de ombros. – Como você está?

Suspirei largando minhas distrações e sentando com ela no sofá. –
Estou bem.

Lanie ficou em silêncio por um momento, me deixando pensar sobre os acontecimentos das últimas horas.

— Sabe que pode conversar comigo a qualquer momento, né.

— Sei. – Soltei em meio a um suspiro.

Lanie passou à tarde comigo, indo embora quando o céu aceitou por completo a escuridão de um dia nublado. A tempestade dava as caras novamente, informando que teríamos uma madrugada de chuva forte.



A noite estava fria, não tinha nenhuma confirmação que Mason viria realmente, apenas palavras trocadas entre alguns beijos. Em vez de me sentar na poltrona aconchegada com meu livro, decidi levar ele comigo para a varanda, sentando em um banco de madeira. Pelo simples fato de querer ver a rua e assim ver Mason.

Como tinha terminado meu livro da Emily Bronte, decidi ir para meus romances novos, apesar da grande maioria já ter sido lido mais de uma vez, ainda conseguia me perder na história como se fosse a primeira vez.

Abri meu novo romance lendo com avidez a história que eu já conhecia, a mocinha era tão brava quanto o personagem, os dois praticamente incendiavam as páginas dos livros, mas no fim se rendiam ao amor. Por isso não percebi quando Mason afastou o portãozinho e nem o ruído baixo que sua cadeira fazia nas pedrinhas do jardim.

— Olhem lá, a menina que lia romances para fugir da realidade.

Embrenhando-se nessas páginas amareladas com diversas palavrinhas.

Sorri quando ouvi sua voz, ele estava lindo. Seus cabelos estavam domados e penteados, vestindo um suéter vermelho que se tornou o meu favorito.

— Achei que não viria mais.

— E perder a oportunidade de descobrir quem é o Sr. Daniels?

Sai de minha posição para ajudar ele a subir os degraus de casa, nos aconchegando no calor que a lareira acessa nos presenteava.

Palpitações... Meu coração poderia saltar pela boca.

Mason estava sentado confortável em meu sofá, encarando meu rosto.

— Cadê aquele meu chocolate quente?

Engoli em seco sorrindo para ele.

— Sei que parece entranho... Você sabe, nós. – O escutei falando enquanto estava na cozinha.

— Um pouco. — Confessei.

Estendi uma caneca generosa de chocolate para ele. – Prazer Elizabeth Hope.

Ele sorriu e era lindo.

— Mason Lennox.

— Me fale as coisas fúteis sobre você? – Sentei-me em minha poltrona ficando de frente para ele.

— Coisas fúteis?

— Sim, quais são as coisas que você não gosta, sua cor favorita, esse tipo de coisas fúteis.

— Vamos ver... — Mason suspirou, tomou um gole do chocolate. — Eu odeio brócolis.

Eu ri de sua confissão.

— Adoro livros, de qualquer tipo, mas romances são meus preferidos no momento. — Ele me encarava, seus olhos brincando comigo. — Me conte seu pior dia?

— Meu pior dia? Meu pai ter ido embora. — Dei de ombros. — Na verdade, eu não penso em um “pior dia”, sei que as coisas acontecem porque tem que acontecer.

— Me conta como gostou de livros? — Mason queria suavizar o momento, não queríamos entrar em assuntos delicados demais.

— Harry Potter.

— O bruxo que anda com uma varinha, sempre se ferrando dos obstáculos que a vida impõe? — Zombou.

— Não zombe com meu querido Harry.

Mason riu levantando as mãos como se tivesse se rendido.

— Por que você gosta de livros? Qual fez você se apaixonar?

— Minha mãe sempre me incentivou, desde pequeno. Eu acabei criando gosto. Quando criança eu preferia ficar enfiado em casa lendo do que sair com meus amigos ou beber até cair como faziam na escola. — Ele riu de si próprio, enquanto eu achava aquilo lindo.

— Mason recluso Lennox. — Brinquei.

— Muito prazer. — Disse sorrindo.

Voltamos a ficar em silêncio, mesmo que por curto período, observei que aos poucos quebrávamos as barreiras entre nós.



Já tinha passado da hora razoável, e continuávamos juntos. Mason estava deitado sobre uma pilha de travesseiros e almofadas que tinha arrumado para a gente no meio da sala, o fogo crepitava baixo na lareira.

Virei a página retomando a leitura do livro, no começo acreditei que ele não gostaria da leitura, por causa de ambos personagens estarem sofrendo a perda de alguém. Mas quando perguntei se ele queria que parasse, fez que não.

Com a cabeça apoiada em sua perna continuei lendo até meus olhos fraquejarem. Mason tinha fechado os olhos apenas escutando o que lia para ele, bocejei alto não contendo o sono que se aproximava de mim.

Passei os olhos pela página 65: — “Eu não disse que seria fácil. Só disse para ir em frente. Além do mais, as melhores coisas da vida não são fáceis. Elas são difíceis, são cruas e dolorosas. Isso torna a chegada ao destino final muito mais interessante.”

Fechei o livro colocando o marcador de página onde parei.

— Mason?

— Sim? – Sussurrou ainda de olhos fechados.

— Podemos parar por aqui, estou com sono.

Mason abriu os olhos se remexendo um pouco, seus olhos foram para os meus que deviam estar pequenos pelo cansaço e o sono e procuraram pelo relógio.

— Está tarde, não vi a hora passar.

Concordei ainda deitada em seu colo, seria um belo lugar para adormecer. Como se ouvisse meus pensamentos ele passou a mão por meu rosto, fazendo um carinho leve.

— Preciso ir.

Sentei tirando a manta grossa de cima de mim. – Está um frio congelante lá fora. Você pode ficar. – Engoli em seco. – Você pode dormir comigo, posso ajudá-lo a subir.

Sim, estava dando diversas desculpas para ele não ir embora.

Mason sorriu. – Melhor eu ir.

Não insisti, não queria que ele pensasse que porque ficamos juntos eu estava dependente dele, mas sim, eu queria tanto passar mais uma noite ao seu lado. Ajudei Mason no processo de sair, nos despedimos no portão com um beijo breve e enrolando ele em uma manta que tinha na sala. Não queria que ele ficasse ruim.

— Obrigado pela noite, Lis.

— Eu que agradeço. – Sorri

Mason retribuiu esperando que entrasse em casa, como um namorado adolescente deixando a garota no limite que o pai permitia, no portão de casa.

Eu me sentia assim, uma boba apaixonada. Não poderia evitar ou mentir. Estava apaixonada por Mason Lennox.

Capítulo 26

Mason Lennox

Que dia.

Há muito tempo eu não sorria tanto como sorri hoje, Lis tinha realmente acendido uma luz dentro de mim, embora ainda me sentia culpado por sorrir, eu me sentia bem. Pela primeira vez nesses dois anos, hoje eu tinha me sentido bem.

Não me importava para o frio cortante que estava nas ruas, como também não me importava para as velhas curiosas que ficaram olhando pelas cortinas quando saía da rua de Elizabeth.

Parei no cruzamento vendo uma sombra se mexer mais adiante, tudo que eu não precisava era de um cachorro correndo atrás de mim. Quando a sombra parou alguns metros a minha frente notei que era apenas um gato. Um grande gato preto vira-lata, seus olhos estavam realmente me encarando.

Passei por ele, fazendo um barulho para ele sair correndo, mas ele não fez, começou a andar do meu lado.

— Sai daqui bichano. — Tentei espantar o gato com as mãos, mas nada disso o fez sair. Ele continuou me seguindo até parar na esquina do casarão, soltou um miado baixo sentando na calçada de frente para mim.

Meu corpo agradeceu quando deitei em minha cama, deitado de lado olhando para a parede deixei que meu corpo começasse a relaxar, sentindo as fortes dores pelos meus exercícios.

Meu médico disse que era normal sentir dores às vezes, pelo simples fato que estava sentindo mais minhas pernas e meus pés. Na última visita já tínhamos agendado a próxima, devido meus avanços. Graças à falta de paciência de Lis com meu temperamento.

E com os últimos eventos, estava achando tudo estranho e ao mesmo tempo empolgante. Desde o acidente meu corpo parecia compensar a deficiência. Os braços e peitoral estavam mais fortes, os músculos mais delineados e sensíveis.

E me sentir excitado por uma mulher depois disso, me fez pensar sobre ele. Sempre pensei que nós cadeirantes não tínhamos essa habilidade, que perdíamos esse tipo de sensação após o acidente. Por isso, foi uma enorme surpresa quando Lis sentou no meu colo e eu senti meu membro ficar duro.

Minha confiança nem existia mais, eu estava afundado demais em meu próprio luto para pensar nessas coisas, tinha desistido de tantas coisas que sexo nem passava pela minha mente. Ontem, tinha comprovado que isso poderia fazer parte de minha nova condição de vida, e, estar assim intimamente ligado com Elizabeth foi maravilhoso, percebi que poderia dar prazer e sentir como antes. Mesmo com as limitações que tinha por minha condição.

Peguei meu telefone na mesa de cabeceira. Procurei o nome de Lis na agenda. “Megera” sorri para mim mesmo, me lembrando da raiva que estava dela quando anotei seu telefone em minha agenda, foi no dia que nos encontramos na chuva, megera tinha caído perfeitamente bem para o momento.

“Estou seguro, espero que tenha uma boa noite”

Esperei pela resposta, ela poderia estar dormindo. Quando deixei sua casa ela parecia realmente cansada, a ponto de dormir em pé.

“Amanhã farão a noite de filmes antigos no cemitério local... Se você se sentir confortável, poderíamos afrontar o pequeno povo de Corning. ”

Fiquei surpreso com sua mensagem, seria divertido sair por aí com Lis ao meu lado, poderia ser uma boa ideia.

“Estou ansioso para tal afronta Srta. Hope. Durma bem”

“Boa noite, Mason. ”

Sorri colocando o telefone ao meu lado, isso era novo, tudo estava sendo bastante novo para mim.

Capítulo 27

Lisa Hope

O festival de cinema no cemitério de Corning era tradição. E tudo que era tradição envolvia a cidade toda, por isso meu corpo sentia grande arrepio quando Mason parou o carro no meio fio, alguns metros da grande noite para os habitantes da cidade.

Foi uma surpresa Mason vir me buscar, na verdade, eu estava tendo diversas surpresas. Sabia que ele tinha um carro adaptado, porém nunca o vi usá-lo.

Enquanto ele se ajeitava para sair, dei a volta no carro pegando minha cesta de piquenique. Tinha separado duas mantas e mais alguns lanches para nossa noite.

— Já peço desculpas pelo que pode acontecer. — Sussurro estendendo a cesta para ele.

— Eu sou o recluso, Lis. — Mason sorriu, hoje ele estava mais sombrio. Mesmo sorrindo para mim estava com aquela sombra em cima dele.

Comecei a andar, mas ele foi mais rápido, girou a cadeira com uma das mãos, e com a outra agarrou meu pulso.

Seu olhar buscou o meu. — Não quero você atrás de mim.

Olhei confusa para seu rosto, eu sabia que ele teria dificuldade com a cadeira. O cemitério não tinha o terreno amplo, a cadeira poderia ficar presa em algum lugar.

— Quero você ao meu lado. — Ele voltou a ficar leve, a sombra não estava presente em seu olhar. Tinha até certa vulnerabilidade e, isso sempre me desmoronava.

— Vamos lá.

Ele assentiu.

Mason estava com uma calça jeans, sapato preto e uma camisa branca. As mangas da camisa enroladas nos cotovelos, dando visão para os músculos e veias aparentes.

Caminhamos em silêncio apenas olhando os casais cruzarem a avenida, e se embrenharem no cemitério. Vi o Sr. e a Sra. Lakes olhando em minha direção e sumirem de vista. Uma ampla tela branca estava posicionada numa parte aberta e livre de lápides, varri com os olhos notando um espaço livre que seria perfeito para nós, debaixo de uma árvore o que nos daria privacidade dos olhares curiosos.

Em nenhum momento Mason fraquejou com os olhares, muito pelo contrário continuou acompanhando meus passos até onde tinha apontado para sentar. Estiquei a manta grossa no gramado, coloquei a cesta em cima.

— Posso te ajudar a sair daí. — comentei.

Ele deu uma olhada para os lados, ninguém se atrevia a chegar perto de nós, mas não poderia fingir que eles não estavam olhando para cá. Eu notei todos os olhares, e, não gostei daquilo. E me perguntei se as pessoas não se incomodavam em serem estúpidas. Afinal ele não era um ET parado ao meu lado. Era um homem lindo com o coração sombrio. Minha fera.

Perguntei-me como isso o afetava, se era por isso que ele decidiu sair de Nova York e se isolar em uma cidade que ninguém o conhecia. Mason parecia não ligar, mas eu peguei um ou dois olhares dele para o outro lado do cemitério.

Sim, isso o afetava.

Mason fez um esforço, colocando sua cadeira ao lado da árvore, desceu as travas e sem pedir ajuda ergueu seu corpo da cadeira descendo para se sentar no chão. Eu vi seus músculos protestarem contra o esforço, mas não interrompi, decidi estar alerta caso ele realmente precisasse.

Tem coisas na vida que queremos provar para nós mesmo que somos capazes, e Mason enfrentava isso agora. Podia ver em seus olhos a determinação que ele fazia as coisas, e, sendo a primeira vez que ele se

aventurava a sair de casa estando realmente em público ele queria saber se conseguia.

Isso era algo como uma faca de dois gumes, ou ele poderia ficar extremamente arrependido. O que eu não queria de maneira nenhuma, ou ele poderia ficar satisfeito, e, foi o que o sorriso dele mostrou, satisfação por realmente não precisar de uma babá em cima dele.

As luzes que tinham instalado para esse evento se apagaram e o telão piscou algumas vezes antes de começar o filme.

— Acho que teremos um clássico. — Mason me puxou para seus braços o que foi ótimo.

— Clássico?

— Você não conhece Desejo e Reparação?

— Não.

— É um clássico, o filme se passa em 1935, um momento tenso da política por conta da segunda guerra mundial. Um drama com bastantes acusações e amores destruídos.

Olhei para o rosto dele com um sorriso, já não me importava se as pessoas estavam olhando ou se estariam comentando no dia seguinte, tudo que me importava era Mason, falando baixinho as frases iniciais do filme. Sua voz baixa e rouca em meus ouvidos estava muito mais atraente que do ator que interpretava Robbie Tuner.



O filme já tinha terminado, as pessoas já estavam saindo. Mason olhava ao redor como se procurasse por alguma coisa. Durante a metade do filme que fiquei deitada em seu colo, percebi que estava com olhares distantes, o pensamento completamente desfocado do que estávamos fazendo. Não posso dizer que isso era chato no mínimo, mas eu estaria sendo hipócrita se falasse que não sabia onde estava me metendo desde o início. E, depois de todos os olhares lançados para nós e os cochichos que existiam eu sabia que isso poderia mexer com ele.

NACIONAIS-ACHERON

— Eu espero que tenha gostado. – comentei.

Mason sorriu beijando o topo de minha cabeça. – Eu adorei, gosto de fazer as coisas sem ter uma babá por perto, ou alguém que fique perguntando a cada cinco minutos se preciso que façam por mim.

Eu estava curiosa, queria saber mais sobre ele...

— Quando aconteceu o acidente?

Ele deu um sorriso de lado, como se ele pensasse demais sobre isso.

— Desculpa, estou sendo tola. Não quero...

— Ei, — Ele puxou meu rosto para o dele, depositou um beijo casto. – não tem problema. Faz uns dois anos. Foi quando eu recebi a notícia sobre Natali... Ligaram do hospital, de uma forma ou outra eu cheguei lá. – Mason soltou uma risada sinistra, rindo do seu humor negro.

— Eu...

— Tudo bem. – cortou-me. Era um assunto delicado.

— Sabe qual é a pior parte?

Olhei para ele, parando de dobrar a manta que estava sobre meu colo.

Um sorriso genuíno se abriu em seus lábios. – Ter comido todos esses lanches e fazer força para voltar para a cadeira.

Eu ri, Mason riu. A sombra saindo por completo do seu rosto.

— Srta. Hope se prepare para ajudar, pois com essa pança eu não saio do lugar sozinho.



Andei a seu lado na calçada, acompanhando o ritmo dele, quando achei que ele precisaria de ajuda por causa de um desnível mais à frente ele me surpreendeu com sua agilidade.

— Estou me sentindo traída. – Disse quando paramos ao lado do seu
NACIONAIS-ACHERON

carro, Mason abriu a porta com o cenho franzido.

— Você não mostra essa dedicação nas sessões e nem tinha me contado realmente como estava seu quadro. – Completei.

Mason soltou uma gargalhada, indo até seu lado. Acionando uma trava na cadeira, pulou de um assento para o outro com uma agilidade impressionante.

Colocou a chave no contato e então se inclinou para tirar as rodas da cadeira, colocando-as atrás do banco do passageiro. Depois foi a vez do assento móvel, e, por fim, fechou a base da cadeira. Notei pela primeira vez que não era a mesma cadeira. Aquela preta toda equipada que ele geralmente usava, essa parecia mais leve, mais fácil dele manusear.

Foi fascinante, ver aquelas mãos trabalhando com tanta habilidade, me hipnotizou, me deixou feliz. Mason não conseguia ver as coisas boas que ele fazia todos os dias, como hoje por sua negatividade.

Mas eu fiz questão de gravar cada momento junto dele em minha memória.

— Um segredo? – Ele parou, deu partida no carro olhando para mim. — Agora eu me sinto capaz de fazer isso, e como eu senti falta. Falta de ter controle sobre minha vida.

Tive uma pequena parada cardíaca com o que ele falou. Mason! Era tudo que meu cérebro registrava, se ele soubesse o que poderia fazer. Do quanto era capaz.

Capítulo 28

Mason Lennox

Coloquei a xícara de volta na mesa.

— Eu ajeitei tudo com seu pai, falta apenas informar para Lisa nosso cronograma, acho importante ela te acompanhar, afinal seu médico ficou bem contente com o relatório que recebeu. — Clark dizia.

— Certo. — Concordei tentando prestar realmente atenção no que ele estava dizendo desde que acordei.

Diabos, eu não conseguia tirar aquela cascata alaranjada da minha mente.

De novo Elizabeth dominava meus pensamentos. Tinha sido tão bom estar com ela ontem, apenas jogados no chão, ela lendo para mim enquanto eu enrolava meus dedos em seus cabelos cor de fogo.

— Meninos, olha o que encontrei sentado na porta do casarão. — Sra. Macley entrou com uma bolsa grande do mercado e no outro braço o gato que tinha me seguido até aqui ontem.

Olhei seus olhos de felino me lembrando do Sr. Botas. E automaticamente meu peito se reduziu a pó.

— Tire esse gato daqui. — Clark logo exclamou.

A Sra. Macley olhou feio para ele. — O que o pobre gato te fez homem?

Eu sabia por que ele teve essa atitude, Clark sabia que minha filha tinha um gato, ele sabia de toda a história.

— Me dê ele aqui.

Cruzei a cozinha com a cadeira, colocando o gato em meu colo, seu ronronado soando alto enquanto ele raspava o pequeno focinho em minha

mão.

— Mason?

Olhei para trás, onde Clark ainda estava parado.

— Tudo bem, cara?

Sorri da sua cara de espanto. – Tudo, estou em meu quarto qualquer coisa.

Cruzei com meu pai quando estava indo para meu quarto, com o gato a tira colo. Entrei, fechei a porta. O dia mesmo frio estava melhor que ontem com as tempestades malucas açoitando a janela.

— Isso é obra sua né, Ever? – Perguntei para o além.

O gato rodou algumas vezes para deitar no meio da cama.

Ainda olhando para mim como se entendesse o que eu falava. Pronto, tinha enlouquecido de vez, falando com o além.

Fui espiar o tempo pela porta da sacada, me perdendo em pensamentos. A última vez que fui ao cinema no cemitério de Corning, foi quando vim conhecer os pais de Natali. Ela era apaixonada por esse festival, assim como os pais, cidadãos modelos da pequena cidade.

Esse foi um dos motivos para estar receoso com o convite de Lis, mas eu queria sair com ela, como uma pessoa normal. Sentir de novo o gramado com cheiro de fertilizantes debaixo de mim, seria como um *déjà vu*, mas ao mesmo tempo algo novo.

Elizabeth era muito diferente do que Natali foi, minha Natali sempre foi meiga, quase nunca elevava a voz ou era rude com alguém. Mesmo que essa pessoa merecesse, e, odiava que eu comprasse briga com alguém por isso.

E Lis, Lisa era o oposto, ela não deixava o desaforo passar longe, quase sempre dizia que pensava e era movida por sua curiosidade. Eu já tinha percebido quando ela ficava extremamente irritada com algo pelo jeito que erguia apenas uma das sobrancelhas ou sua boca se encrespava. Ou, quando ela ficava se mordendo literalmente de curiosidade.

As duas eram lindas, da sua maneira. Enquanto Natali tinha uma beleza clássica, Elizabeth tinha uma beleza rara, não eram todas as mulheres que se sentiam bem e ficavam lindas com as sardinhas no rosto, mas isso de forma nenhuma tirava a beleza dela. E seus cabelos cor de fogo deixavam ainda mais em evidência sua personalidade forte.

Podia um homem ser rodeado de verdadeiros anjos em sua vida? Porque as duas não seriam nada menos que isso. Natali tinha sido um anjo em minha vida, dando os melhores nove anos para nós. E Lis era a luz, o fogo que me tirava do abismo.

“Miauu”

Olhei para o gato sentado ao meu lado, olhando para mim como se concordasse com meus pensamentos.

— Você sabe o que estou pensando...

Ele continuou me olhando.

— É bom se comportar, senão volta pro lado de fora.



Parado ao lado de fora de minha casa eu quis perguntar por que Lis me olhava daquele jeito. Será eu tinha feito besteira não levando Elizabeth para sua casa?

Depois que meus olhos cruzaram com os pais de Natali, ainda sentados sobre uma manta grossa sorrindo um para o outro eu entrei em pânico, queria sair de lá. Então foi automático quando peguei o caminho de minha casa.

Meu coração praticamente pulava dentro do peito, soando alto em meus ouvidos. Desliguei o carro, virei o tronco em direção dela. E, aquele frio na boca do estômago piorou quando Elizabeth estendeu a mão e amparou meu rosto, a distância entre nós era cada vez menor, ambos tínhamos nos aproximado sem notar.

Permiti que minha mão fosse até o rosto dela, tocando o queixo delicado, parando na nuca, meus dedos já enrolando em algumas mechas.

— Mason...

Soltei a respiração que prendia ao ouvi-la sussurrar meu nome. Ela tomou a frente, acabando com o espaço que faltava, seu nariz resvalou em minha bochecha. O calor de seu corpo dominando o meu.

Sua boca deixou pequenos rastros por meu rosto, como se venerasse o que ela estava vendo, o que me causou um arrepio frio na coluna. *Eu não merecia isso.*

Sua boca por fim foi para a minha, deixando uma explosão de sensações. A intensidade que Lis me beijou me pegou desprevenido, me fazendo arfar e buscar seus lábios como se fosse tudo que eu precisava para curar as enormes feridas dentro de mim.

Capítulo 29

Lisa Hope

A língua de Mason dançava em minha boca. Ele começou a corresponder a cada toque que eu o desafiava, cada vez mais intensificava as carícias por seu corpo, tornando todas as sombras que ele carregava consigo insignificantes.

E então ele interrompeu o beijo, sua testa descansando na minha. Ainda de olhos fechados sorrindo para mim.

— Melhor entrarmos.

Acompanhei Mason até seu quarto, o casarão estava todo escuro, poucas luzes estavam acessas. Não tinha sinal de Clark ou do pai de Mason.

Mason atravessou o corredor, entrando um pouco hesitante no quarto. Acendeu a luz e se virou para mim, dando passagem.

— Você pode tomar um banho se quiser... – Os olhos dele foram para a cama, como se procurasse por algo.

— Um banho seria ótimo. – Sussurrei.

Mason foi até sua cômoda pegando um punhado de roupas, entrou no banheiro acendendo a luz e deixando a pequena pilha sobre a bancada da pia.

Senti algo roçar em minhas pernas o que me tirou atenção sobre os passos de Mason.

Um gato preto se embolava em minhas pernas, roçando de um lado para o outro. Abaixei passando a mão por seu pelo, eu sabia que Mason não tinha gato, por isso não entendia a existência desse, ainda mais no quarto dele.

— Vejo que já conheceu...

Olhei para Mason parado na porta do banheiro.

— Não sabia que você tinha um gato.

— E não tenho. – Ele deu de ombros. – Ele me seguiu quando sai de sua casa aquele dia, e, hoje a Sra. Macley entrou com ele durante o café...

O gato bateu em minha mão pedindo mais carinho, com certeza tinha fugido de algum lugar, além de limpo ele não tinha evidência nenhuma que fosse de rua.

— Ele pode ter se perdido.

— Deve ser, mas não vou jogá-lo na rua.

O gato mirou Mason como foco, andando até ele de forma preguiçosa, soltou um miado baixo e subiu em sua cama, por um momento achei que eles tivessem em uma conversa silenciosa pelo jeito que se encaravam. Idiotice, com certeza.

— Eu vou... – Indiquei para o banheiro.

Mason saiu do caminho, permitindo que passasse. – Acho que você conseguirá tomar banho com as coisas que tem aí.

— Uhum.



Puxei os cobertores na altura do queixo esperando que Mason saísse do banho, olhei para seu quarto notando um livro demarcado na mesa de cabeceira, forcei a vista para ler o título. *Jane Eyre*.

Meus dedos coçaram para abrir o livro no mesmo tempo que a porta do banheiro se abriu, voltei às pressas para meu lugar. Mason saiu do banheiro com uma calça de moletom e uma blusa branca, os cabelos ainda estavam úmidos assim como a barba rala começava a aparecer em seu rosto, deixando ainda mais bonito. *Meu homem sombrio...* Um formigamento correu meu corpo quando pensei isso... Meu. Será que poderia ser?

Mason subiu na cama, ajustou o corpo deitando-se de barriga para

NACIONAIS-ACHERON

cima, os braços apoiados sobre o peito largo. Era impossível tirar os olhos dele, eu não sabia como faria isso, sendo que toda vez me sentia sendo puxada para ele.

Respirei fundo quando ele apagou a luz, deixando apenas a do abajur serpentear pelo quarto. Voltei meus olhos para o teto, não queria ultrapassar nenhum limite, não queria que voltássemos para o estranhamento. Mas não estava sabendo lidar com a situação, eu queria sentir seu corpo mais que tudo. Entre o possivelmente juntos versus distantes, estávamos seguindo um caminho sem lei ou qualquer instrução.

Senti os olhos dele sobre mim. – O que foi?

— Nada.

Virei olhando para ele. – Por que está me encarando?

— Não estou encarando. – Um sorriso brincava em seus lábios.

Malditos lábios, aquela boca, aqueles olhos como um poço de chocolate derretido... Um fogo crepitava em minhas veias. *Controle-se Elizabeth!*

— Está sim!

Ele soltou uma risadinha baixa, ajeitou alguns travesseiros. – Boa noite, ruivinha.

Ruivinha? Não que ninguém tivesse me chamado assim, porém vindo dele era diferente, era bom.

— Boa noite, Mason.

Fechei os olhos e tentei mantê-los assim, mas como tudo meu próprio corpo me traia. Eles se abriram, e, mesmo a luz fraca eu pude admirar o rosto de Mason, que vontade de beijar cada linha de expressão, a curva de sua boca... Os cílios raspando nas bochechas.

— Agora é você que está me encarando. – Acusou abrindo os olhos.

Mason esticou o braço me puxando para ele, agradei mentalmente

recostando em seu corpo, apoiando a cabeça em seu ombro, com Mason me envolvendo pela cintura.

Era bom estar ali, eu não conseguia imaginar o tamanho de sua dor, não era fácil perder pessoas essenciais em sua vida e ainda de lambuja ficar paraplégico, não sabia qual era o tamanho das suas frustrações quando não conseguia agir sem a ajuda de terceiros.

Mas, para mim, aquilo não mudava nada, os movimentos de suas pernas não definiam a pessoa que ele era. Para mim, não fazia a menor diferença se ele andava, corria ou estava na cadeira.

Era simples, eu estava ali, eu o amava. Podia falar isso pelo menos para mim mesma.

— Lis?

Olhei para cima, encarando seu rosto. Mason ficou calado, os lábios comprimidos.

— Terei que ir outra vez ao médico.

Aquilo colocou uma pulga atrás da minha orelha, Mason estava bem, mesmo tendo febre aquele dia, ele vinha progredindo com grandes avanços. — Não sabia que você tinha um retorno marcado, Clark falou que era uma consulta a cada mês.

— Sim, mas meu médico gostou dos seus relatórios e quer me examinar. Tenha fé eu posso voltar a andar e você se vê livre de mim...

Aquilo não era meu desejo, por isso sei que o sorriso que esbocei não foi sincero, e nem bonito de se ver.

— Eu acredito em você Mason. — Voltei a deitar em seu peito. — Mas, para mim não faria diferença.

— Como assim?

Mason se remexeu incomodado.

Levantei novamente para olhar o chocolate derretido que eram seus

olhos, profundo como um poço sem fim.

— Não gostarei menos de você porque está andando, ainda seria você.

Um sorriso de quebrar geleiras apareceu em seu rosto e eu tinha certeza que alguns icebergs tinham derretido do outro lado do mundo.

— Ainda seria... – Sussurrou para ele mesmo, o olhar endurecendo de puro desejo, algo primitivo.

Aproximei meu rosto do seu, beijei seu pescoço, sua bochecha, o canto de sua boca... Deixei um singelo selinho, suguei um pouco seu lábio inferior. Quando Mason abriu a boca para soltar um gemido eu segurei firme sua nuca levando-o onde eu queria.

Invadi sua boca, como o amor invadiu minha alma, me marcando a ferro bem no coração. Minha língua se enroscava com a dele, sem pressa, sem se preocupar com o que um dia eu fui ou com o que Mason foi. E ele correspondia, e sempre que sentia que ele estava a ponto de se perder dentro de sua escuridão, eu brigava com unhas e dentes trazendo ele para mim. Passei minhas mãos pelo cós de sua calça, arrastando minhas unhas pelo seu peitoral, me deliciando com a sensação que tinha sobre minhas mãos.

Mason gemeu, um gemido de dor. Eu sabia que ele era sensível e eu queria tirar isso dele, queria beijar cada cicatriz do acidente, queria beijar repetidas vezes seu coração, curando as feridas profundas que a vida tinha causado.

— Lis. – Ele por fim se afastou, como sempre nadávamos contra a maré, como se fosse um eterno cabo de guerra.

Suspirei tirando minhas mãos de dentro de sua camisa. – Tudo bem.

Minha respiração estava entrecortada de desejo. Eu não era a “pegadora” muito pelo contrário, era mais do tipo que me apaixonava rápido demais. E isso tinha acontecido com Mason, eu estava apaixonada por ele. E nem mesmo todas as “placas” de aviso sobre os obstáculos que teria que passar para ficar com ele, eu ignorei tudo e segui em frente.

Belo conselho mãe. “*Siga seu coração*”, veja onde estamos indo.

— Lis? — Mason passou a mão em meu rosto afastando algumas mechas que saiam do elástico. — Eu não quero magoar você... Eu não posso.

— Tudo bem Mason, eu entendo. — Dei um beijo em sua bochecha. Afastei-me do seu corpo, deitando sobre meu travesseiro.

— Elizabeth, não faz assim... Eu sou... Como vou explicar?

— Não precisa, boa noite Mason. — Dei um sorriso falso para ele antes de me virar e puxar o cobertor sobre mim.

Ouvi seu suspiro, o ranger da cama e o *clap* do abajur sendo desligado.

Capítulo 30

Mason Lennox

Perdi o sono, ou devo dizer que mal dormi. Sai do quarto, me embrenhando pelas ruas de uma cidade ainda adormecida, me refugiando no bosque, em meios as árvores, tentando mesmo de forma inútil colocar algum pensamento em ordem. Os primeiros raios de sol apareceram, e eu ainda estava no meio das árvores. Eu estava me odiando por dizer “não” a Lis, quando meu corpo dizia que sim.

Na verdade, eu não sabia, sentia Lis pronta para se jogar em um abismo por mim e eu queria isso, abrir os braços e me jogar também. Porém, uma parte de mim gritava que não era certo com ela, ela merecia alguém que pudesse viver normalmente. Sem ter que fazer um verdadeiro malabarismo para abrir a porta de um carro, ou alguém que pudesse subir os degraus de sua casa para tocar a porra de uma campainha.

Não percebi que estava andando até cruzar o portão pequeno da casa de meus sogros. E menos ainda por ser surpreendido com a mãe da Natali me olhando surpresa da janela. Vi seus lábios se mexerem, chamando meu nome, como a porta abrindo enquanto disparei para o outro lado da entrada sumindo de vista na esquina.



Elizabeth continuava dormindo quando retornei para casa. Agarrada a um dos travesseiros, praticamente no meio da cama, os cabelos revoltos por todo canto o que me fez sorrir.

Sorrir... Isso se tornava fácil quando estava na presença ou com Lisa em meus pensamentos. Tinha se tornado simples, como respirar. Já não sentia aquele aperto no peito como se uma faca tivesse entrando em mim toda vez que um sorriso surgia.

— Mason.

Por um instante acreditei que ela havia acordado, mas quando se remexeu na cama jogando as cobertas de lado, suas pernas aparecendo lindas e grossas, a minha cueca boxer colada em seu corpo dando muito espaço para imaginação, assim como fazer algo no meio de minhas pernas se remexer.

Uma vez acordado ele tinha decidido sempre me mostrar que estava ali pronto para ser usado. Não era à toa que as mulheres falavam que nosso pênis tinha vida própria, o meu estava querendo me mostrar isso.

Aproximei minha cadeira da varanda, olhando para o tempo tão incerto quanto ao meu próprio sentimento, eu tinha tanta coisa rolando dentro de mim que poderia facilmente me sufocar. Era fácil recomeçar, sim era um ato simples. Como dar um passo, porém quando você tem uma vida maravilhosa e perde isso, você tem medo que aconteça de novo.

Eu tinha esperanças ainda de andar, o que as pessoas todos os dias faziam e não davam o menor valor, eu ansiava por isso. Meu médico disse que tudo dependia de mim, e eu cumpri com tudo, todos os exames, a fisioterapia mesmo que tardia, tinha feito tudo para poder finalmente me livrar da cadeira.

Por isso essa consulta poderia ser um rumo novo para mim, o Dr. Nadil tinha ficado interessado com meu avanço, com os relatórios que Lis enviou para ele. Poderia ser de certa forma minha alforria.

Ouvi a cama ranger, ela tinha acordado.

— Bom dia.

Os cabelos de Elizabeth estavam uma verdadeira confusão e nem assim ela ficava feia, mas a medusa teria medo do olhar que ela me lançou.

— Bom dia.

Elizabeth me matou com o olhar, como dois tiros disparados em mim sem a menor piedade. E eu sabia que havia magoa por trás da raiva, sabia muito bem que nenhuma mulher desejava ser rejeitada, ainda mais Lisa que estava já tendo uma paciência tremenda comigo, com a merda da minha cabeça fodida.

Ela marchou rumo ao banheiro levando consigo suas roupas batendo a porta com um baque.

O gato que estava escondido em algum lugar veio se sentar ao meu lado olhando com aqueles olhos amarelos.

— Que foi? Eu fiz besteira, né?!

Ele soltou uma espécie de espirro olhando para a varanda, até mesmo ele sabia que eu tinha feito besteira. Eu não queria magoá-la. Não queria ser o motivo de raiva em seus olhos.

A porta do banheiro voltou a abrir, virei minha cadeira para encará-la. Elizabeth estava com as mesmas roupas que ontem mais com uma grande diferença... Seus olhos, eles estavam vermelhos. Ela chorou.

— Lis...

— Não precisa falar nada Mason, vamos apenas deixar para lá, *tá* legal?

— Lis, eu não quero isso. – Cheguei mais perto.

— Mason. Por favor.

Ela mordia os lábios, parecendo incomodada como se fosse fugir correndo.

— Lisa, eu preciso que você entenda, eu estou tentando... Eu...

— Mason. – Ela me interrompeu chegando mais perto, para minha surpresa sentou em meu colo e aquilo além da surpresa era bom, era algo especial. Como se eu pudesse cuidar dela, como se eu não fosse um *aleijado*.

Ela acariciou meu rosto, mesmo com o sorriso triste nos lábios. – Vamos viver um dia de cada, sem pressão.

Abri a boca para explicar, eu precisava explicar para ela.

— Não precisa falar nada.

Elizabeth me deu um beijo na bochecha, se levantou e saiu.

PERIGOSAS

Deixando-me paralisado, me deixando no meio do meu quarto como se tivesse tomado um tapa no rosto e depois recebido um carinho.

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 31

Lisa Hope

Eu não devia ter deixado acontecer. Não devia ter permitido, mas como negar que eu adorei quando ele me tocou, como negar que ele se infiltrou em minha pele como uma coceira, e cada vez que eu mexia se afundava mais em mim. Mas ontem depois que tivemos uma noite realmente boa, veio a rejeição.

Eu vi nos olhos de Mason, eu vi todo o brilho sumindo aos poucos. Notei que ele estava perdido em pensamentos. E hoje pela manhã eu queria socá-lo. Sim.

Mas no momento que sai do banheiro, ver seu olhar perdido e ele querendo me explicar eu não podia, não podia mandá-lo a merda como estava pronta para fazer.

— Lisa, não sabia que você estaria aqui tão cedo.

Parei olhando para Clark tomando seu café na sala de estar.

— É, já estou de saída.

— Tudo bem, Lisa? – Clark era realmente muito bonito, uma beleza de deus do ébano.

— Sim.

— Não sei se Mason já falou, mas estaremos indo para Nova York amanhã. Achamos importante você nós acompanhar.

— Hum... É, ele falou mesmo. – Dei de ombros. – Tudo bem.

Acenei com a mão, deixando o vento frio de Corning dominar meu corpo com um calafrio.



Tanto Mason como Clark insistiram para que fosse com eles, mas eu neguei e dei a desculpa que iria para outro lugar depois. Depois disso eles não insistiram mais, mesmo Mason mantendo a cara amarrada quando arrumávamos as coisas para a viagem.

Na estrada pude extravasar, acelerava nas curvas curtindo “Cheap Thrills – Sia” explodir em meu som. O carro de Mason ia se distanciando aos poucos, entre uma curva e outra eles ficaram para trás.

Meu celular vibrou em meu colo, deveria ser minha mãe vendo minha mensagem. Diminui a velocidade pegando o telefone.

“Você pode ir mais devagar?”

“Porra Elizabeth, vai devagar nessa estrada!”

Mason.

Reduzi a velocidade já vendo os primeiros sinais do carro, assim como a carranca de Mason no banco do passageiro olhando em direção ao meu carro.

Estar de volta em Nova York sempre foi muito bom e hoje entrar no hospital que trabalhei por alguns anos foi melhor ainda, rever as enfermeiras que ainda estavam lá. As pessoas geralmente odeiam hospitais pelo cheiro de doença, ou pelo constante entre e sai de pessoas, algumas à beira da morte, outras apenas por uma breve passagem.

Eu via essa sensação no rosto de Mason, ele odiava voltar ao lugar onde tinha ficado quando se acidentou. E, para mim foi ainda uma surpresa maior, saber que ele ficou ali nos mesmos corredores que eu caminhava durante as manhãs e nunca termos nos encontrado, era um fato notável.

— Temos horário marcado com o Dr. Nadil. – Clark comunicou na recepção.

— Nadil?

NACIONAIS-ACHERON

Os dois olharam para mim.

— Sim, ele é meu médico. — Mason ainda estava com a cara amarrada para mim.

— Senhor! — Exclamei mais para mim mesma.

Mason ergueu uma sobrancelha questionando minha pergunta.

Mas não me atrevi a falar nada.

Seguimos para o elevador indo até o andar que a recepcionista atirada tinha indicado para Clark com muitos toques no antebraço e sorrisos.

As portas do elevador se abriram dando para uma comprida sala de espera, a recepcionista estava de costas conversando com um paciente cheia de papéis nas mãos.

— Com licença. — Clark sempre tomava a frente, enquanto Mason se recuava para o canto.

— Ai meu Deus!

Virei dando de cara com Amélia, sempre fomos amigas e isso tinha ficado para trás como todo esse hospital, e o que estava atrás de uma dessas portas.

— Amélia.

— Menina você voltou, não acredito que você foi embora e nem deixou seu endereço. — Ela falava sem parar, atraindo a atenção de alguns pacientes para nós.

Pulou sobre mim me dando um abraço apertado.

— Também senti sua falta, mas fale baixo.

Ela sorria me olhando dos pés à cabeça. — Nossa, eu disse que você não aguentaria ficar longe daqui, muito menos de suas crianças. Eu falei para Nadil.

Ela colocou a mão sobre a boca. — Nadil vai pirar quando contar que
NACIONAIS-ACHERON

você voltou. Eu só preciso encaminhar um paciente para ele, você vai ver, ele irá surtar.

Ela andou a passos largos pelo corredor entrando em uma das portas.

— Então você trabalhava nesse hospital?

Olhei para Mason, — Sim, mas também pegava casos fora do hospital.

Ele concordou com um aceno, ao mesmo tempo em que a porta do consultório voltou a abrir.

— Mason, como você vai meu rapaz.

Engoli em seco quando Nadil cumprimentou Mason e Clark com aperto de mãos. Ele continuava lindo, um turco para lá de lindo.

Nadil tinha sido meu namorado por algum tempo, mas vida de médico sabe como é, ele não tinha hora para nada e como eu vivia correndo entre os pacientes e minha mãe, acabamos ficando nisso, um caso entre corredores.

Seus olhos foram para mim junto com um sorriso malicioso. – Eli.

Sorri trocando um abraço rápido com ele. – Nadil, como você está?

— Nem me venha com essa. Temos muito que conversar sua fujona.

Dei uma risada baixa, estava totalmente envergonhada, Mason de um lado me dando olhadas e Nadil quase me comendo com os olhos.

— Vocês se conhecem?

Mason olhava de mim e para Nadil.

— Éramos colegas de trabalho Mason. – Comuniquei.

— Entrem, por favor. – Ele deu passagem para nós três. – Amélia prepare um café para nós, por favor.

O consultório de Nadil era grande, lindamente mobiliado, Mason ocupou o espaço vago entrando com sua cadeira, Clark se sentou na outra e

eu preferi ficar em pé, já me sentia desconfortável com toda essa cena. Se sentasse provavelmente não levantaria mais.

— Então me conte, como você está se saindo Mason?

Nadil ocupou a grande cadeira de couro em nossa frente, cruzando as mãos em frente do corpo.

— Bem. – Mason respondeu rude.

— Dores?

— Às vezes.

— Continua fazendo os alongamentos assim que acorda? –Nadil ia anotando tudo em uma pasta que puxou da gaveta.

— Não.

Nadil balançou a cabeça em negativa. – Sempre é bom realizar os exercícios para conter os espasmos Mason.

Eu notei o pequeno dar de ombros que Mason deu. – Eu estou fazendo tudo corretamente.

— Ele teve febre alta. – Clark, recebeu um pequeno soco nas costas por contar.

— Febre? Isso não estava no relatório.

Nadil deu mais uma olhada, depois encarou Mason.

— A febre... – pigarreie. – Foi depois do envio do relatório. Mas, Mason passou bem todos esses dias.

— Srta. Hope. – Nadil sorriu. – Quanto tempo tem feito as sessões com Mason, esse rapaz é osso duro de roer.

— Alguns meses. Eu percebi grande melhora e fortalecimentos nos músculos superiores.

Nadil voltou a anotar. Deixando um silêncio absurdo na sala, Amélia

entrou deixando uma pequena bandeja com o café e saiu toda sorridente.

— Lis trabalhava aqui com o senhor?

Sabia que Mason estava se mordendo para questionar isso, eu vi que ele lançava olhares feios para Nadil toda vez que ele sorria para mim.

— Lis? Ah, claro. A Elizabeth trabalhava com nossa ala de terapia, além de ser uma namorada fugitiva. – Nadil contou soltando uma risada alta.

Obrigada querido! Falei em pensamentos.

— Namorada? – Dessa vez foi Clark que me olhou com um risinho, vendo a cara amarrada que Mason fez quando ouviu isso.

— Namoramos por um tempo. – confessei.

- Colegas de trabalho e namorados, uau. – Mason soltou sarcástico.

— Quando nos dedicamos a medicina, temos que encontrar alguém que entenda como é acordar no meio da noite para resolver uma emergência. – Nadil comentou sorrindo. - Mas nossas vidas eram corridas e com o tempo foi ficando difícil de manter qualquer relacionamento. – Nadil tomou um gole do seu café devolvendo a xícara à mesa. – E Elizabeth foi cruel, decidiu se mudar e me deixou vendo navios como dizem os mais antigos.

— Não foi bem assim. – sussurrei.

Nadil soltou outra gargalhada, ele sempre gostou de me deixar encabulada, sempre foi sua diversão.

— Por isso falo, você está em excelentes mãos Mason.

— Pode ser.

— Bom, eu quero fazer alguns exames com você, preparei uma ressonância. Você sabe o que tem que fazer, se precisar de ajuda é só chamar.

Mason passou por mim com a cadeira, por pouco não passou por cima do meu pé. Clark se divertia com o mal humor do amigo como ninguém.

— Eu vou visitar a ala de fisio. – Disse pegando minha bolsa e saindo

o mais rápido que consegui da sala.

Dei graças a Deus que a recepção estava vazia, assim poderia pelo menos respirar agora com mais calma.

Capítulo 32

Mason Lennox

Namorada? Meu queixo quase caiu quando ouvi isso do meu médico. Já tinha me aborrecido com Elizabeth por se recusar a ir conosco no carro, mas também não iria assumir na frente de Clark que queria sua presença. Ele já estava cheio de gracinhas para o meu lado desde que viu Lis saindo do meu quarto no dia anterior.

E minha raiva aumentou mais ainda quando Lis começou a correr igual uma louca na estrada, ela não tinha o mínimo de senso. Aquela estrada era perigosa ainda mais no tempo nublado que estávamos enfrentando. Natali também confiava bastante no carro e na estrada e olha o que tinha dado. Desde o acidente eu não corria mais, não passava do limite permitido, seja na estrada ou na cidade. Eu já tinha dado um passo muito grande ao voltar a dirigir, e, me senti livre tirando esse peso dos meus ombros, era muito bom dirigir, mesmo que fosse um carro todo adaptado.

E como se não bastasse o dia já tinha começado uma merda, e ainda tive que ver meu médico todo de sorrisos com Elizabeth. Ela ficou realmente envergonhada com a situação, ficava me olhando, testando o que eu faria com aquela informação.

E o que poderia fazer? Eu estava *puto*? Lógico queria passar com minha cadeira no pé do meu médico. Estava com ciúmes de imaginar outra boca, outra mão tocando o corpo pequeno de Lis? Sim. EU. ESTOU. MORRENDO. DE CIÚMES.

Fiquei satisfeito quando ela saiu dando uma desculpa qualquer.

Nadil pareceu com os instrumentos de praxe para seu exame, eu não tinha gostado da história de pedir outros exames. Estava indo tudo bem, eu tinha sensibilidade nas pernas e nos pés, por conta de alguns exercícios eu tinha mais força nos braços, conseguia até ficar de pé por algum tempo.

NACIONAIS-ACHERON

Estava mais do que nunca, ansioso para ver quando poderia largar esse *trambolho* que me acompanhava.

— Mason, vou pedir para uma enfermeira ou até mesmo Clark te acompanhar nos exames.

— Por que disso? – Perguntei desconfiado.

— Quero analisar realmente seu progresso.

No fundo mesmo com minha ânsia para voltar a andar eu sabia como as coisas funcionavam. Mesmo a sensibilidade tendo voltado nada mais acontecerá.

Nenhuma mudança a não ser a minha força que aumentava. – Já deveria ter ocorrido alguma mudança.

— Não vamos nos precipitar rapaz. – Nadil deu um tapinha em minhas costas. Ele sempre me tratou como um menino mesmo tendo alguns anos a mais que eu.

Tudo no automático, assim que eu fazia as coisas. Observei me aplicarem o contraste e me ajeitarem para o exame. Aquele resultado, aquelas pequenas palavrinhas numa folha em branco poderiam significar muita coisa, poderia ser o começo de algo novo ou apenas de uma coisa que já sabia. A meia vida.

Eu não pude deixar de pensar em Elizabeth, ela não demonstrava sequer um olhar de pena ou se incomodava com minha situação física. E o meu maior medo, aquilo que sempre aparecia em minha mente, eu poderia ser tudo que ela queria, ou precisava?

Deitei na maca estreita da ressonância, me mantendo imóvel. Ignorando os barulhos que a máquina fazia, aquilo mudaria minha vida. Seria minha sentença se eu poderia ainda ter esperança de andar ou não.

Segundo meu médico o resultado sairia em algumas horas, por isso nem peço para Clark me levar daqui, pergunto para umas enfermeiras que passam por mim onde fica o setor da fisioterapia. O andar que elas me indicam é repleto de desenhos de bichinhos, flores e estrelas. O barulho de

música vem de uma das portas que estão abertas, passo devagar vendo as crianças sentadas em uma roda.

— Agora é minha vez tia. – Uma menininha com cabelo de cachinho pula toda alegre no meio da pequena roda.

— Vamos Melissa, é a sua vez.

A mulher no meio das crianças tem um penteado infantil, e uma pintura de borboleta no rosto. Todas as crianças falando ao mesmo tempo, sentadas e empolgadas com o que a mulher possa estar fazendo com elas.

Solto um sorriso para a cena, achando a mulher muito corajosa por estar ali com todas aquelas crianças. Eu sabia por experiência própria que era difícil cuidar de uma criança, imagine todas aquelas juntas.

Um médico com jaleco decorado com aviões passa por mim.

— Ei... – O médico se vira sorrindo para mim. – Eu estou procurando a ala da fisioterapia, mas acho que me perdi.

— Não, é nessa porta mesmo. A enfermeira pode te ajudar, quer que eu chame por ela?

— Não, pode deixar. – Olhei de novo para a sala notando uma cabeleira cor de fogo passar para o canto mais afastado da sala.

Elizabeth.

Chego minha cadeira mais para frente ocupando o espaço da porta. Meu coração aperta por um segundo, uma menina não maior do que minha Ever balança a cabeça com um bico de birra.

Quando Elizabeth se senta na frente das duas crianças eu observo mais a cena, a menina não tem um dos braços e o menino, mesmo com um sorriso no pequeno rosto está sentado em uma cadeira de rodas.

Por quê? Se era difícil para um adulto imagine todo o preconceito, tudo que essas crianças enfrentavam...

Elizabeth brincava o tempo todo com os dois, tirando risadas e

sorrisos deles. O que me deixa mais chocado é pelo tamanho deles, parecem tão pequenos, tão indefesos. A menina poderia estar brincando de boneca, correndo junto com as outras meninas e o menino poderia estar correndo, brincando de bola com seus amigos, andando de bicicleta...

E nada, nem mesmo isso tirava o sorriso dos dois. Eu, velho do jeito que estou, com meus trinta anos, a alguns meses de fazer trinta e um só sei reclamar. Realmente era um tapa na cara.

— Eles a adoram. — A mulher que estava no meio das outras crianças tinha parado ao meu lado sem que eu percebesse.

— Ela é realmente encantadora. — Sussurro, pigarreando para que minha voz volte ao normal. — O que houve com aqueles dois?

— Ray nasceu com problemas nas pernas, e com passar do tempo perdeu os movimentos. Já a Phoebe chegou ao hospital com dois anos de vida, foi realmente um milagre que ela tenha sobrevivido.

Virei um pouco minha cadeira olhando para a enfermeira.

— O que aconteceu?

— Phoebe foi atropelada por uma moto, os pais praticamente a deixaram aqui, veem poucas vezes e quase nunca é para vê-la. Uma pena.

Ela deu de ombros. — Ainda sou nova aqui, a Dra. Hope que cuidava deles, e, olhe só, eles estão adorando estar com ela novamente.

Olhei mais uma vez para Elizabeth, um grande sorriso cobria seu rosto, ela estava calma e relaxada. Sentada no chão com Phoebe e Ray perto dela assim como as outras crianças foram se juntando.

— Mason.

Tomei um susto quando Clark deu um leve aperto em meu ombro.

— Dr. Nadil quer vê-lo.

Engoli em seco, tinha chegado o momento. Dei uma última olhada para Lis, gravando seu sorriso e sua paz dentro de mim mesmo.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 33

Lisa Hope

Foi uma alegria imensa rever as crianças, era muito bom matar a saudade deles. Alguns que faziam parte do meu quadro de pacientes hoje não estavam mais, outros como Phoebe e Ray estavam lá, sorridentes e cheios de amor para dar. Clair, a nova enfermeira estava no meio de uma pequena roda quando entrei, contando alguma história que prendia a criançada.

Estar no meio dos pequenos, era como um bálsamo, cada um tinha uma história, um tipo de sofrimento e nenhum, mesmo com todos os problemas, por viverem em um hospital, nenhum tinha perdido a alegria de viver, isso tornava meu trabalho ainda mais gratificante.

Quando eu recebi a mensagem de Clark avisando que Mason tinha recebido notícias ruins e eles tinham saído do hospital meu peito se apertou, uma pontada se infiltrava, ficando forte dentro de mim.

Despedi-me de cada criança com um beijo e um abraço. Precisava ver Nadil e saber realmente o que havia acontecido.

— Já está indo Elizabeth?

— Sim Clair, estou acompanhando um paciente meu.

— Que pena, espero que volte. – Ela deu uma olhada nas crianças deitadas no chão vendo um filme infantil. – As crianças ficaram felizes por vê-la.

— Eu também, muito. Prometo que assim que tiver um tempo eu retorno.

Sai em direção aos elevadores a passos largos, para minha sorte Nadil estava no saguão do seu consultório.

— Nadil.

— Eli, pensei que já tinha ido.

— Não, estava com as crianças.

— Entendo, você sempre foi apaixonada por elas.

— Sim, sim. – Vi que ele estava mais sério. – Nadil preciso que me conte o que houve com Mason.

Ele assinou um papel que a outra recepcionista lhe estendia. Depois voltou os olhos para mim.

— Mason não tem mais a possibilidade de andar Eli, seu quadro estagnou.

Parecia que meu chão tinha se aberto, uma enorme cratera estava abaixo de mim.

— Ele não... – Não conseguia completar a frase.

— Mason mesmo tendo feito tudo que foi pedido, mesmo com a sensibilidade notável em suas pernas não foi o suficiente, os nervos não se conectaram. Ele teve realmente uma melhora surpreendente, porém não foi o bastante. O que pareceu uma alta chance, estagnou.

— Meu Deus Nadil!

Eu precisava vê-lo, precisava estar com ele. Mason estaria arrasado e eu não poderia deixá-lo agora, não importa quantas vezes ele tenha me afastado. Eu não poderia deixá-lo sozinho nesse momento.

— Eu realmente preciso ir Nadil.

— Eu entendo, me ligue quando tiver disponível. – Escutei Nadil dizer enquanto corri porta a fora, parei um instante na recepção escrevendo uma mensagem para Clark, pedindo o endereço de onde eles estavam.

Eu conhecia esse bairro, era afastado do centro, mas com sorte chegaria rápido. Acelerei o máximo que pude, correndo em direção ao Mason, correndo para ele...

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 34

Mason Lennox

Eu não enxergava o que estava em minha frente, eu só escutava as palavras que Nadil havia me dito. *Sua lesão não terá mais progressos. Minha mão suava, meu estômago estava embrulhado. Seus exames não mostram mais nenhuma melhora.* Respirei fundo, Clark me encarava preocupado. *Eles não estão perfeitamente conectados, você não terá os movimentos, apenas sensibilidade.*

— Pare o carro, Clark.

Clark me olhou surpreso.

— Para a merda desse carro!

Ele desacelerou, parando no meio fio da rua. A náusea fechou minha garganta por completo, não contive o a vontade de colocar tudo para fora. Meu estômago parecia comprimido.



Minha antiga casa estava exatamente como sonhei, a varanda estava mais limpa do que em meu sonho, o amontoado de correspondência também não estavam lá. Clark desligou o carro, abrindo a porta da frente e arrumando tudo para que eu pudesse entrar.

Montei a cadeira, saindo do carro. A entrada continuava a mesma, com exceção das flores que Natali cultivava, mortas como todo o resto. Clark me ajudou a entrar na casa que era, e ainda é minha.

Parecia outra vida, me sentia tão vazio como aquela casa, abandona e esquecida como ela devia se sentir.

Não havia como fugir, nem do que escapar.

Minha realidade era essa, sempre preso a essa cadeira. Sempre preso
NACIONAIS-ACHERON

num eterno ciclo de recordações. Aquele Mason que eu tinha esperanças de recuperar com Lisa, o Mason que eu tinha tanta certeza que conseguiria voltar a andar... Acabou de perceber que não haveria mais nada.

— Max... Você...

— Não Clark, me deixe sozinho. – Esbravejei.

— Podemos ir atrás de outra opinião, Mason.

Eu podia ouvir o receio na voz de Clark. Ele sempre esteve comigo, desde que deixei o hospital. Sempre me ajudando, sempre me aturando quando tinhas as piores crises.

— Caia na real, Clark, não tem mais chances. Nada disso me pertence mais. – Soquei uma das pernas sentindo uma dorzinha aguda. Maldita sensibilidade. Pra que tê-la se tudo estava perdido?

Peguei o primeiro vaso que surgiu em minha frente e arremessei-o contra a parede oposta. *Inferno!*

— Mason.

— Saia Clark. Me deixe em paz!

Escutei-o se afastando com passos lentos, esperando que eu explodisse de novo e precisasse dele.

Parado ali, no meio da minha sala, onde tinha inúmeras lembranças eu não estava pensando apenas em andar e sim em tudo que eu tinha planejado a conquistar com isso, tudo se evaporando como fumaça.

Capítulo 35

Lisa Hope

A ansiedade corria pelo meu corpo como ácido nas veias, eu sabia o que poderia encontrar, mas não tive palavras para explicar o que senti quando encontrei Mason parado no meio de uma sala destruída, e com os móveis revirados.

Mason tinha se agarrado a fisioterapia como uma tábua de salvação, eu sabia que ele desejava andar, como se o fato de andar recuperasse um pouco da vida que ele tinha.

Quando cheguei ao endereço que Clark me mandou por mensagem, me deparei com casas espaçadas, um pouco parecidas com Corning, mas sem a movimentação de vizinhos nas ruas. Estacionei no meio fio, Clark estava sentado nos degraus da frente.

— Finalmente você chegou. – Disse assim que cruzei o pequeno portão.

— O que aconteceu Clark?

— Eu preferia que ele gritasse, que ele tentasse algo, não que ficasse calado.

Ouvi um barulho de coisa se quebrando dentro da casa.

— Quem sabe com você ele... Você sabe.

Fui até a entrada, passando pela porta encostada com cautela, se não soubesse que o próprio dono estava ali eu teria acreditado que um furacão tinha passado. Respirei fundo quando cruzei o portal entrando numa verdadeira zona de destruição. Mason estava sentado no meio disso tudo, olhando para a parede onde havia um grande quadro com Mason e sua esposa e filha. As mesmas que estavam nos porta-retratos em Corning.

— Mason. – Chamei.

— O que você está fazendo aqui? – Perguntou surpreso.

— Vim aqui por você.

— Então já sabe do veredicto? *Aleijado* para o resto da vida.

Mason soltou uma risada sinistra que reverberou por toda casa silenciosa.

— Acredito que já tivemos esse tipo de conversa.

Tirei alguns cacos de vidro da poltrona branca ao meu lado, me sentando na ponta. Mason virou um pouco em sua cadeira me olhando como se tivesse tomado um soco no estômago. Ele pigarreou e voltou a se virar, ficando de costas para mim.

— Volte para Corning, ou faça o que você queria fazer. Não sou companhia para ninguém.

Observei um pouco o ambiente que eu estava, por baixo de toda poeira e abandono devia ser uma casa muito aconchegante, um verdadeiro lar. E isso atizou minha curiosidade, ali era onde Mason morava. O Mason que sorria para mim, mesmo tendo um pouco de culpa nos olhos. Ali, aquela casa mais que ninguém tinha recordações e impressões de quem era o Mason Lennox.

— Qual parte do “saia” você não entendeu?

— Estou confortável por aqui. Preciso apenas ir ao banheiro. – Dei de ombros quando ele olhou novamente para mim.

Mason bufou, apontou o corredor. – Primeira porta em frente à escada. Depois pode me deixar sozinho. Isso é pedir muito?

Encolhi-me, mas eu conhecia Mason, se confrontado ele se arriçava como um gato bravo. Tudo era questão de saber onde pisar com ele.

Subi os degraus analisando tudo, e quando cheguei ao alto da escada segui para o lado oposto da indicação que Mason deu, a porta de um dos quartos estava aberta.

Andei devagar para que ele não me ouvisse mexendo em suas coisas, tudo que não precisava era ele ainda mais irritado. O quarto era de sua filha, todo pintado em tons de rosa, algumas flores na parede onde ficava a cama. Os livros de princesas espalhados em uma pequena mesinha de desenhar, assim como alguns desenhos de gato, homem e mulher de palito.

Como o resto da casa tudo abandonado, deixado para trás. Pensei em como era a vida deles, como seria morar ali, ter um bebê correndo pela casa.

Vozes masculinas no andar de baixo me chamaram a atenção, voltei para o corredor vendo um rapaz bem-apessoado parado na porta com Clark ao lado.

— Eu não sabia que estava aqui Mason. — Ele continuou. — Eu vim apenas dar uma limpada, Jules não acha certo as coisas acabarem estragando.

— Finja que eu não estou aqui, Peter.

Desci, deixando minha presença ser notada pelo rapaz parado na entrada.

— Oi, sou Lisa Hope.

— Peter Fisher, ou Toddy como todos me conhecem.

— Será que vocês não podem me deixar em paz, vão embora todos! — Gritou Mason, finalmente se virando. Seu rosto estava sombrio, frio. Nada do que eu vi durante esses dois dias.

O silêncio ficou insuportável na casa, Clark e Peter foram os primeiros a saírem deixando a porta aberta. Eu permaneci olhando no fundo os olhos dele, e foi aí que ele vacilou pela primeira vez, ele não queria a solidão. Apenas não sabia como pedir para que ficassem ao seu lado.

Não me segurei, não contive meu ímpeto de andar apressada até ele, sentando-me em seu colo. Mason se retraiu de susto, os braços apertando a cadeira, seu corpo tenso. Mas, mesmo assim eu o abracei, segurei firme em seu pescoço.

— Eu não sairei do seu lado, apenas estou te dando um momento para respirar. — Sussurrei.

NACIONAIS-ACHERON

Não esperei por resposta, apenas sai de seu colo e fui para fora,
fechando a porta com um baque seco.

*“Saia das sombras e entre na minha vida Silencie as vozes que te
assombram por dentro E basta dizer a palavra, vamos enfrentar o mundo
Basta dizer que você está ferido, vamos enfrentar o pior”*

(Take On The World – You Me At Six)

Capítulo 36

Mason Lennox

“Não pode ser visto, não pode ser sentido. Não pode ser ouvido, não pode ser cheirado. Encontra-se atrás das estrelas e sob montes, e os furos vazios enchem-no. Ele vem primeiro e segue depois, termina a vida, mata o riso. ”

— J. R. R. Tolkien

Coloquei a cadeira próxima a janela, eu podia ouvir eles conversando lá fora, a voz do meu velho amigo querendo saber tudo que pudesse, assim como a voz doce de Elizabeth.

— *Ele vai ficar bem.* – Ela falou, como se acreditasse nisso de verdade.

— *Não queríamos que ele se afastasse de nós, todos ficamos procurando por qualquer sinal dele. Eu e Nathaniel, nos revezamos para manter a casa bem, ninguém quer vê-la caindo aos pedaços.*

— *É bom ele saber que existem pessoas que o amam.*

— *Você é amiga do Max?*

— *Eu...* – Elizabeth titubeou, ouvi e vi sua postura mesmo por detrás das cortinas da janela, ela não sabia o que falar.

— *Sou fisioterapeuta.*

Eu entendi sua confusão.

Enquanto estava naquela casa, sozinho. Sentindo dor, revolta e receio do futuro. Era como se eu tivesse seguindo a maré e depois de tanto nadar descobrir que não daria em lugar algum.

E em meio a tudo isso, ver o rosto delicado e a atitude determinada de Lis. Isso me lançou luz sobre todos os pensamentos obscuros, sobre todas as

NACIONAIS-ACHERON

dúvidas. E, eu pensei que talvez, um simples talvez, eu conseguisse seguir em frente.

Eu talvez não tivesse perdido tudo, talvez eu pudesse sair de tudo isso renovado.



A noite já tinha caído quando eu finalmente consegui terminar de arrumar a bagunça que causei. Peter tinha ido embora se despedindo de forma calorosa de Elizabeth e Clark, e mesmo sua forma desajeitada de dizer tchau para mim me fez bem.

Clark tinha saído há algum tempo para arrumar algum lugar para ficarmos, ninguém questionou minha decisão de não dormir ali. Eu ainda não estava preparado para isso.

O caminho até o hotel foi em completo silêncio entre nós, Elizabeth se mantinha focada no trânsito, enquanto eu admirava seu rosto secretamente.

Hora ela franzia o cenho para os motoristas, outra balançava suave a cabeça no ritmo da música, mas nunca olhava para mim. Nem mesmo reclamou quando Clark reservou um quarto para mim e ela, Elizabeth não disse nada. Apenas pegou suas coisas e se trancou no banheiro.

Eu já estava deitado na cama quando ela saiu do banheiro, seu cabelo ainda úmido, a camisa grande demais para o belo corpo que eu sabia que existia ali. Eu analisei de cima a baixo, absorvendo cada detalhe, ergui o lençol como um convite e ela não pensou duas vezes.

Subiu na cama, soltou um suspiro pesado olhando para mim. Elizabeth se aconchegou ao meu lado, seu braço pousando de leve sobre minha barriga.

— Me perdoe. — murmurei.

— Você não tem que pedir desculpas.

Abracei seu corpo com mais força. Não tinha como eu me expressar, Elizabeth não era do tipo que pedia explicações, ela apenas continha sua curiosidade, guardando-a para um momento mais adequado, seus olhos brilhavam levemente com a luz do abajur.

Foi impulsivo. Foi tão bom.

Desci minha boca sobre a sua, tomando-a para mim. Um beijo faminto, necessitado, doce e feroz ao mesmo tempo. Senti meu corpo em chamas, a beijei por mais mil vezes, apenas guardando-a na memória. Guardando seu cheiro, o toque de suas mãos por meu corpo, guardando seus suspiros quando minha boca sugava com avidez sua pele, seu seio. Sentindo ela se contorcer a cada lambida em seu corpo. Vendo a profusão de fogo que eram seus cabelos se espalhando sobre mim.

“Deixe-me amá-la antes que o amanhã chegue e te leve de mim. ”



Já se passava da uma da madrugada. Algo dentro de mim sabia que ele estaria acordado.

Tirei Elizabeth de cima do meu corpo, me arrastei até a cadeira com o celular na mão. Já na sala liguei para pessoa que não teria coragem de nunca mais ligar.

— Mason. – Ouvi ele abaixando o volume da TV. – Como você está?

Um tremor tomou conta de mim. – Eu...Sinto muito.

— Max, você sempre foi um filho para nós. Nada foi culpa sua, Deus tem formas engraçadas de nos mostrar que não somos nada perto dos ensinamentos que Ele tem para nos passar. – Ele fez uma pausa. – Nossa Natali está feliz, onde quer que esteja.

Um soluço escapou de minha garganta.

— Sabe Mason, foi muito difícil perder duas pessoas, não nos deixe perder você também. Clarisse viu você no quintal, só quero que saiba que sempre estaremos aqui.

O pai de Natali soltou seu próprio suspiro. Ele continuou falando algumas coisas triviais, coisas que Natali adoraria saber sobre os pais, sobre Dona Clarisse ter inventado que estava na hora deles fazerem exercícios físicos. Coisas que para quem ouvisse pareciam banais demais, mas para mim era um alívio.

— Obrigado. – sussurrei antes de desligar.

— Ligue quando quiser Mason, estaremos aqui para você.

05 de Novembro de 2015

Um mês na semivida.

A grama bem cuidada do cemitério balançava suavemente, como se zombasse de mim. Nem mesmo o Sr. Botas sobreviveu ao maldito acidente. O acidente era simples de explicar, foram uma série de erros isolados e que no fundo se somaram. Quando Natali e Ever pegaram a estrada a leve garoa se transformou em uma chuva forte, assim como o vento começou a ganhar força. Ali estava o primeiro erro.

Natali, assim como eu bem sabia, odiava dirigir no temporal. Eu conseguia imaginar minha esposa olhando para o banco de trás pelo retrovisor e aumentar um pouco a velocidade, apenas para chegar mais cedo.

Aquele foi o segundo erro.

Se ela tivesse esperado um pouco mais, ou se tivesse atrasado por alguns minutos. Ou se eu não tivesse combinado de ir para o encontro com os amigos, afim de não me encontrar com o irmão de Natali, poderia ser diferente. Esse foi o terceiro erro.

Perto de Corning, em uma curva um carro perdeu o controle invadindo a pista contrária, Natali mesmo tentando desviar foi lançada para fora da estrada o que fez o carro capotar.

E ali parado no meio das duas lápides, onde estavam as pessoas mais importantes da minha vida, tudo que tinha era raiva, ódio por Deus ter tirado-as de sua vida e ainda como castigo deixado para sempre um inútil em uma cadeira de rodas.



— Então é assim? Você vai fugir? – Clark estava com cara amarrada

NACIONAIS-ACHERON

desde que deixamos Elizabeth em Nova York e viemos para Corning.

Eu tentei ignorá-lo como estava fazendo nos últimos dias, mas hoje estava insuportável.

— Não estou fugindo, apenas estou arrumando minha vida, não preciso mais dos serviços de Elizabeth. Vou arrumar minhas coisas e voltar para minha antiga casa.

— Você vai perdê-la para sempre, sabe disso, né? – Clark me questionava, travando minha passagem para o quarto.

— Vai ser melhor para todos.

Senti o conhecido bolo na garganta quando falei isso, mas tratei de ignorá-lo. Realmente seria melhor para todos. Lis pediu alguns dias de folga para ir ao casamento da mãe, o que facilitou em muito minha decisão.

Assim como eu sabia que não poderia mais ter os mesmos sonhos, para que arrastá-la junto de mim para uma vida que não era digna para uma mulher como ela? Cheia de limitações para o resto da vida? Não era isso que eu desejava para ela.

— Você está fechando a porta na cara da felicidade, e ainda quer ter motivo para esbravejar. – Clark resmungou.

— Você não entende.

— Entendo sim, você acredita que ninguém, nem mesmo Elizabeth que já se envolveu com você tendo todas as suas limitações, possa ter uma vida feliz.

Olhei para ele, poucas vezes eu tinha visto Clark realmente incomodado ou bravo com algo.

— Você não se dá a oportunidade de viver, você deseja se afundar nesse seu abismo.

— Não posso, não é justo. Não posso amar outra pessoa, não posso empurrar Elizabeth num abismo se eu mesmo não saio dele.

— O que está feito, está feito. O passado não muda, você não vai embora porque não consegui dizer adeus ao passado. Você vai embora porque está sendo covarde demais para ser feliz.

Franzi a testa para tudo que ele estava me falando, Clark não esperou uma resposta, virou as costas e saiu, sumindo de minha vista.



Era difícil subir a rua onde Elizabeth morava e não olhar para sua casa, as luzes ainda estavam apagadas, o carro ausente. Ela não havia retornado.

Passava um pouco das dez da noite, a pequena luz acesa atravessava a cortina branca da sala de estar. Os grandes vasos de Begônias que minha sogra cultivava estavam ainda mais bonitos.

— Vamos entrar? – Questionei para o gato, atualmente apelidado de Roliço. Ele me olhava balançando o rabo de um lado para o outro na calçada. Pulou para meu colo com um miado baixo. – Vamos lá.

Não precisei chegar perto dos pequenos degraus que tinha na varanda, uma sombra chegou perto da porta, Dona Clarisse foi a primeira a colocar os olhos em mim e um segundo o pai de Natali estavam ao seu lado me ajudando a entrar.

— Eu... Desculpa aparecer assim, eu apenas queria... Eu preciso... – Pigarreei tentando fazer meus pensamentos saírem coerentes.

— Querido, apenas fique. – Dona Clarisse veio em minha direção me abraçando e sorrindo para o Roliço em minhas pernas.

Ali no meio desse casal, que conhecia tão bem, que eram praticamente meus próprios pais, me senti em casa.

Era aconchegante, era bom.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 37

Lisa Hope

O casamento de minha mãe foi simples e muito bonito, apenas os amigos mais chegados, nada de extravagante e em todo o momento eu fiquei feliz por ver o amor dos dois. Minha mãe sorria tanto que eu fiquei contagiada por sua felicidade.

Não me surpreendi quando Clark me avisou que ele e Mason estavam retornando, afinal Mason devia ter um momento a sós, ele precisava se sentir longe dos pensamentos obscuros, e, seria bom para eu poder respirar no meio disso tudo.

Mas minha maior surpresa foi quando retornei, eu queria vê-lo, ansiava para por meus olhos em seu rosto, seu cabelo desalinhado e aquela barba rala em seu rosto másculo. Não poderia mais me esconder, ele já tinha percebido e eu não fazia mais questão de esconder que eu amava Mason Lennox.

— Ele... Mason foi embora? – perguntei ao Clark, enquanto Sra. Macley nos preparava uma xícara de chá, no sábado à tarde.

Eu tinha retornado na sexta-feira, mas como estava muito cansada preferi esperar o dia seguinte, quando não recebi nenhuma mensagem dele decidi vir vê-lo. Eu precisava vê-lo. Pelo menos saber como ele estava.

— Cinco dias, Liza.

— Ele foi embora? Não né, quando ele volta Clark?

Clark me observou sério, nada brincalhão como ele costumava ser.

— Não sei, Lisa.

— Onde ele está?

Silêncio dominou a cozinha aos poucos.

— Clark? – Pressionei.

— Eu não sei Lisa, ele não disse para onde ia. Na verdade, eu nem vi quando saiu, e não sei onde e nem se ele quer ser encontrado.

— Por isso ele não respondeu minhas mensagens.

— Elizabeth, sei que deve ser difícil, nem sei o que falar.

Não tinha mais nada para fazer ali, na verdade, estava me sentindo sufocada dentro daquela casa, sentia as paredes se fechando ao meu redor, como se a presença de Mason gravada naqueles móveis tivesse me encarando, me expulsando como na primeira vez.

— Eu... Eu preciso ir. – Disse contendo uma lágrima que queria sair.

— Lisa. – Clark me chamou.

Mas já era tarde, eu já tinha corrido para fora dali, já tinha me chutado para longe como Mason Lennox queria.



Naquela noite, vi as horas passarem lentas, me deitei por volta das quatro da madrugada e nem assim consegui dormir. Só fiquei encarando o teto do meu quarto no escuro até entrar em sono profundo.

Parecia que eu nem tinha dormido, meu corpo parecia alerta com tudo que acontecia. O barulho da campainha foi o que realmente me tirou da cama. Vesti um casaco de moletom e um chinelo já descendo as escadas.

— Estou indo. – Gritei para quem quer que tivesse lá, quem sabe assim parava com a algazarra que estava fazendo com a campainha.

Abri a porta me deparando com Lanie, um sorriso no rosto e um saco pardo grande em seus braços.

— O que você está fazendo?

— Salvando você.

Lanie passou por mim indo para a cozinha.

— Quem disse que eu preciso ser salva? – perguntei.

— Quem sabe um morenãõ alto, chamado Clark. – Ela se virou com o rosto mostrando os primeiros sinais de irritação. – Sabe eu poderia ter escutado tudo de você, e não do carinha gostoso que estou pegando.

— Você e o Clark? – perguntei surpresa.

— Sim, mas você estava ausente demais tentando ser algo na vida de Mason, e veja no que deu. – Ela apontou para mim.

Sentei no sofá ignorando suas palavras.

— Você pelo menos dormiu? Ou sei lá, tomou banho?

Dei de ombros.

— Vamos lá conte tudo, estou disposta a ouvir você sem te bater.

Lanie se jogou na poltrona de frente para mim. E, eu contei, contei tudo que passei, todos os sentimentos confusos, os momentos que tivemos. Desabafando com minha amiga sobre todas as coisas que não dariam certo entre mim e Mason e mesmo que tentasse, ele acabou fugindo, se afastando de mim. Lanie acompanhou tudo sem dizer uma palavra, seu olhar ficou sereno e eu percebi que era realmente um caminho complicado.

— Amiga, eu queria muito que não tivesse escutado sobre isso da boca do Clark, e conselhos são os piores nesse momento.

— Eu sei... Eu só...

As palavras não saíam, eu não conseguia dizer em voz alta.

— Você o ama. – Ela concluiu.

Balancei a cabeça concordando.

— Eu não sou a pessoa certa para dar palpites, ainda mais de amor. E

nem acredito que exista uma pessoa certa para isso. Mas você tem que viver um dia de cada vez.

Lanie se sentou ao meu lado no sofá me puxando para seu colo.

— A vida às vezes é uma merda.

— Pois é, mas sempre podemos dizer “foda-se” e sorrir pelas pequenas coisas.

— Você está poética hoje. – Brinquei.

Lanie soltou uma risada e me deu um tapinha de leve na testa. – Eu tenho meus momentos, mas não sai espalhando por aí forasteira.

– Sinto muito que você tenha se magoado.

— Eu também Lanie, eu também.

— E o que faremos hoje? Eu trouxe todo tipo de coisa para uma festa do pijama. – Lanie trançou algumas mechas do meu cabelo. – Podemos chorar assistindo *A escolha*, ou podemos pegar um pote enorme de sorvete, uma dose extra de chocolate e assistir *A Invocação do mal 2*...

A Invocação venceu, assim como todos os outros filmes de terror que vieram a seguir.

Capítulo 38

Mason Lennox

Algumas semanas se passaram desde que deixei realmente Corning para trás, e logo seriam meses. Tinha voltado para Nova York, tinha voltado para a vida que abandonei há anos. Boa parte do tempo estive em companhia de Peter, arrumando e reorganizando a casa. Meus antigos amigos vindo às vezes, porém o único que permaneceu o tempo todo mesmo quando não estava em um dia bom foi o Peter.

Quando Janeiro chegou levando as festas do final do ano embora eu agradeci internamente. E eu ainda pensava em Elizabeth, sentia saudade de seu jeito resmungão, ou de seus disparates para cima de mim. Ainda estava sentindo o peso do passado sobre mim, mas tinha conseguido dizer adeus.

Natali e Ever não visitaram mais meus sonhos, ambas cumpriram o que falaram. Era hora de recomeçar, e mesmo recomeçando, retomando minha vida eu me sentia vazio.

— Mason?

Peter saiu para o quintal dos fundos, trazendo consigo duas garrafas de cerveja. – Que tal relaxarmos um pouco?

— Você não tem que ir para sua casa Toby?

Ele sorriu, olhando para o relógio em seu pulso.

— Daqui a pouco Jules vai querer o divórcio por você passar tanto tempo comigo.

Ele sorriu tomando um gole de sua cerveja. – Na verdade, hoje você está me livrando de um jantar bem chato com as irmãs dela.

Sentamos juntos na varanda olhando o sol se pôr ao longe, deixando o tempo mais gélido.

— O que você está pensando em fazer com a casa de Corning?

— Não sei ainda, não pensei muito sobre o assunto.

Na verdade, eu estava evitando pensar, evitava pensar sobre certa moradora de Corning, mesmo que seus cabelos cor de fogo aparecessem em meu sonho assim como o cheiro floral de seu corpo.

— Posso te ajudar se quiser, podemos ganhar um bom dinheiro, Clark disse que era uma casa e tanto.

Clark, ele tinha me visitado algumas vezes. Tinha conseguido um emprego aqui em Nova York, mas seu coração estava em Corning, assim como o meu.

Amarrados aos pés das moças que ali moravam.

Ergui os olhos saindo dos meus pensamentos, Peter me olha com interesse.

— O que foi?

— Você tem mesmo certeza que está bem, cara?

— Sim.

— Você sabe que pode voltar atrás, pode ir procurá-la.

— Do que você está falando?

Peter deu uma risada baixa. — Você sabe o que estou falando, a decisão depende de você.

Tomei um grande gole de minha cerveja ignorando seu comentário.

— Eu vi como vocês se olharam, só quero que saiba que não vou te irritar menos se você for um boboca apaixonado. — Brincou.

Eu ri.

— Vou pensar no assunto.

Desde que retornei não visitei o cemitério e agora sentado no carro olhando para o grande portão de ferro sentindo meu corpo frio.

As lápides de Natali e Ever estavam como sempre, limpas e floridas. Encaixei minha cadeira no meio das duas, ficando um minuto em silêncio.

— Oi minhas meninas. Que bagunça não? Nunca pensei o quão complicado era recomeçar. Nunca pensei que um simples passo para o futuro poderia machucar ou me deixar tão confuso.

Meu coração estava apertado dentro do peito. — Na verdade, nada pode substituir o que vocês foram a minha vida ou suprir a falta que vocês fazem. Todos os dias, nas mínimas coisas. Sinto que meu coração vai ficar em pedaços para sempre... Natali, eu nunca quis substituir você, mas... Elizabeth, eu preciso confessar que ela foi um sopro de vida em meus pulmões.

Fiquei com os braços dobrados em volta do corpo. Se eu falasse que não sentia dor a cada dia, que as memórias tinham se tornado mais fácil quando vinham, seria uma grande mentira. Mas, as lembranças são algo que ninguém pode nos roubar. Ao mesmo tempo, pensar nelas é viver preso no passado, e a vida me ensinou que eu devo deixar o passado no lugar que cabe a ele. O que não posso mais alterar, mudar.

— Eu amo a Lis, ela é uma coisa boa. Ela me ajudou a ver a vida, eu me senti vivo com ela. Seria errado eu querer me sentir vivo, mesmo tendo todas as limitações? Seria errado eu querer viver? Mesmo levando vocês em meu coração? Será que eu posso não me amaldiçoar por me apaixonar novamente, você me perdoaria por todos os erros?

Uma gota de chuva caiu sobre meu rosto, e eu senti que aquela garoa era a forma de me mostrarem que tudo ficaria bem.

— Vamos ficar bem. — Sussurrei.

Eu ficaria bem um dia, um dia.

“Me deixe pegar a sua mão eu vou consertar isso Juro te amar por

toda minha vida Espere eu ainda preciso de você”

(Hold On — Chord Overstreet)

Capítulo 39

Mason Lennox

“Você pode me ajudar a não me importar?”

Cada respiração se torna uma oração Tire essa dor de mim Ah, você está tão longe agora Tão longe dos meus braços agora”

(Sia – To be human)

Estacionei na porta de uma cafeteria, hoje não tive aquele desconforto por voltar a Corning, estava com saudade e medo. Eu tinha rejeitado Lisa por muito tempo, tinha evitado todas as ligações e mensagens que ela tinha me enviado. Eu poderia e merecia ouvir um *não*.

A cafeteria estava vazia, empurrei a cadeira para uma mesa mais afastada.

— Não fomos apresentados. – A garçonete tinha uma garrafa de café em uma das mãos, a cara fechada numa careta.

Nada nela era familiar, nem mesmo a blusa cheia de frases, ou os cabelos presos em um rabo de cavalo torto ou seu batom vermelho.

— Desculpe, mas eu não te conheço. – Voltei meu olhar para o cardápio.

— Ah, mas eu conheço você. – Ela bateu a garrafa de café na mesa, chamando atenção dos poucos clientes que estavam ali. – Você é o imbecil que deixou minha melhor amiga em uma pilha de merda.

Engoli em seco.

— E é nesse momento que eu deveria chutar sua bunda.

— Eu não acho que deva satisfações para você. – Retruquei.

— Olha aqui. Eu acho bom você pegar seu narizinho empinado e sumir daqui ela não precisa de você, Elizabeth não precisa que você a deixe com um buraco no lugar do peito novamente, nem mesmo Clark precisa de um amigo que deixem eles para trás como um nada.

— Lanie, está acontecendo algo? – Um homem alto surgiu por trás dela, passando a mão na barba por fazer.

— Nada não Will, apenas colocando um palhaço no lugar dele.

O homem que ela chamou de Will olhou de mim para ela, como se tentasse entender o que eu tinha aprontado para fazer sua funcionária ficar de maneira ameaçadora para mim.

— Lanie. – Chamei-a.

Ela se virou com um olhar mortal para mim.

— Você não sabe de nada. Eu amo essa mulher.

— Haha, que maneira legal você tem de demonstrar isso. – Disse me encarando como se fosse arrancar meus dedos fora, ela balançou os cabelos e pulou o balcão escutando o tal de Will reclamar de sua atitude.



— Por que eu sabia que você retornaria? – Clark recebeu Mason com um grande sorriso no rosto.

— Talvez porque eu tenha ligado?

— Talvez!

Clark me puxou para um abraço sem nenhuma cerimônia. A casa continuava bem cuidada como sempre, não tive coragem de me desfazer dela.

— Como você está?

— Bem, ansioso. – Confessei.

— Você ainda não cruzou com ela?

— Não, apenas com uma mulher maluca chamada Lanie.

Os olhos de Clark brilharam com a menção do nome, eu sabia que meu amigo estava seriamente apaixonado, mas vê-lo assim como um menino desejando o presente de Natal era engraçado.

— Ela é incrível, né?

— Se incrível você descreve uma pessoa que ataca você no meio de um café, ameaçando chutar sua bunda... Então ela é um doce.

Clark ria empurrando minha cadeira para dentro, não me incomodei com seu movimento, eu tinha aprendido muito nesse tempo todo.

— Vejo que sou eu que tenho que passar as notícias ruins.

Olhei para ele, seu rosto ficando sério. – Como assim notícias ruins?

— Lisa está indo embora.

— Embora? Como? Para onde?

— Ela recebeu uma proposta de trabalho, ela demorou bastante para aceitar... Você sabe cara, ela ficou realmente mal quando você foi embora.

— Você não sabe como eu lamento isso Clark, mas eu não poderia ficar como estava, eu precisava desse tempo. Eu não podia empurrar Elizabeth para o buraco negro que eu estava.

— Eu entendo amigo, quem sabe você não consiga conquistá-la novamente?

Sorri. Mas não foi verdadeiro, tudo que eu queria era Elizabeth comigo. Não queria que ela sumisse da minha vida, nem por um segundo, muito menos para sempre.

Clark fez questão de me contar tudo que tinha acontecido por aqui, seu relacionamento com a maluca da cafeteria, até os momentos em que saiu com Lisa. Contou sobre meu pai que às vezes vinha aqui passar alguns finais de semana. Tínhamos ingressado uma conversa animada.

— Clark! Estou entrando.

Aquela voz surgindo pelo corredor fez um calor se embrenhar em meu peito.

Clark sorriu de maneira cúmplice para mim. Esperando que Elizabeth surgisse na sala de estar.

— Clark, estive falando com Lanie e eu queria fa...

Os olhos foram do meu amigo para mim, vi diversos sentimentos passando por eles, dúvida, saudade, amor, raiva, tristeza então eles se comprimiram um pouco. Seus cabelos estavam soltos e maiores do que eu me recordava.

— O que você está fazendo aqui?

Virei minha cadeira um pouco mais ficando totalmente de frente para ela. – Lis.

— Não me venha com Lis! – Ela bufou olhando com raiva para Clark, como se fosse culpa-lo por não avisar que estava aqui.

— Eliza...

— Cala a boca! – Ela gritou. – Você some, você literalmente evaporou da face da Terra e agora vem com essa fala mansa? Você sumiu Mason! Sumiu.

— Você pode me escutar? – Falei de forma mais dura.

Ela bufou, cruzando os braços no peito, fechando ainda mais a feição.

— Eu precisava de um tempo, eu precisava disso. – Passei a mão sobre o cabelo. – Eu não consegui lidar com tudo que estava acontecendo, saber que nunca mais poderia andar foi a porrada que finalizou comigo. Quando voltei para Nova York eu recomecei aos poucos, não foi fácil. E em nenhum segundo você saiu dos meus pensamentos Lis, eu amo você.

— Não! Você não ama! – Ela gritou e quando andei com minha cadeira de rodas um pouco em sua direção ela se afastou. – Você foi embora,

você me deixou como um nada, eu não ligo se você anda ou não. Achei que você me conhecia, mas no fundo percebi que eu sonhei viver um dos romances que leio. Mas no fim, isso não existe.

Coloquei-me novamente em seu caminho, bloqueando sua saída para o corredor. – Eu amo você.

— Por que você continua dizendo isso?

Elizabeth tentou passar por mim, mas com um leve movimento, bati em suas pernas, fazendo ela cair em meu colo.

— Me solte Mason...

Quando meu olhar se fixou em sua boca eu não escutava mais nada, apenas meu desejo de tomá-la para mim.

— Não faça is...

Mas não tinha mais tempo, sentir sua boca na minha foi como respirar. Elizabeth entreabriu os lábios respirando de maneira pesada e foi o que eu precisava para minha língua varrer sua boca para mim. As mãos que me batiam se agarraram em meus cabelos puxando-os mais para si, nossos peitos subindo e descendo numa respiração descontrolada, nossas bocas esfomeadas.

Elizabeth soltou um gemido baixo enchendo meu corpo de uma sensação elétrica, essa mulher era minha, tinha que ser. Meu braço apertou sua cintura com força, enquanto o outro guiava minha cadeira para meu quarto. Alguns passos, alguns movimentos mínimos, um fechar de portas e estávamos exatamente onde eu queria. Gemi em seu pescoço quando Lis intensificou as mordidas no lóbulo de minha orelha, minhas mãos apertavam sua coxa, trazendo-a para mais perto, pois não estávamos juntos o suficiente, meu corpo queria ela e eu sentia sua entrega.

Nossas mãos estavam por todos os lugares, coxas, bunda, pescoço, a curva dos seus seios apertados no vestido leve. Levantei um pouco levando minhas mãos por baixo, passando pela renda da calcinha, parando no sutiã, sentindo seu coração bater sob meus dedos.

Liberei seus mamilos do sutiã, tomando-os com a boca, beijando a carne exposta, sugando com avidez, arrancando gemidos dela.

— Eu amo você. E não vou a lugar algum. — Sussurrei em sua pele, gostando do arrepio que isso causou.

Levei Lis para a cama, onde poderia ter todo seu corpo como eu tanto desejava. Subi sem muita dificuldade, estava ficando fácil com o tempo.

Depois que voltei a acomodar Elizabeth sobre mim, tudo se tornou um borrão de beijos, mordidas e gemidos. Sua mão apertava meus cabelos, levando minha boca dos seus seios a sua boca, o que estava me levando a loucura, sentir ela mordendo meu lábio inferior juntos com os beijos lascivos que me dava.

Em pouco tempo nos livramos da roupa, envolvi seu corpo em minhas mãos. Lis gemeu baixinho quando seu corpo foi invadido por mim, não demorando muito para tomar o poder e cavalgar, aumentando nossas sensações enquanto eu pressionava o quadril de encontro ao seu corpo. Cada vez que ela começava a descer eu pressionava meu quadril no dela, aumentando as estocadas.

Seu corpo subindo e descendo sobre o meu, nossas mãos vagando sobre o corpo do outro, nossas bocas se encontrando, tudo isso somado levou nossos corpos ao ápice em pouco tempo, arrebetando num brilhante orgasmo.

Lis me flagrou olhando para ela, me deu um sorriso de menina, atingindo minha alma. Deixando-a livre, leve.

A vida pode nos surpreender de diversas maneiras. Às vezes ela pode ser um grande buraco negro, mas às vezes ela era simples, bonita que faz a gente suspirar à toa. No fundo tudo é questão de decisões, não é o jeito como você se move, como você se vê, ouve ou sente que realmente importa. Mas a maneira como você vive, a maneira como você lida com o que foi dado.

E é aí que se torna difícil. Aprender a viver, sob qualquer circunstância, recomeçar e aprender com seus erros. Amar a si mesmo, aceitar que nem sempre a vida irá lhe sorrir, mas tudo tem um motivo. Envolve saber lidar com perdas, e, quando você aprende isso, ela se torna

NACIONAIS-ACHERON

preciosa.

Eu estava aprendendo todos os dias como era realmente viver. E hoje poderia sentir que estava no caminho certo.

— Tudo bem? – Elizabeth perguntou deitava em meu peito.

Beijei o alto de sua cabeça, sentindo o aroma floral que tanto amava, beijei a ponta do seu nariz tirando um sorriso dela e depois beijando sua boca com ternura.

— Estou muito bem, — Respirei fundo. – Muito bem.

Epílogo

Lisa H. Lennox

Quantas batidas são necessárias para o amor salvar um coração? Ou quantos dias podemos olhar para tudo que passamos e finalmente respirar? Cinco anos haviam se passado, cinco anos de superações, amor e momentos de alegria. Uma pessoa não aceita de uma hora para outra que sua vida será diferente, não é de uma hora para outra que você volta a se sentir completo.

Mason era prova disso, tudo foi de passo a passo, como construir uma forte muralha, primeiro você monta uma base sólida, com carinho, amor, fé e vontade de viver.

E no final de cinco anos estávamos ali, eu como Sra. Lennox e bem no meio da sala de estar junto com uma enorme profusão de cobertores e almofadas que estavam espalhados, mais um motivo para recomeçar.

Na TV um seriado infantil passava no volume máximo, os pezinhos de Loren estavam para fora da grande cabana que Mason sempre criava para eles. Abaixei o máximo que a grande barriga permitia, onde em poucos meses teríamos outro mini Lennox, estaríamos aumentando a nossa família.

Loren aninhava o pequeno corpo de Abbi. Loren era Mason em miniatura, o mesmo jeito, os mesmos traços. Ela era uma criança encantadora, seus cabelos castanhos chocolate e os mesmos olhos do pai tiraram suspiros na maternidade quando ela nasceu.

Abbi, segundo Mason, era minha cópia, mesmo com seu jeitinho mandão para uma bebê de apenas três anos. Ela conseguia dobrar todos com seus sorrisos cheios de covinhas e o cabelo cor de fogo, como Mason dizia.

Parei em frente à grande porta que tinha acesso ao jardim, olhando Mason sentado relaxado na varanda. Peter e Jules também tinham se juntado a nós, assim como Brain e seu irmãozinho Tyler. O pai de Mason também estava conosco, assim como Vitória, sua esposa. Mason demorou um tempo para realmente se abrir com seu pai e hoje eu via que se sentia bem por não

ter recusado a presença do seu pai em sua vida. Mamãe e Daniel também, ambos felizes e curtindo todos os dias do casamento.

Suspirei feliz por ter todos ali, principalmente por ter Mason ao meu lado. Ele sempre falava que eu era o sopro de vida, que eu tinha trazido luz para ele, mas comigo não era diferente, Mason mesmo nos dias mais quebrados ou nos momentos mais tristes, era meu porto seguro. Alguém que por trás de toda a névoa eu sabia que estaria ali para me amparar.

Ainda tínhamos alguns dias tristes, em que ele se fechava. Mas também tínhamos dias alegres e fácies, e nosso amor só aumentava. Nos mantínhamos unidos nos dias felizes e nos tristes nos amávamos ainda mais. Apenas vivendo um dia de cada vez, amando um dia de cada vez, amando nossas filhas, vendo o crescimento delas, vendo o crescimento e amadurecimento de nosso amor.

Passei pela porta me juntando aos amigos e familiares na varanda, parei ao lado de Mason.

Ele me deu um sorriso doce. – Tudo bem? As crianças?

— Tudo bem e as crianças dormiram.

Mason beijou minha barriga, me puxando para seu colo.

E ali no meio do jardim mais um dia se encerrava, com a família, nossas filhas, nosso outro pequeno ainda dentro de mim. Quando meus olhos se encontraram com os de Mason eu soube que estávamos inteiros, um dia as feridas do passado se fecharam, deixando apenas uma saudade e lembranças felizes em nosso coração, Mason hoje estava inteiro, completo novamente. Mesmo ainda sem poder andar, mesmo com todas as limitações isso já não tirava mais sua paz, ele tinha aceitado seu destino. Ele tinha superado aos poucos.

Como se adivinhasse o que estava pensando ele falou apenas para eu ouvir. – Eu te amo.

— Eu sempre soube. – Sussurrei em seu ouvido.

Mason sorriu, ancorando seu rosto em meu pescoço, descansando ali,

PERIGOSAS

para o resto de nossas vidas.

Fim.

NACIONAIS-ACHERON